Arnaldo Belmiro

O livro dos

Nós

de trabalhos e decorativos

Ediouro

Arnaldo Belmiro

O livro dos

Nós

de trabalhos e decorativos

Escolinha de Artes
Valdemar Ribeiro
Abril 2005
Rio Janeiro
AB.

10ª Edição

Ediouro

ISBN 85-00-01640-X

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
www.ediouro.com.br

Índice

6 — O LIVRO DOS NÓS

6 — O LIVRO DOS NÓS

Introdução

O melhor meio de se aprender a fazer nós seria, sem dúvida, ter alguém que saiba fazê-lo e possa nos ensinar. Como nem sempre isso é possível, o outro caminho é aprender através de livros, o que, de antemão, podemos assegurar que não é o caminho mais fácil. Será necessário que o leitor preste muita atenção aos esquemas apresentados e os siga fielmente, passo a passo, pois um nó errado nunca será um nó verdadeiro. A dificuldade entretanto poderá ser superada logo que o leitor tenha dominado algumas técnicas básicas e alguns conhecimentos essenciais, como a nomenclatura, pois sempre nos referiremos às funções da corda, como às suas áreas de trabalho, pelos nomes com os quais poderão ser sempre identificadas.

Existem muitos livros que tratam do tema, mas quase sempre de uma forma mais decorativa, como é o caso dos trabalhos artesanais em macramê, assunto sobre o qual passaremos levemente, embora fornecendo ao leitor o conhecimento dos pontos básicos — nós — para a execução de trabalhos mais ou menos elaborados, conforme o desejo de cada um. Este livro, entretanto, dedicar-se-á mais profundamente aos *nós de trabalho*, que denominaremos assim somente para distingui-los dos *nós decorativos*, utilizados no trabalho já referido de macramê.

No Brasil, quando nos referimos aos nós, de uma forma direta, isso subentende qualquer tipo de nó, indiferentemente. Entretanto, devemos considerar que existem nós para várias finalidades. Em línguas estrangeiras existem nomes distintos para as distintas finalidades de uma amarração.

Podemos executar nós sobre uma mesma linha; nós unindo duas linhas; nós unindo uma linha a um outro objeto ou mesmo a outra linha, num ponto distante de sua extremidade; nós nas pontas de uma mesma linha que servirão como *âncoras* em determinados trabalhos, enfim, uma variedade de aplicações diferentes. Como em português não temos palavras distintas para identificarmos todas essas características, chamaremos a todos, indiferentemente, de *NÓS*.

Nomes e Usos dos Nós

Os nomes e usos dos nós não seguem uma regra fixa, principalmente no que tange ao seu uso. O *Nó Único*, assim como o *Meio-nó*, conforme a sua aplicação, podem transformar-se em um *Nó Superior* e suas funções são bem distintas entre si. Quanto à aplicação, vários nós diferentes entre si podem exercer a mesma função e sendo semelhantes na sua realização, poderão ser usados indistintamente. É bom que se conheça uns dois ou três nós semelhantes, para que se possa aplicar aquele do qual se recordar mais facilmente. Também pode acontecer que, em certos tipos de cordas, alguns deles funcionem melhor do que outros. No caso de cordas sintéticas, por exemplo, certos nós que são indicados para cordas de fibras naturais não se ajustam devidamente. Por esse motivo, tem-se feito esforços para se oferecer um número maior de alternativas na escolha.

Seria impossível fazer uma lista de nós de acordo com sua finalidade, sobretudo considerando as necessidades quase infinitas de cada pessoa. Essa lista, caso fosse feita, seria muito extensa e repetitiva e ao mesmo tempo muitos nós poderiam ser omitidos. Dentro das indicações que serão fornecidas, o leitor deverá ler

cuidadosamente e, sobretudo, testar o nó em questão, decorando assim a sua segurança, simplicidade e rapidez de execução para determinar a sua aplicação, de acordo com o fim ao qual foi destinado. Não importa se o leitor é um fazendeiro que esteja peando um animal ou um praticante de *wind-surf*, amarrando a vela do bataló ao mastro. Se o nó escolhido lhe serve, então empregue-o.

Primeiras Noções

As Voltas

O termo *girar em volta* exige algumas explicações. Quando uma linha envolve completamente um objeto, ou seja, circula um objeto (poste, barra, outra corda, etc.), e as duas partes da corda se cruzam numa laçada, teremos uma volta completa ou volta inteira *(fig. 1)*. O número de voltas é contado sempre uma unidade abaixo das partes da corda que se vê circulando a base. Assim sendo, nas *figuras 2 e 3* temos representadas duas e três voltas, respectivamente. Dessa forma contam-se quantas voltas forem necessárias à execução do nó desejado.

Os Diagramas

Nos diagramas deste manual, a ponta de trabalho será sempre indicada com uma seta na extremidade, determinando a direção do movimento. Nos casos em que os nós serão executados através de uma laçada na corda, as setas não aparecerão porque não haverá, no caso, uma ponta fixa ou uma ponta de trabalho. As setas poderão aparecer em ambas as extremidades da corda, o que indicará, naturalmente, que estas serão movimentadas ao mesmo tempo ou alternadamente.

As pontas de *trabalho* e *fixa* poderão se alternar durante a execução do nó, transformando-se automaticamente uma na outra, de acordo com a conveniência do movimento em questão.

Os desenhos são executados com espaços bem abertos para melhor compreensão do leitor e facilidade de identificação dos nós únicos e pontos de cruzamento e fricção. O leitor deve então compreender que todos os nós serão apertados, mesmo que não sejam representados em figuras, pois não seria proveitoso para este manual a sua representação depois de pressionados.

Os nós chamados nós de pescadores (com anzol) são sempre executados sobre linhas de pesca, geralmente em náilon e finas. Nos esquemas eles aparecerão com traços grossos, bem mais grossos do que a própria linha, unicamente com a finalidade de tornar bem clara a sua compreensão. Os nós só serão representados depois de terminados quando a sua forma final tomar uma característica diferente daquela em que foram trançados.

Fazer nós não é uma coisa muito difícil. Entretanto, nem todos os nós são sempre muito simples, sendo que alguns chegam mesmo a ser bastante complicados, exigindo uma certa habilidade da pessoa que manipula a corda ou a linha. Um nó que apresentar uma facilidade muito grande na sua execução talvez não seja muito satisfatório. O leitor deve tentar fazer o nó várias vezes, quando não acertar logo no início, sempre comparando com os diagramas apresentados. Se não acertar logo da primeira vez, deve continuar tentando sempre.

1 volta

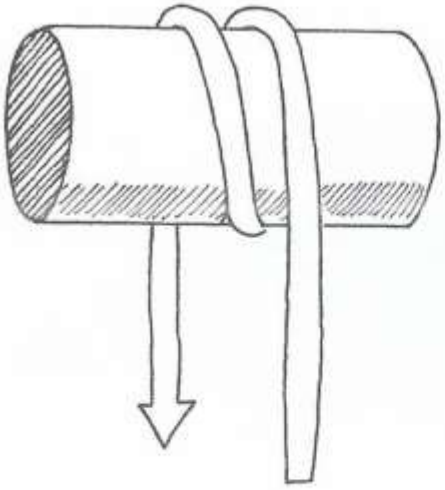


Figura 1

2 voltas

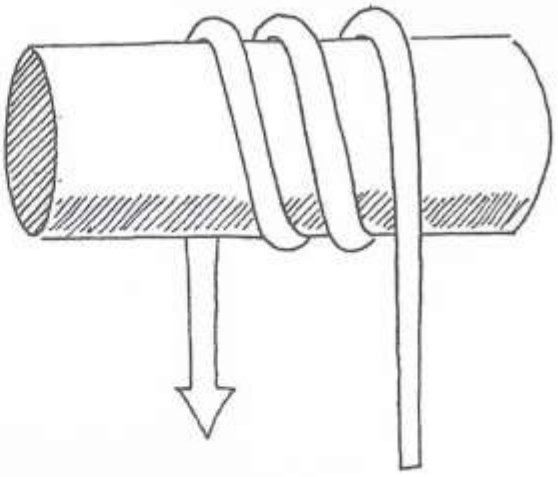


Figura 2

3 voltas

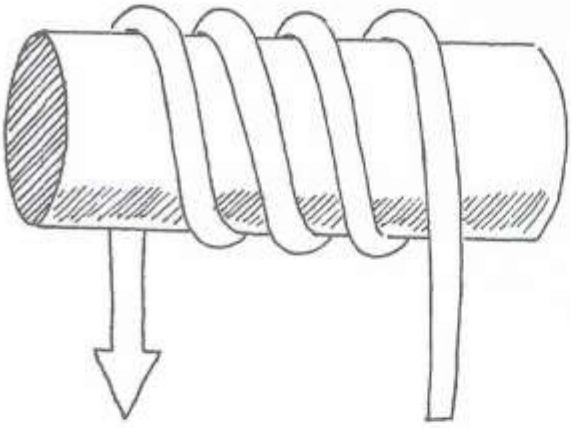


Figura 3

*
* *

Partes de Uma Corda

12 — O LIVRO DOS NÓS

Para o leigo, um pedaço de corda, visto de ponta a ponta, é sempre a mesma coisa, mas uma pessoa que trabalha sobre ela tem uma visão diferente de sua anatomia, inclusive nomeando suas partes com termos próprios para que possam ser reconhecidos num momento em que se torna necessária a sua referência verbal. E esse fator não só contribui para uma maior rapidez do trabalho como facilita sua compreensão.

Quando fazemos um nó, é curioso observar que apenas uma ponta da corda se movimenta, enquanto a outra permanece fixa. À ponta que se movimenta, chamaremos *Ponta de Trabalho*. Nos nossos esquemas e diagramas deste manual, a ponta de trabalho será sempre aquela que contiver uma seta em sua extremidade. Na execução de determinados nós a ponta de trabalho poderá, vez por outra, trocar de lugar com a *Ponta Fixa*, de forma alternada, dependendo da necessidade. Como poderá ser visto nos diagramas, a seta mudará de lugar, analogamente. Mas o que é a *Ponta Fixa?* Como é fácil deduzir, a *Ponta Fixa* e a outra extremidade da corda que permanecerá sem movimentos, servindo de base para os movimentos da ponta de trabalho *(fig. 4)*.

Chamaremos de *Espaço de Trabalho* à parte da corda que está diretamente ligada à ponta de trabalho, ou seja, a parte da corda que irá formar o nó. De forma análoga, *Espaço Fixo* será a parte adjacente à *Ponta Fixa* da corda *(fig. 4)*. O *Espaço Fixo*, ou ainda *Parte Fixa*, é a parte da corda que sustentará a pressão da carga imposta ao nó.

Quando uma corda é deixada livre sobre uma superfície, sua tendência é criar determinados movimentos em sua extensão. Dificilmente uma corda, a não ser que seja induzida, ficará completamente reta quando deixada livre. Ela criará certos movimentos, induzidos ou não, e esses movimentos também têm seus nomes específicos, que serão importantes para a nossa explanação. Daremos o nome de *Curva* a qualquer um desses movimentos. Entretanto, quando a curva for mais pronunciada, receberá o nome de *Laçada*. É bom esclarecer ainda que uma *laçada* não é constituída por um nó, especificamente. Na nossa nomenclatura, quando nos referimos ao termo, estaremos querendo dizer apenas que se trata de uma curva pronunciada *(figura 5)*.

A laçada é a primeira forma básica de um nó. Torcendo a laçada para cima de forma a fazer com que suas pernas se cruzem, convertê-la-emos em uma *volta (fig. 6)*. Esta é a segunda forma básica.

Ao realizar a ação de converter uma laçada em uma volta, notaremos que a corda girará em torno de seu próprio eixo. Essa é uma característica comum a todas as cordas que manejamos: todo movimento executado sobre elas é acompanhado de algum grau de torção, que pode ser sentido através dos dedos e este grau de torção deverá ir sendo desfeito com a ajuda dos dedos, dissipando-o sempre, impulsionando-o em direção ao comprimento da corda, de forma a evitar a formação de dobras incômodas e evitar ainda que haja alguma resistência aos movimentos de formação do nó. Fazendo um simples movimento com o pulso, à medida que se vai manuseando a corda, pode-se facilitar o trabalho e impedir a torção da corda.

Quando se faz uma volta em torno de um objeto como uma barra ou mesmo outra corda, de modo que uma parte da corda se cruze so-

Figura 4

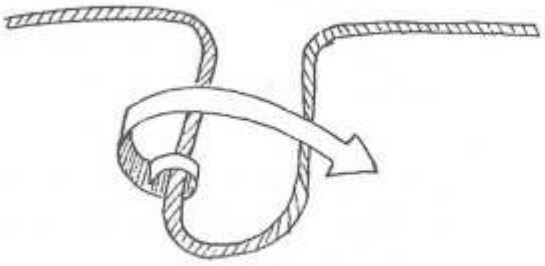


Figura 5

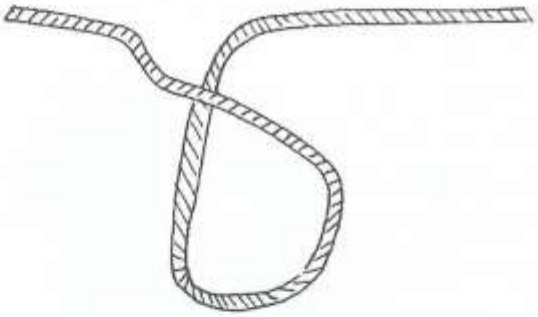


Figura 6

bre a outra, teremos um ponto de pressão ou fricção nesse cruzamento. A este ponto daremos o nome de *Ponto de Pressão* ou *Ponto de Fricção*. O ponto de pressão é essencial na formação de qualquer nó. Na *figura 7*, onde aparece o ponto de pressão, se retornarmos a ponta de trabalho e a ponta se fixa ao seu estado anterior, notaremos que o ponto de pressão desaparece, porque não há nada para prendê-lo. A essa formação — ponto de pressão formado por uma volta da ponta de trabalho e ponta fixa, sem nada a prendê-lo, chamaremos de *nó único*. Assim, apesar do nome, o nó único não é um nó verdadeiro. Para transformar-se em um nó ele precisa de algo que sustente o ponto de pressão de forma a não se desfazer. *(fig. 7)*. Para fazer o nó realmente, será necessário dispor a ponta de trabalho — partindo da laçada — por baixo da parte fixa, de tal modo que o ponto de pressão seja preservado por tanto tempo quanto seja necessário às circunstâncias de seu uso *(fig. 8)*. As formações que são usadas e a ordem na qual são usadas essas formações é que determinarão a realização do nó e as proporções nas quais suas várias características aparecerão. Na prática, a formação de um nó é espantosamente simples e a maioria do trabalho consiste de, no máximo, três estágios, consistindo cada estágio de uma formação básica simples que agora descobriremos.

O nó simples não é mais do que um nó único para criar um ponto de pressão e preservar a forma do primeiro nó único e um nó único final para evitar que a ponta fixa, estando ociosa, desfaça o nó. Parece confuso? Nem tanto, se o leitor prestar atenção à nomenclatura já referida acerca de nó único e ponto de pressão. Daqui a pouco veremos de forma prática o que foi dito.

A partir do nó único, poderemos formar o *meio-nó (fig. 9)* e, embora algumas vezes o nó único possa receber a mesma referência, eles são diferentes e possuem formações distintas. Pela sua formação básica, o meio-nó por si mesmo é de pouco uso como um nó, propriamente dito. Quando pressionado, ele aperta sob essa pressão e, se não pressionado, ele desliza e se desfaz. No entanto, ele é a forma básica de muitos nós e tem características importantes e interessantes.

Quando fazemos um meio-nó como o da *figura 9* e dipomos a ponta de trabalho desalinhada com a ponta fixa, o nó será moldado na parte oposta *(fig. 10)*. Essa alteração da forma de um nó, sem adição ou subtração em nenhuma de suas características, é chamada *virada*. Algumas vezes a virada é induzida deliberadamente ao se fazer o nó, mas é mais comum que ela ocorra espontaneamente no momento da realização, como ocorre no Nó Superior Múltiplo, como veremos depois.

Voltando ainda à laçada, vejamos uma outra forma em que ela pode ser desenvolvida. A ponta de trabalho pode ser tomada e introduzida através da curva formada pela ponta fixa, cruzando sobre ela *(fig. 11)*. Se o nó assim formado for apertado para fazer uma protuberância na linha ou corda, teremos um *Nó Superior* ou *Nó Polegar*, que é conhecido como o mais simples nó verdadeiro, algumas vezes usado pelas costureiras no final de suas linha para iniciar uma costura ou uma maneira temporária de evitar que a ponta de uma corda se desfaça. Este nó é propenso a correr e, se puxado firmemente, não estando bem apertado, ele se desfaz.

A nomenclatura dos nós às vezes pode parecer um pouco confusa, pois o mesmo nó pode aparecer com nomes diferentes, dependen-

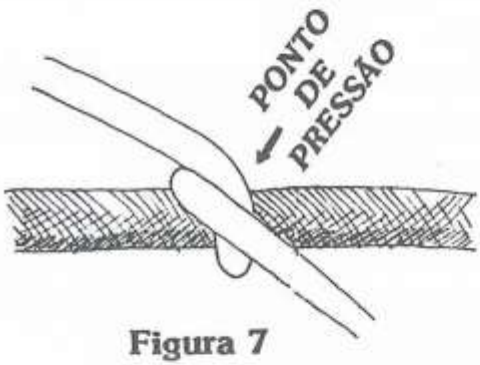


Figura 7

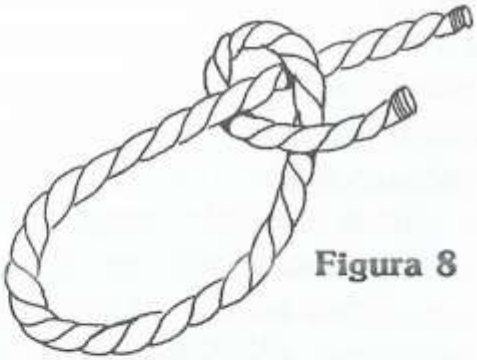


Figura 8

Figura 9

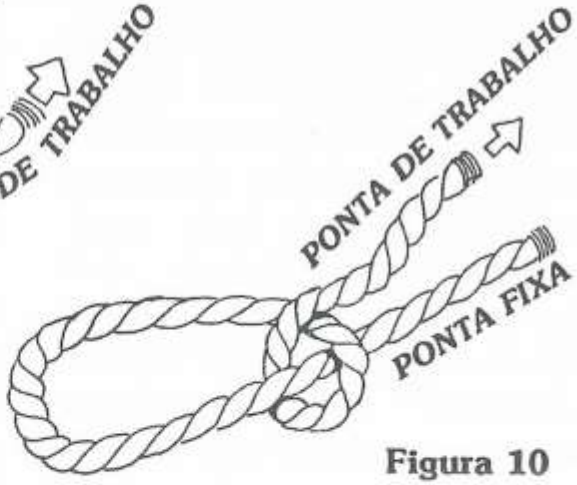


Figura 10

Figura 11

do da forma como foi aplicado. O nó da *figura 11*, que já chamamos de *Nó Superior* ou *Polegar*, quando executado ao redor de um objeto, é chamado de meio-nó. Explicaremos. O *Nó Superior* é o primeiro nó que qualquer pessoa leiga faz quando é solicitada a fazer uma amarração em uma corda, para espanto daqueles que são versados no assunto. O espanto é justificável pois, quando submetido a pressões, esbarrões e sacolejos, este nó pressagia problemas. Quando executado em torno de um objeto de pequeno diâmetro, o *Nó Superior* tende a correr e, se não for bem apertado, poderá executar uma virada e tornar-se um meio-nó. É o movimento representado nas *figuras 12 e 13*.

O meio-nó é um nó de ligação feito ao redor de um objeto ou um feixe de objetos, usualmente com as duas pontas da linha, independente de qual delas seja a ponta de trabalho ou a ponta fixa. Para sua segurança, depende da pressão exercida sobre ele pelo objeto — ou objetos — em torno do qual — ou quais — ele é amarrado. Para provar isso, podemos fazer uma experiência muito simples: experimentemos amarrar uma corda — ou um outro fio flexível qualquer — em torno de uma revista enrolada. O nó receberá determinada pressão e permanecerá sobre a superfície convexa da revista. Experimentemos agora o mesno nó — no caso o meio-nó — sobre a superfície plana de um livro. Encontraremos dificuldade em pressioná-lo e mantê-lo na posição, simplesmente porque a superfície plana do livro não exerce pressão sobre o nó.

Façamos agora uma revisão, ilustrada dos termos da nomenclatura dos nós sobre os quais já nos referimos:

— *Laçada:* chamaremos de laçada uma curva pronunciada e que esteja localizada entre as duas partes ou pontas de trabalho e fixa da corda *(fig. 14)*.

— *Volta:* Uma volta é uma laçada com as pontas cruzadas *(fig. 15)*.

— *Nó Único:* O nó único é, em geral, montado em torno de algum objeto, incorporando pontos de pressão ou fricção *(fig. 16)*.

— *Meio-nó:* o meio-nó é um nó único executado em torno de sua própria parte fixa *(fig. 17)*.

— *Nó Superior:* é uma volta com a ponta de trabalho cruzada através de sua parte fixa *(fig. 18)*.

Qual a relação que existe, então, entre um meio-nó e um nó superior? Esta é uma pergunta interessante. Como dissemos antes, um meio-nó é um nó único executado em torno de sua própria parte fixa *(fig. 17)*. Neste caso, o *nó não é pressionado*. O simples fato de puxar as duas pontas da corda e apertar o nó, transformá-lo-á em um nó superior! Dizendo de outra forma, um meio-nó é um nó superior que foi executado ao redor de algum objeto.

Figura 12

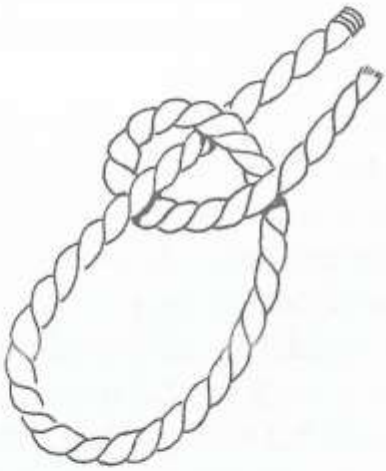


Figura 13

Figura 14

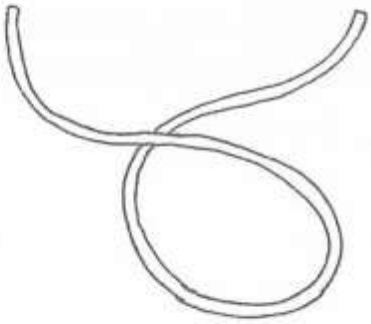


Figura 15

Figura 16

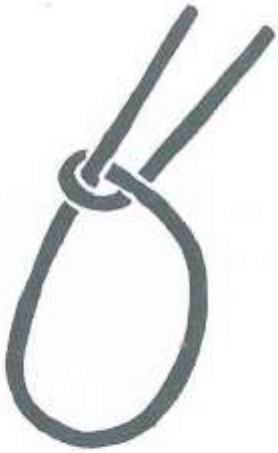


Figura 17

Assim sendo, os três nós referidos — único, meio-nó e superior — podem ser convertidos um no outro sem que haja necessidade de retrançar o fio — ou corda.

Quando um nó precisa ser feito a alguma distância do fim da corda, que no caso pode ser muito longa, os marinheiros, por exemplo, não perdem tempo arrastando vários metros de corda, com suas torções e voltas, todas as quais teriam que ser torcidas ao contrário para que sejam desfeitas e tornar possível o manuseio do material. O mais fácil é fazer o nó na curva, dobrando a corda e transformando a dobra em ponta de trabalho. A laçada formada será usada como linha única e o excedente da corda torna-se a parte fixa.

A curva na corda é usada para outros processos para fazer-se laços fixos, nós corrediços, etc. Um laço é um nó que possui uma laçada na parte fixa puxada através do nó único para que possa ser ajustada em torno de um objeto através de uma pressão progressiva sobre a parte fixa da corda. A mais simples forma de um Nó de Laço é a que vemos na *figura 19*, considerando a ponta A como ponta fixa da corda.

No nó de laço, o nó corrediço é feito sobre a curva de tal forma que um simples puxão sobre a ponta fixa (A) obriga o nó a desfazer-se completamente. Se o nó da *figura 19* é feito com B como a parte fixa de corda, um puxão sobre a ponta de trabalho A causará a desmontagem do nó. A forma mais simples e prática de um nó corrediço é um nó único — volte a ver a nomenclatura — no qual o ponto de pressão foi feito com uma laçada da ponta de trabalho sob a ponta fixa.

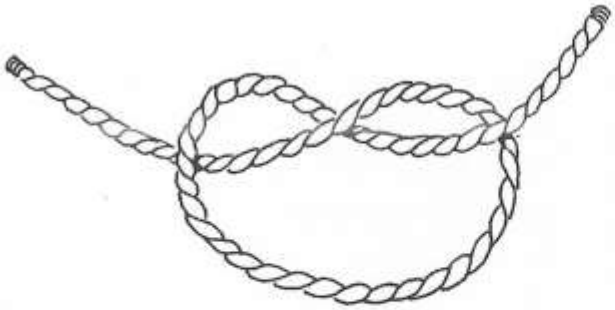


Figura 18

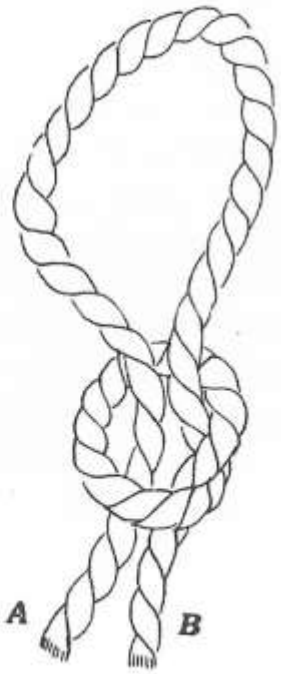


Figura 19

Como Arrematar as Pontas de Uma Corda

Caso se deixe as pontas de uma corda sem um acabamento adequado, elas terminarão por desfiar-se e podem atingir uma boa extensão da mesma. Por várias razões isso deve ser evitado e dois dos principais motivos são: cordas desfiadas impedem um trabalho rápido e podem causar embaraços. O outro motivo é que, ao se desfiar as pontas de uma corda e tentar sanar esse defeito cortando fora as pontas desfiadas, elas tornarão a desfiar-se novamente, e em breve boa parte da corda haverá sido consumida por cortes consecutivos e... cordas não custam barato.

Para selar a ponta de uma corda de fibra natural ou sintética, proceda da seguinte forma: usando um fio resistente — de náilon ou fibra natural, dependendo da natureza da corda — trabalhe como mostrado nas figuras 20, 21 e 22. Em primeiro lugar, faça uma laçada na ponta de trabalho do fio, assentando-o sobre a ponta da corda *(fig. 20)*. Execute uma coleção de voltas em torno da corda, da parte interna em direção à extremidade da corda, passando sobre a laçada, firmando bem. Procure fazer as voltas o mais próximo possível uma da outra. Terminada a operação (a cerca de 1 cm da extremidade), introduza a ponta de trabalho na laçada inicial *(fig. 21)* e puxe firmemente as duas pontas — a de trabalho e a da laçada — fazendo com que a ponta de trabalho se introduza sob as voltas. Em seguida, apare as pontas bem curtas *(fig. 22)*.

Se a corda é de material sintético, uma operação adicional pode ser executada a fim de fortalecer o acabamento. Após amarrar com firmeza as pontas da corda, como explicado, submeta-as cuidadosamente a uma chama para que os fios se fundam em um só bloco, impedindo assim que se desfiem, mesmo que a amarração de desfaça posteriormente. Nesse trabalho é preciso muito cuidado para não deixar a chama atingir a amarração ou queimar-se com a chama ou o calor que o material sintético absorve e conserva por alguns segundos após seu aquecimento.

Outros processos podem ser aplicados para evitar o esfacelamento das pontas de uma corda e, o mais simples e imediato — embora não muito recomendado como trabalho permanente — é o emprego dos *nós de parada* ou *nós de ancoragem*, assim chamados pela sua função de segurar a corda em contato com outro material.

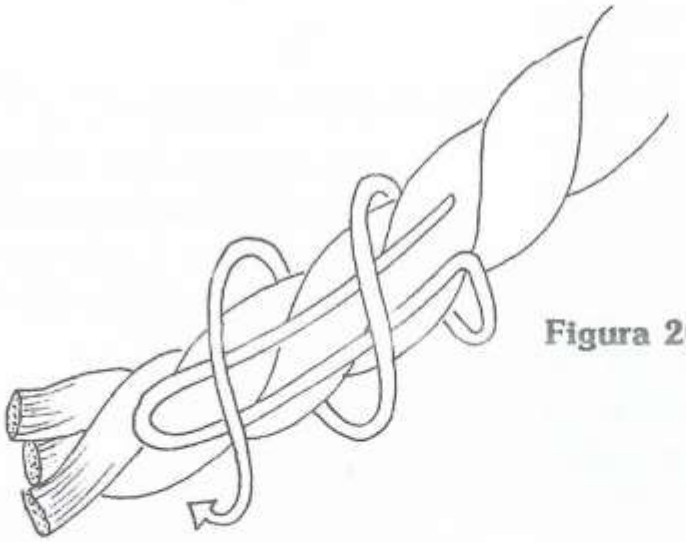
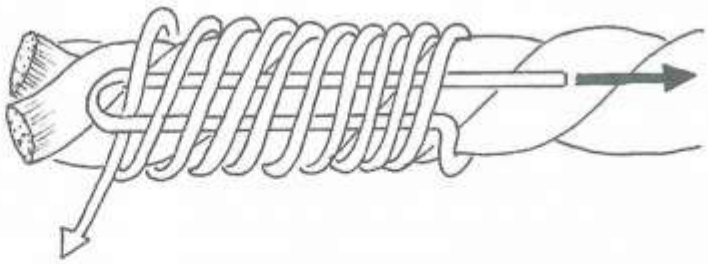


Figura 20

Figura 21



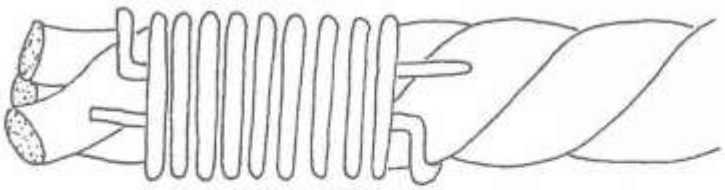


Figura 22

Nós de Parada

Os nós de parada têm várias aplicações úteis. A sua principal finalidade é impedir que a corda, cordão, barbante ou linha passem totalmente através de um orifício ou fenda. Podemos citar como exemplo os nós que as costureiras executam no final de sua linha de costura para firmá-la sob o tecido enquanto trabalham. Outras opções para os nós de parada são suas aplicações nas pontas de cordas de uma lâmpada dependurada no teto alto, em caixas de descargas de banheiros — já em quase completo desuso — cordões de persianas, etc. Vários são os nós que podem ser usados para essa função. Vejamos alguns deles:

Nó Superior Simples

Este é o nó mais fácil e rápido de ser executado e, naturalmente, é o nó mais conhecido pelas pessoas, sendo o primeiro a ser feito quando requisitado. Entretanto, em material sintético ele tende a afrouxar e desmanchar-se automaticamente. É indicado, portanto, para fibras naturais *(fig. 23)* e de preferência em cordas mais finas.

Nó em Forma de Oito

Também conhecido como nó flamengo, este nó, executado na ponta de uma corda, devidamente pressionado, é volumoso e pode tornar-se difícil de ser desfeito *(fig. 24)*.

Nó de Parada

O nó de parada propriamente dito é um nó em forma de oito que recebe adicionalmente um giro da ponta de trabalho numa das laçadas formadas pela ponta fixa da corda *(fig. 25)*.

Nó de Estivador

Semelhante ao nó de parada, o nó de estivador, partindo de um nó em forma de oito, recebe um duplo giro da ponta de trabalho na laçada formada sobre a parte fixa da corda *(fig. 26)*.

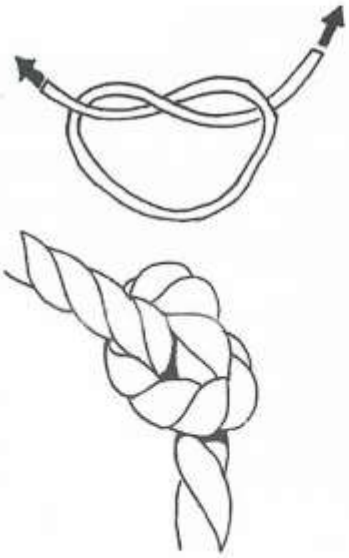


Figura 23

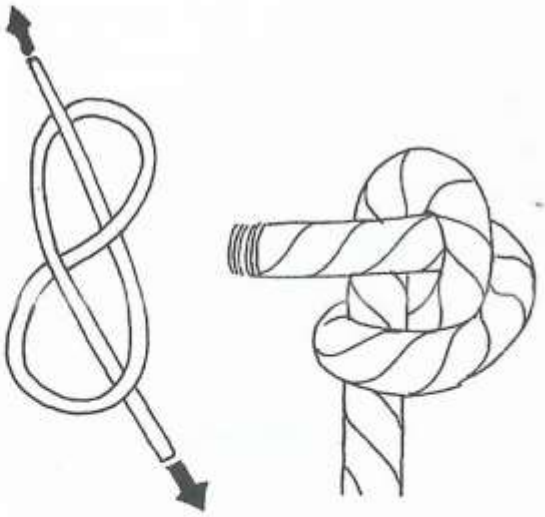


Figura 24

Figura 25

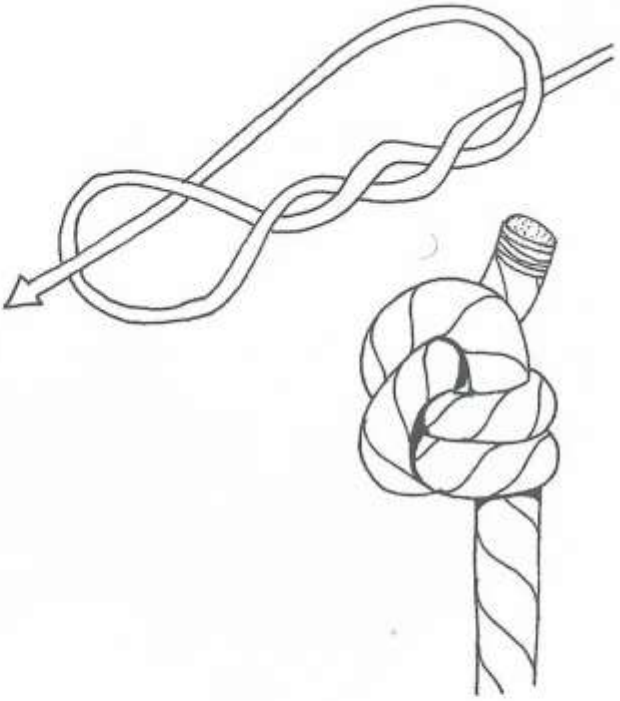


Figura 26

Nó Superior Duplo

O nó superior simples consta de um único giro das pontas de trabalho. O nó superior duplo, como o próprio nome sugere, receberá um duplo giro das pontas de trabalho *(fig. 27A)*. Após essa formação o nó girará automaticamente como aparece na *figura 27B*, ao se puxar com firmeza as duas pontas, acabando por tomar a aparência representada na *figura 27C*. É um nó volumoso.

Nó Superior Triplo

De forma análoga ao nó superior duplo, o presente nó receberá um giro triplo de suas pontas de trabalho *(fig. 28A)*, girando automaticamente *(fig. 28B)* ao serem puxadas as pontas, adquirindo a forma da *figura 28C*.

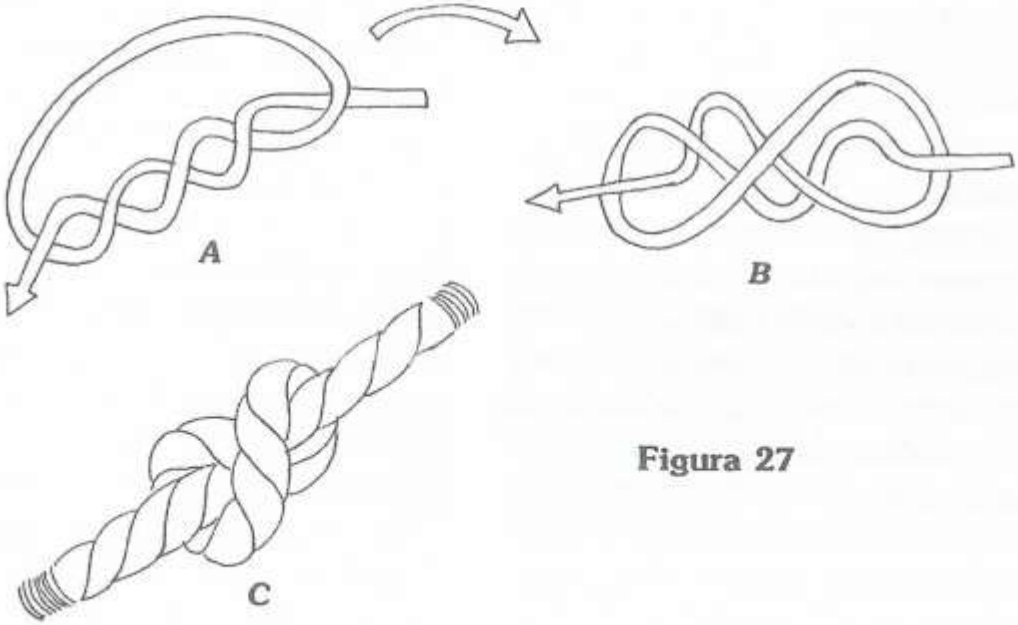


Figura 27

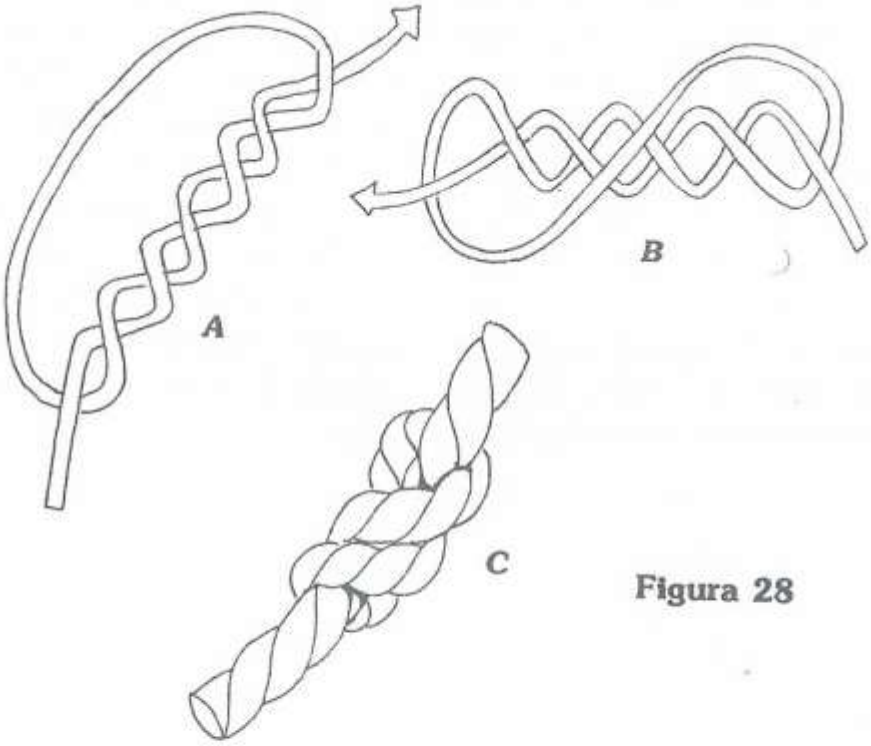


Figura 28

Resistência de um Nó

Uma corda com um nó é uma corda enfraquecida, sem dúvida. É óbvio que uma corda sem emendas é mais segura e resistente que outra, de mesmas características, porém com um nó em qualquer ponto de sua extensão. Uma dobra mais aguçada, a maior pressão nos pontos de cruzamentos, a tensão de um nó e outras circunstâncias poderão facilitar o rompimento de uma corda e, se isso ocorre, normalmente acontece imediatamente do lado de fora do nó. Muitos nós, tradicionalmente aceitos, são surpreendentemente perniciosos, conforme as características da corda sobre a qual são executados. Um deles, talvez o principal, é o nó superior simples *(ver fig. 23)* que diminui consideravelmente a resistência normal da corda. Também os pescadores de anzol podem ser surpreendidos quando um nó se desfaz em pleno ar, ao arremessar sua linha. Esses nós, quando não tensionados novamente, reduzem a resistência da linha de pesca em até a metade de sua resistência real.

Dessa forma, os nós devem ser escolhidos com cuidado, razão pela qual é recomendável o conhecimento de vários deles. Alpinistas usam nós volumosos e com muitas voltas, destinadas a absorver pressões e prevenir enfraquecimento desnecessário nas cordas de náilon. Pescadores de anzol usam sistema similar em suas linhas — porém em miniatura — formando muitos nós superiores nas linhas, para aperfeiçoar sua capacidade de garra e evitar a perda de um trabalho demorado. Naturalmente que a resistência de um nó não se restringe unicamente à sua aplicação nos processos de escalada ou pescaria. Um motorista, por exemplo, precisa estar seguro de que a carga colocada sobre o carro não irá cair na estrada, criando para ele terríveis embaraços, além de prováveis prejuízos. Enfim, as necessidades são as mais variadas possíveis.

Teoricamente os entrelaçamentos são mais fortes do que os nós e deverão ser usados, de preferência, sempre que for possível. Sobre um equipamento usado para içar cargas — à guisa de guindaste — use entrelaçamentos e não nós. Os nós poderão ser empregados para arrematar os entrelaçamentos, como medida de segurança.

A eficiência dos entrelaçamentos pode chegar a 90%, ficando bastante reduzida sua ineficácia. Embora os entrelaçamentos sejam mais demorados que os nós em sua execução e limitar o tipo de corda em que se os empregam, podem também provocar o retorcimento da corda e provável enfraquecimento da mesma.

Em caso de dúvida, consulte o fornecedor de cordas, pois é provável que ele disponha de prospectos informativos fornecidos pelo seu fabricante de cordas com as devidas especificações.

Segurança de um Nó

Resistência e segurança não são a mesma coisa. Nem sempre um nó resistente é um nó seguro. Nós que se comportam muito bem sob uma carga inerte podem facilmente escorregar, transformar-se ou vir a desfazer-se quando submetidos a movimentos e pressões variadas, como puxões dirigidos de pontos diversos. Neste caso, não obstante sejam fortes e resistentes, não são seguros.

Um nó de duplo envolvimento *(ver figura 33-A)* pode não ser mais resistente que um nó de envolvimento comum *(ver fig. 32-A)*, mas é definitivamente mais seguro, sendo usado em detrimento do outro quando a segurança for essencial. O nó de envolvimento comum pode ser direito ou esquerdo e, em termos de resistência, ambos estão no mesmo pé de igualdade. Entretanto, em termos de segurança, o nó direito é o mais recomendável. Isto decorre do fato de suas pontas ficarem ou não situadas do mesmo lado, detalhe esse que é acentuado no item relacionado a estes nós.

Selecionar o melhor nó para o trabalho em questão é uma coisa delicada, mas não é nenhuma ciência. Na verdade, sabemos muito pouco sobre como combinar as curvas e voltas de um ou mais nós. Testando e medindo a formação de um nó, antes de sua aplicação efetiva, pode-se descobrir a sua mais correta forma de aplicação, além do que pode ser um fascinante passatempo para você.

Assim sendo, é aconselhável, portanto, que o leitor realize experiências com os nós antes de arriscar-se a empregá-los em definitivo.

Resistência da Corda

Muitas vezes uma corda pode romper-se sob uma pressão inferior à que os fabricantes garantem na apresentação do produto. Isso não significa em absoluto que a corda não tenha realmente a resistência indicada, mas provavelmente que foi empregada de forma incorreta. Seja, por exemplo, um cabo-de-guerra. Mesmo que a pressão exercida pelos participantes esteja abaixo do limite real de tolerância da corda, ela pode romper-se depois de alguns minutos devido ao movimento, à agitação e ao ímpeto de tantas e diversificadas pressões exercidas pelas pessoas que participam do cabo-de-guerra. O que pode perfeitamente estar abaixo da previsão normal.

Normalmente, para trabalhos comuns, não nos preocupamos muito em saber se a corda é ou não adequada e apenas nos guiamos pela idéia se vamos prender um barco ao ancoradouro ou trocar o cordão de uma cortina. Obviamente, o instinto é que faz a distinção, quando não a lógica. No entanto, alpinistas, bombeiros, marinheiros, eletricistas e outros profissionais cuja segurança depende da resistência das cordas que empregam, não usam apenas a lógica ou o instinto na escolha de seu material. Em caso de dúvida, é melhor consultar o fornecedor sobre as especificações do fabricante. Em qualquer caso, é sempre melhor escolher uma corda com mais resistência do que a mínima necessária.

Cordas de fibras vegetais são mais fracas do que as cordas de fibras sintéticas e, curiosamente, as cordas de fibras vegetais novas podem ser menos resistentes do que aquelas feitas alguns anos atrás. A resistência das fibras vegetais fica reduzida à metade quando molhadas. E, com relação ao peso, sua resistência diminui de acordo com a proporção, ou seja, quanto maior for o peso, menor a resistência. Naturalmente, para conseguir-se cordas cada vez mais resistentes, será necessário recorrer-se então a cordas com diâmetros cada vez maiores, o que nem sempre ocorre com relação às fibras sintéticas.

Para comparação, as cordas fabricadas com fibras sintéticas são tão fortes e leves que é freqüentemente necessário usar cordas muitas vezes mais resistentes do que se necessita, somente para ter-se uma empunhadura confortável. Fibras sintéticas não absorvem umidade e sua resistência à ruptura permanece a mesma, quando molhadas.

A desvantagem das fibras sintéticas é que elas se deterioram rapidamente em altas temperaturas e chegam a se derreterem de acordo com a seguinte tabela:

náilon: 250°C
poliéster: 260°C
polipropileno: 165°C

Para maior conservação da vida útil das cordas, alguns cuidados devem ser observados, evitando maus tratos, como arrastá-las sobre superfícies de atrito, áreas ásperas e afiadas, ou sobre superfícies onde se acumulam sujeiras e areia, que penetram entre os fios da corda e rompem numerosos filamentos individuais. O resultado será seu enfraquecimento, localizado em pequenas áreas da corda. Inspecione-a periodicamente, lavando a sujeira e livrando-a de resíduos oleosos ou de areia. Evite pisar na corda ou forçá-la com dobras rígidas.

Antigamente o cálculo da resistência de uma corda era feito por um processo relacionado entre sua circunferência e seu diâmetro, pro-

cesso atualmente em desuso devido ao implemento das cordas de fibras sintéticas, cujo diâmetro é muito inferior ao diâmetro de outra corda de fibra natural, e, no entanto, muitas vezes mais resistente. Esses cálculos são realizados agora através de fórmulas e gráficos e é mais prático obter-se a informação desejada com o distribuidor.

*
* *

Nós Básicos

Nó Constritor *(fig. 29)*

(constritor: apertador, estrangulador)

O nó constritor consiste em um único meio-nó amarrado sob uma, duas ou três voltas da corda. Isso, naturalmente, considerando que o nó esteja sendo executado em torno de um objeto, que pode ser outra corda, uma haste ou estaca.

Para executá-lo, segure a ponta fixa da corda e com a ponta de trabalho dê tantas voltas em torno da base quantas forem requisitadas *(fig. 29A)*. Estas voltas devem ser frouxas, para que se possa introduzir sob elas o meio-nó executado conforme a *figura 29B*. O passo seguinte é passar a ponta de trabalho sob as voltas, na direção indicada pela seta do diagrama *(fig. 29C)*.

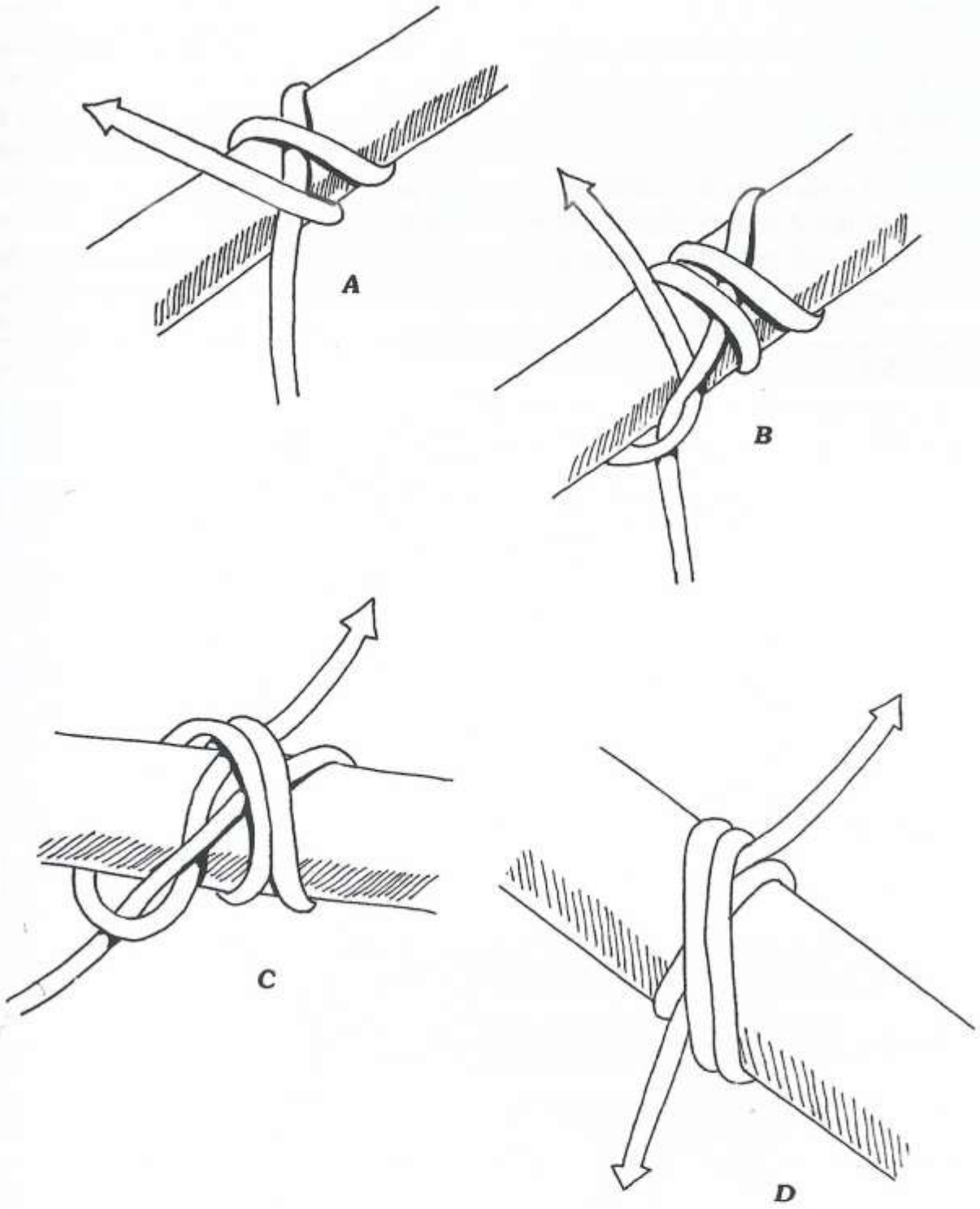
Terminadas as etapas de formação do nó, puxe firmemente as duas pontas — a de trabalho e a fixa — para que o nó se ajuste em torno da base *(fig. 29D)*.

Depois de pressionado devidamente o nó, as pontas podem ser deixadas soltas, sem o risco de afrouxamento.

O nó constritor tem uma grande variedade de aplicações e, para citarmos apenas uma, seja por exemplo firmar um mastro quebrado. Naturalmente que a aplicação do nó constritor servirá apenas como um recurso temporário e não uma solução definitiva para o problema.

Outra prática e útil aplicação do nó constritor é quando se deseja fazer um acabamento na ponta de uma corda, evitando assim o seu desgaste ou mesmo que ela se desmanche. Quando se tratar de uma corda de náilon, o nó servirá de suporte, antes de se fundir a ponta da corda sob uma chama de gás.

Figura 29



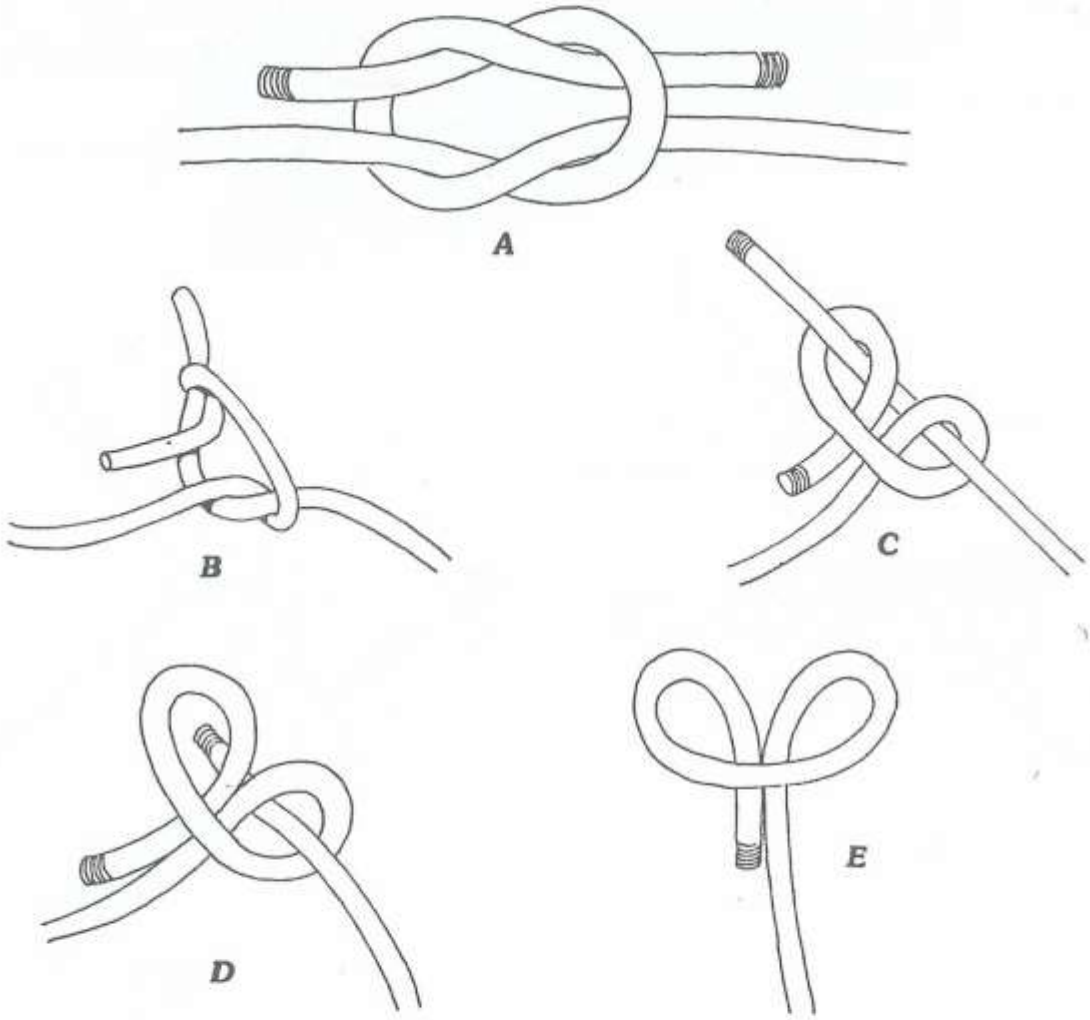
Nó Reef *(fig. 30)*

O nó *reef* é plano e simétrico, consistindo de duas curvas interlaçadas, com ambas as pontas menores emergindo do mesmo lado. Quando as pontas menores estiverem situadas em lados opostos, o nó "reef" é chamado nó-ladrão, certamente por não ser seguro, embora de aparência sólida. No entanto, nenhum dos dois é forte ou seguro. Sua execução é elaborada com a aplicação de um nó superior sobre o outro, tomando cuidado para que um nó seja esquerdo e o outro direito *(fig. 30A)*.

O nó *reef* pode ser rapidamente desfeito puxando firmemente uma de suas pontas menores. Isto provocará sua transformação em um nó-de-cabeça-de-pássaro *(fig. 30B)*. Pela seqüência das figuras C a E, pode-se observar com que facilidade, este nó se desfaz, mesmo quando muito bem apertado. Após transformá-lo num nó-de-cabeça-de-pássaro, ele poderá ser aberto em dois meios-nós *(fig. C)* e, pelo simples ato de puxar a ponta fixa da corda, o nó se desfará *(fig. D e E)*.

Isso revela que o nó *reef* torna-se debilitado e inútil quando se unem duas cordas ponta

Figura 30



a ponta e não se mantém permanecente sob pressão, principalmente se as cordas utilizadas tiverem grossuras diferentes.

O nó *reef* somente deverá ser usado como nó de ligação ou para arrematar as pontas de uma corda numa amarração de entrelaçamento. Uma boa forma de saber se é adequado para um trabalho em particular é verificar a facilidade com que ele se ajusta. Em superfícies convexas, como seu peito do pé ou uma revista enrolada, não haverá nenhuma dificuldade em se manter a pressão no primeiro nó superior enquanto se ata o segundo, mas o leitor encontrará uma certa dificuldade em executar o mesmo trabalho sobre uma superfície plana, como um pacote de livros. Assim sendo, enquanto ele é excelente para determinados trabalhos — sobre objetos redondos — não é indicado para outros — objetos planos. Apesar disso, este é o nó que quase todos usam em seus trabalhos de amarração.

Uma forma de se executar o nó *reef* para que possa ser ainda mais facilmente desmanchado é a formação de uma laçada no segundo nó superior com a ponta menor antes de pressioná-lo definitivamente. Para desfazê-lo, basta puxar a ponta da laçada *(fig. 31)*.

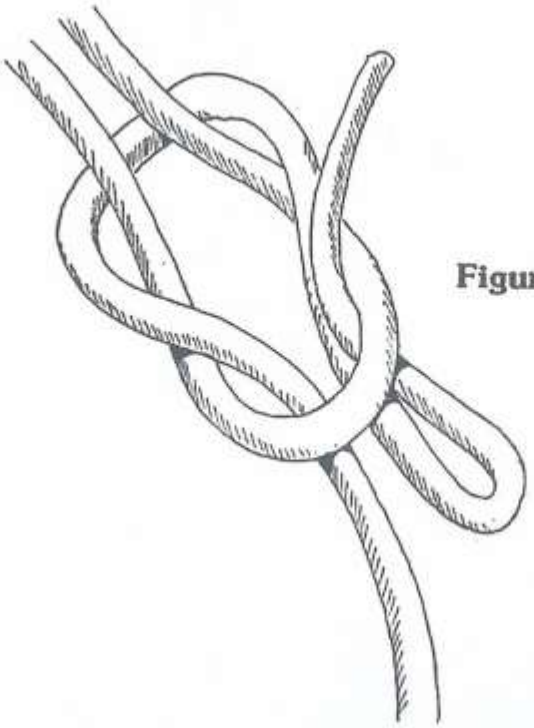


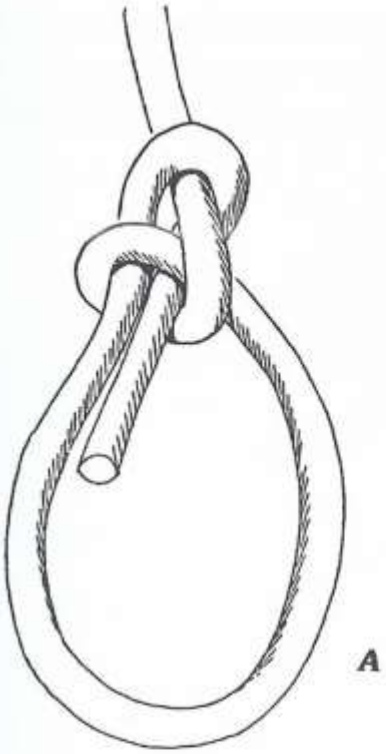
Figura 31

Bolina *(fig. 32)*

Nome tirado de termos náuticos, a bolina é uma laçada fixa e muito segura, executada na ponta de uma corda. Como o leitor poderá observar, os nós às vezes mudam de nome somente pelo fato de serem executados na ponta ou no meio de uma corda, unindo pontas de duas cordas ou simplesmente pontas da mesma corda... É tudo por motivo da necessidade de uma identificação imediata entre os profissionais e técnicos da área. Assim, podemos dizer que a bolina nada mais é do que um nó de envolvimento *(fig. 32A)* e a diferença reside no fato de que o primeiro é executado na ponta de uma corda e o segundo une pontas de cordas diferentes.

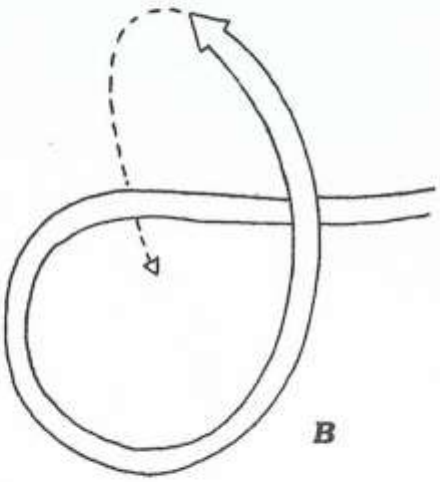
Para executar a bolina comum, em primeiro lugar forme uma laçada na parte fixa da corda *(fig. 32B)*. A seguir passe a ponta de trabalho por cima através do olho da laçada *(fig. 32C)*, por detrás da parte fixa, fazendo com que se forme uma laçada menor *(fig. 32D)*. Conti-

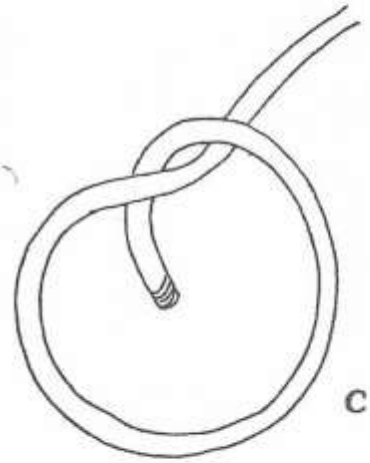
Figura 32

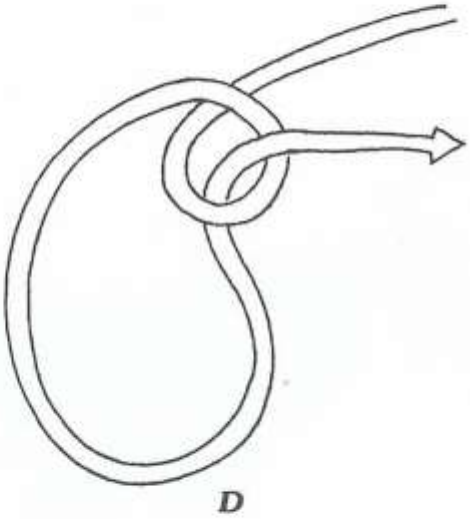


BOLINA

NÓ DE ENVOLVIMENTO



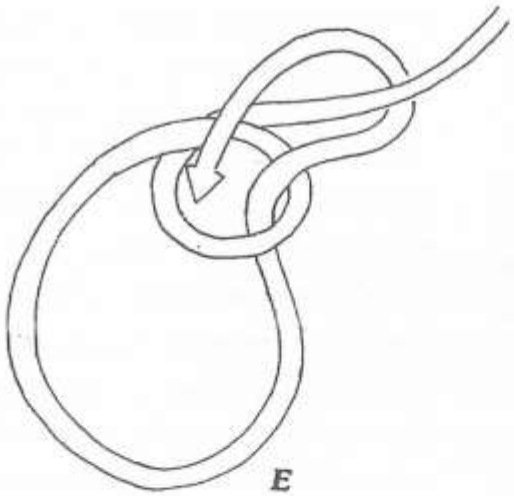




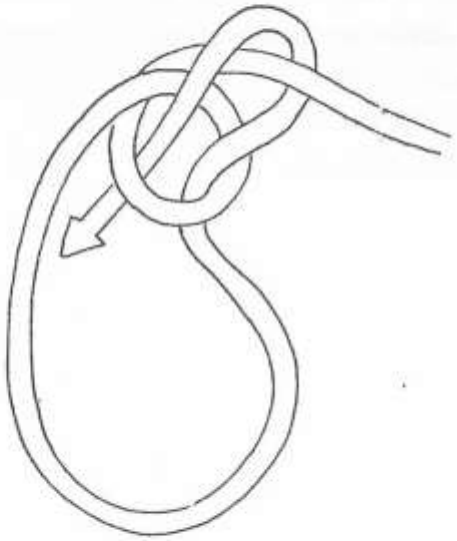
nuando, envolva novamente a parte fixa por detrás com a ponta de trabalho *(fig. 32E)* e introduza-a novamente no olho da laçada menor *(fig. 32F)*. Segure a ponta de trabalho ao lado adjacente da laçada maior e puxe firmemente a parte fixa, para fechar o nó *(fig. 32G)*.

A bolina é um nó simples, forte e seguro, que suporta muito bem a maior pressão que se aplicar sobre ele e ainda pode ser desfeito facilmente, bastando para isso puxar para a frente a curva que circula a parte fixa da corda. Pode ser usado em escaladas, salvamentos e manejo de barcos, além de ser ideal para terminar embrulhos, quando se empregam cordas finas.

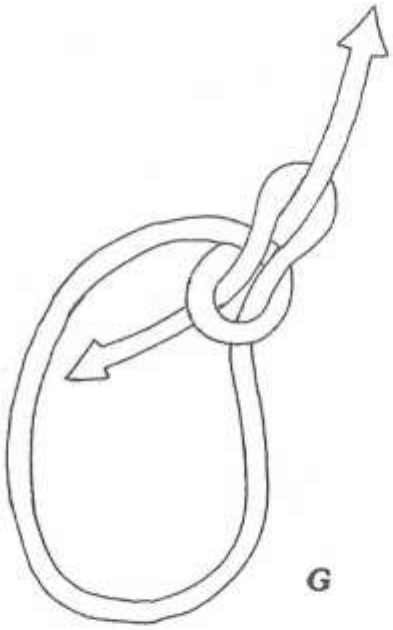
Figura 32 (cont.)



E



F



G

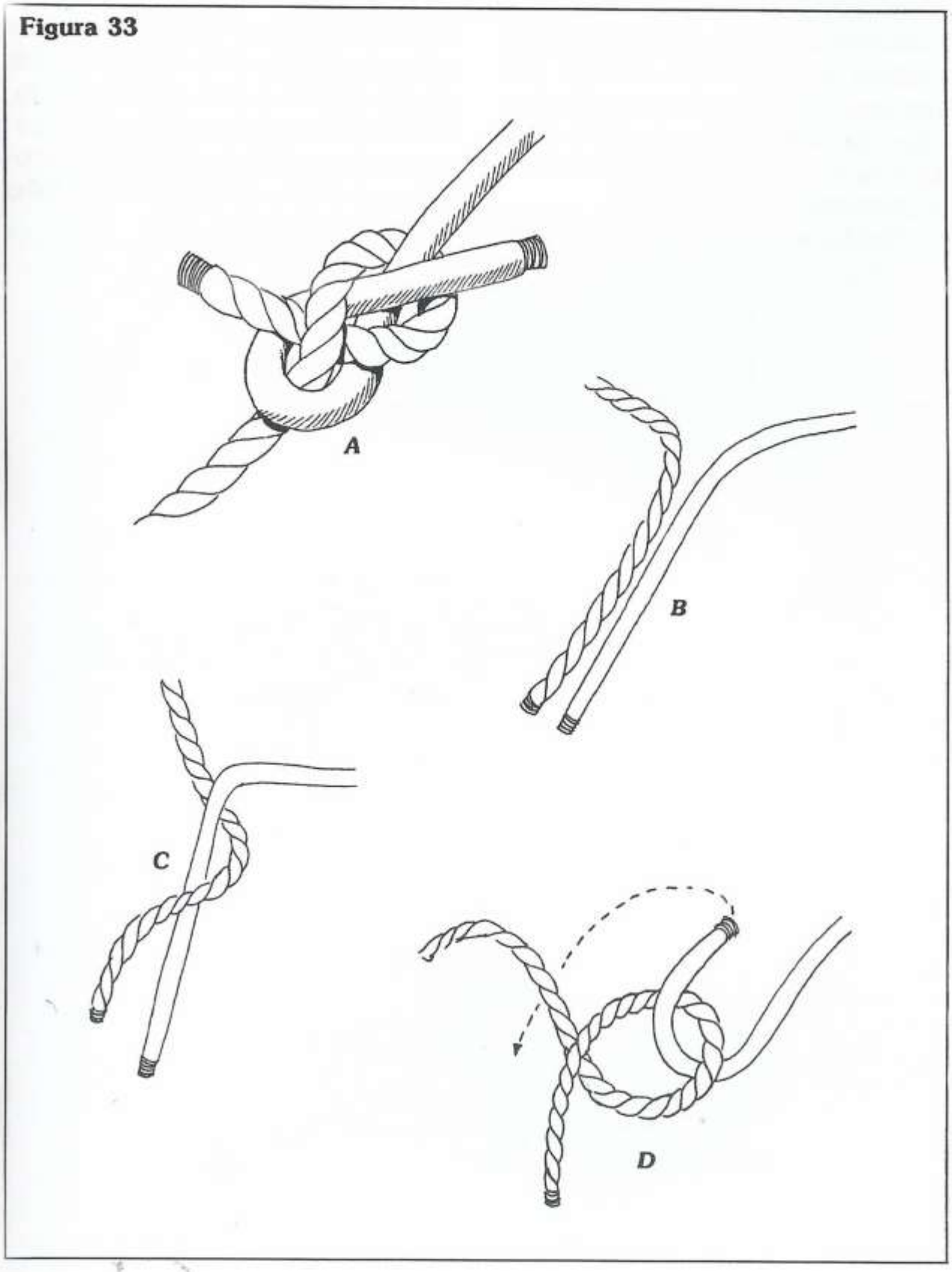
Nó de Envolvimento, Único e Duplo *(fig. 33)*

Um dos nós mais simples, amplamente usado sobre cordas de fibras naturais, o nó de envolvimento tem a tendência de escorregar quando usado sobre cordas de fibras sintéticas. Em sua forma única, este nó só é aconselhado para trabalhos ligeiros, sem grande pressão e de caráter não permanente. Já em sua forma dupla, é um nó muito seguro. Tanto duplo quanto simples, existem duas formas de se executar este nó: o nó direito, no qual as pontas emergem sobre o mesmo lado e o nó esquerdo, no qual as pontas emergem sob lados opostos. Experimentos têm mostrado que o nó direito é o mais seguro e é exatamente por isso que só trataremos desta execução. *(fig. 33-A)*.

Há muitas maneiras de executar este nó. O método aqui descrito não somente é o mais rápido e mais semelhante ao que é usado no mar, como garante que o resultado é, infalivelmente, a versão correta do nó direito. Depois de uma certa prática, este nó pode ser executado com um só movimento contínuo.

Coloque as cordas unidas pelas pontas ao longo de si mesmas, voltadas na mesma direção *(fig. 33B)* e faça um meio-nó *(fig. 33C)*. Com o punho, retenha o meio-nó e gire-o até convertê-lo em um nó único com uma ponta da corda ao redor da outra *(fig. 33D)*. As pontas devem ficar apontando em direções opostas. En-

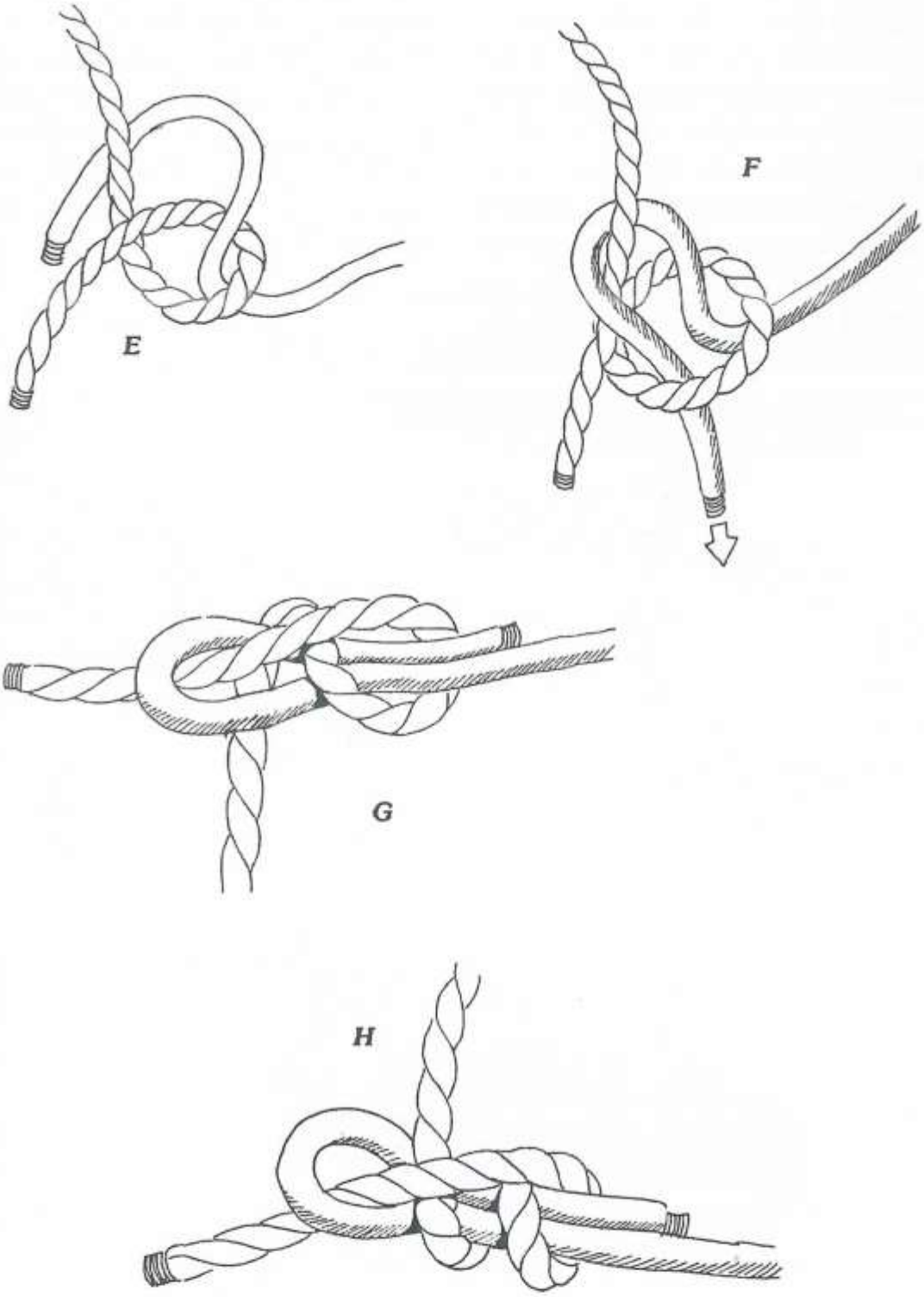
Figura 33



quanto a mão esquerda segura o meio-nó e com a mão direita prende-se a mesma ponta, passe-a atrás da parte fixa da outra corda *(fig. 33E)* e em seguida introduza-a através do meio-nó assim que ela emergir ao longo de sua própria parte fixa *(fig. 33F)*. Puxe as pontas ao mesmo tempo para formar o nó.

Para formar um nó de envolvimento, duplo, empregado em trabalhos mais sérios, que exigem mais segurança e estabilidade, execute a forma do nó único, como explicado aqui. Em seguida, tomando a parte fixa da corda *(fig. 33G)* e seguindo a mesma direção de seu movimento de giro, passe a sua ponta sob o meio-nó formado com sua própria ponta de trabalho e aperte firmemente *(fig. 33H)*.

Figura 33 (cont.)



Bolina em Uma Curva *(fig. 34)*

Num caso urgente de salvamento ou de apoio, quando não se pode perder tempo em busca de um recurso mais elaborado, a bolina feita numa curva da corda exerce a função de uma funda ou mesmo uma cadeira *(fig. 34A)*.

Para executá-la, basta seguir o esquema. Puxe uma curva na corda e dobre-a, usando a ponta da laçada como se fosse única. Faça um meio-nó na parte fixa da corda, passando em seguida a ponta de trabalho através dele *(fig. 34B)*. A seguir, puxe bem a ponta de trabalho sobre o resto da laçada, abrindo-a como mostra a *figura 34C*. Acompanhando a indicação da seta do desenho, puxe através da laçada aberta o resto da corda *(fig. 34D)*. Puxando novamente a laçada maior *(fig. 34E)* até que ela envolva a parte fixa da corda, o nó tomará a aparência definitiva *(fig. 34F)*.

Figura 34

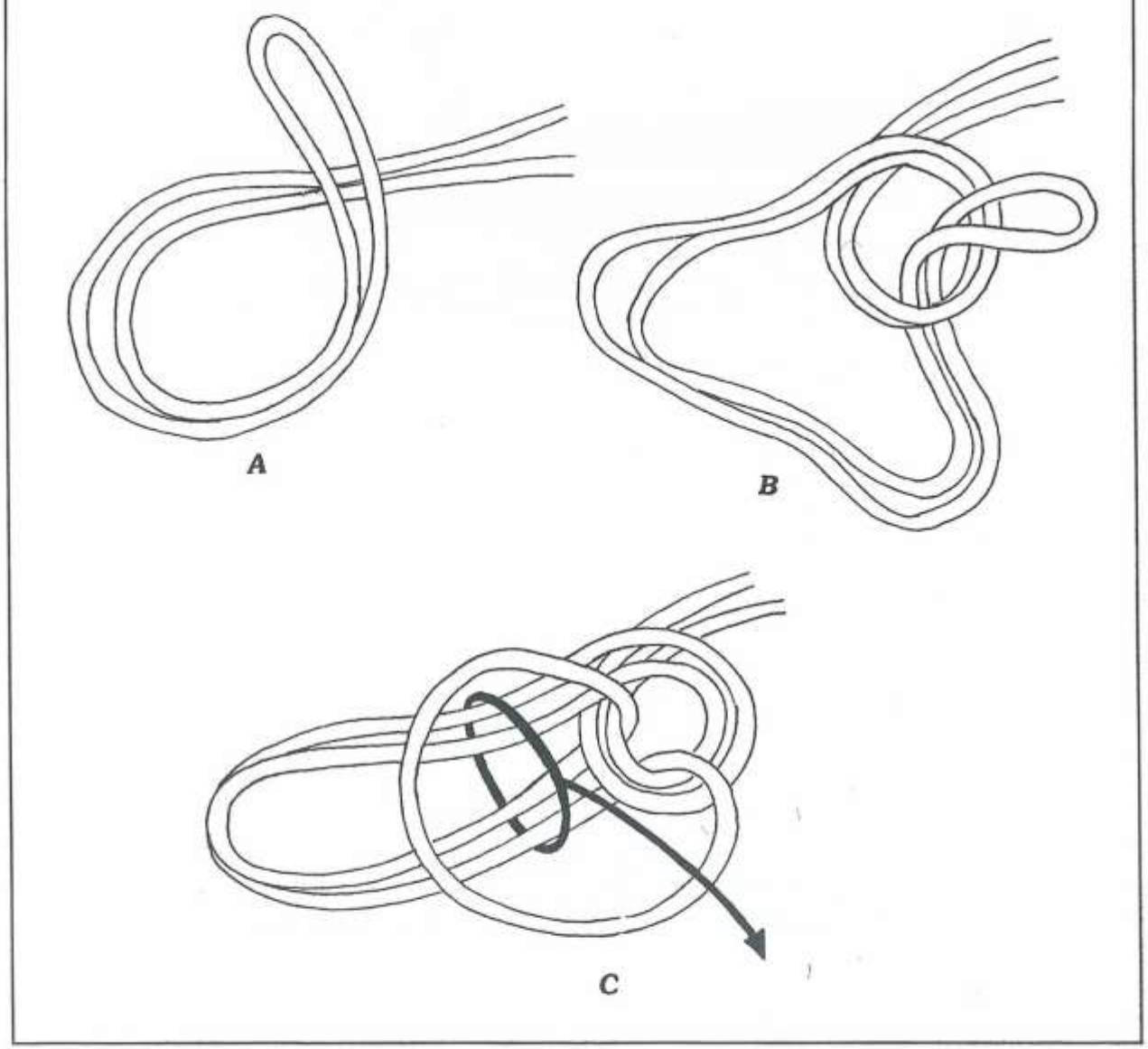
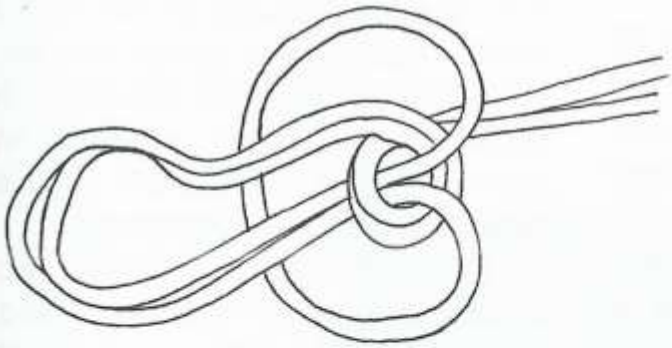
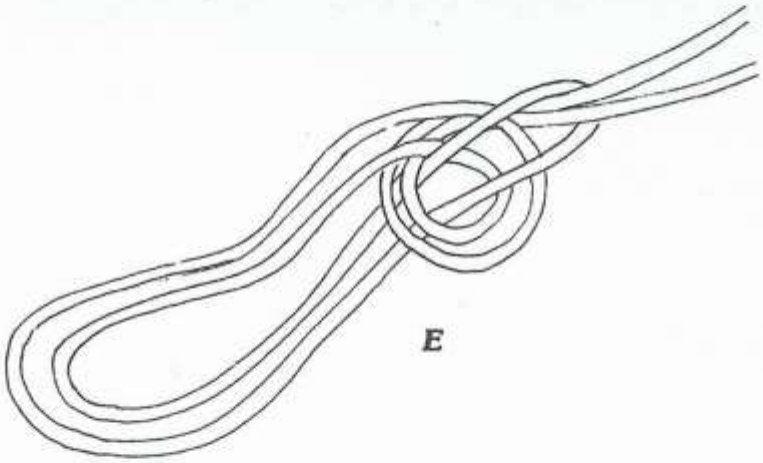


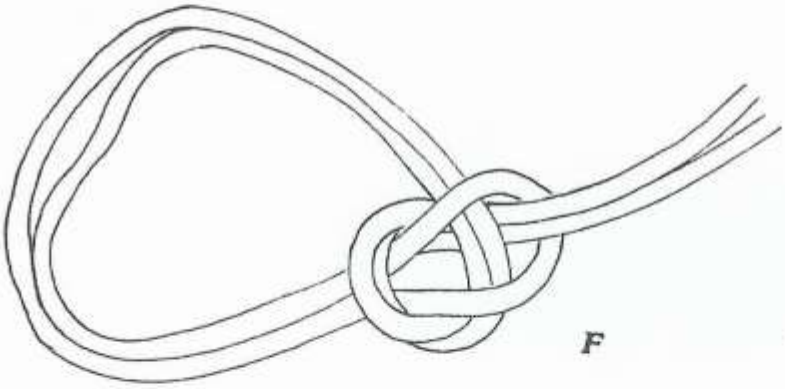
Figura 34 (cont.)



D



E



F

Nó de Volta Completa e Dois Meios-Nós *(fig. 35A)*

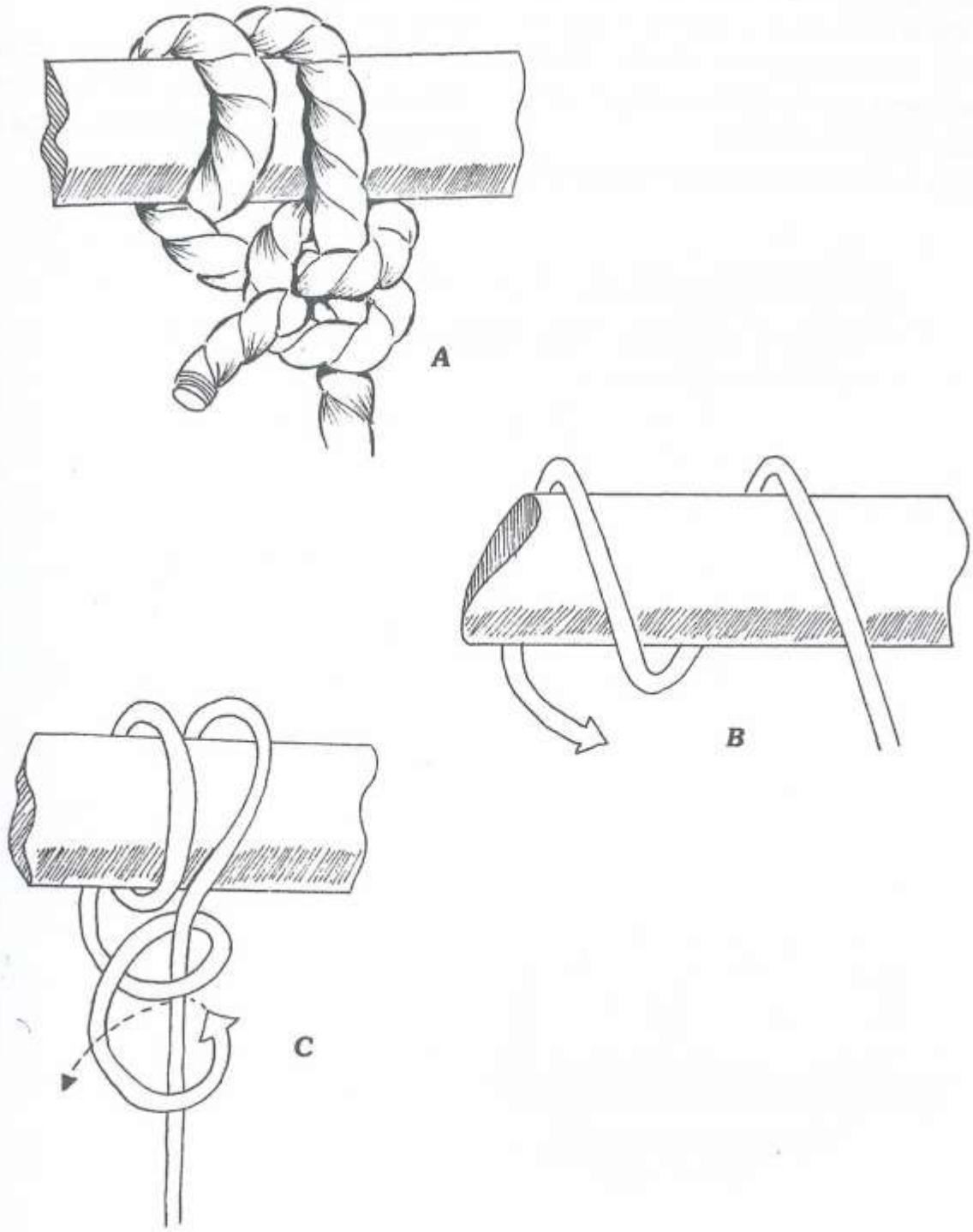
Muito semelhante ao nó de pescador (II) *(fig. 35-A)*, o nó é exatamente isso mesmo que o nome diz: uma volta completa arrematada por dois meios-nós. Este nó é executado em torno de um objeto, podendo ser uma estaca, um mastro ou mesmo uma argola, em resumo, em qualquer suporte, sendo um nó seguro, fácil de ser executado e desfeito.

É ideal para amarrar barcos ao atracadouro com segurança e suportará cargas de qualquer natureza.

Para executá-lo, faça uma volta completa ao redor do suporte *(fig. 35B)*, firmando a parte fixa da corda e trabalhando com a ponta de trabalho. Recordar que, quando estudamos o item "As voltas", nas páginas iniciais deste livro, explicamos que uma volta completa ou inteira deve ser feita como representada na *figura 1*. Deixe a volta afrouxada ligeiramente.

Faça agora um meio-nó em torno da parte fixa da corda e, logo em seguida, execute outro meio-nó abaixo *(fig. 35C)*. Puxe firmemente a parte fixa para ajustar o nó.

Figura 35



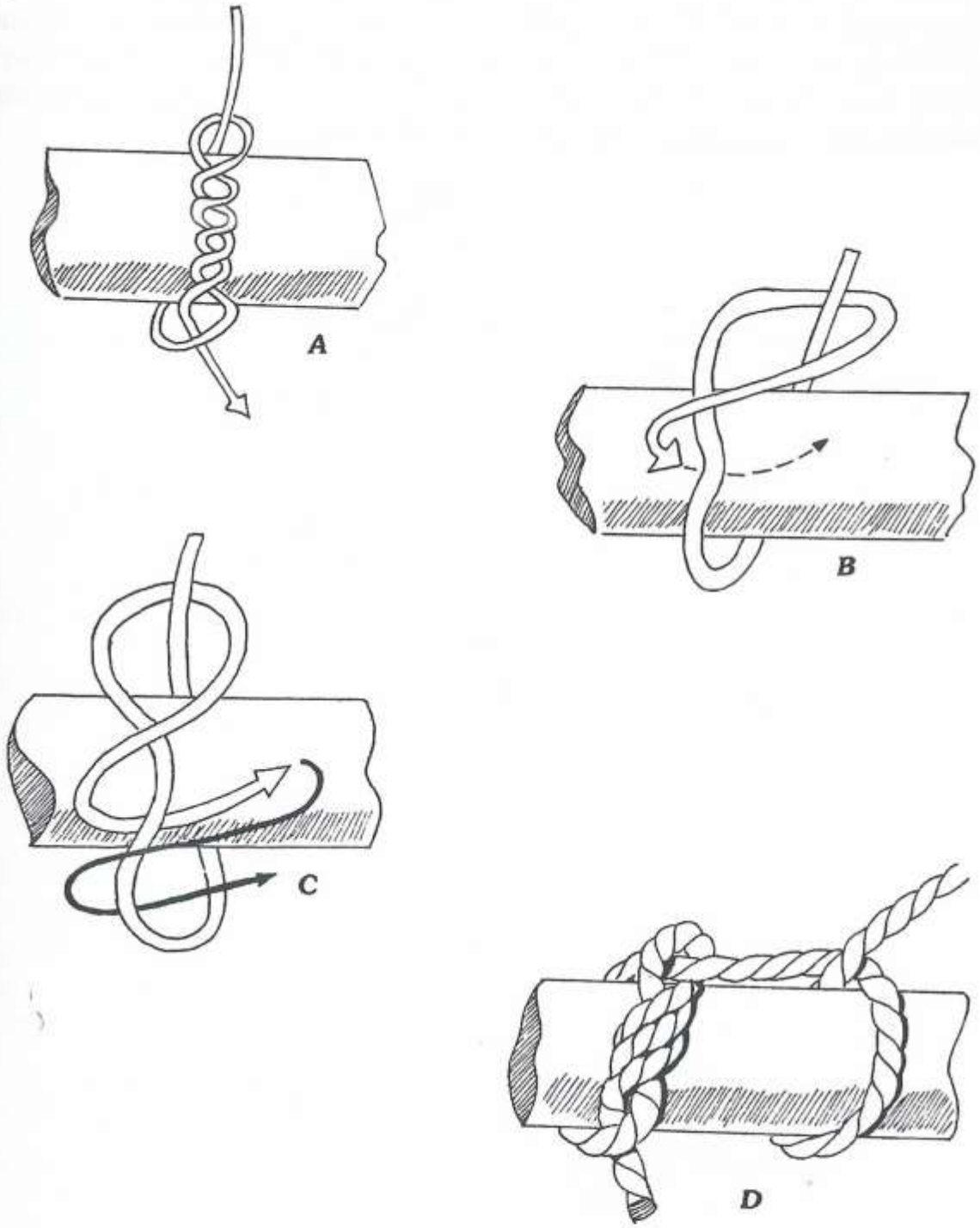
Nó de Vigamento *(fig. 36)*

O Nó de Vigamento é um enlaçamento temporário executado com a ponta de trabalho dobrada para trás, voltada sobre si mesma e enrolada várias vezes sobre sua própria parte fixa *(fig. 36A)*. Naturalmente este nó só pode ser executado em torno de algum objeto, preferencialmente de forma cilíndrica.

Inicie o trabalho fazendo uma meia-volta em torno do objeto e passando a ponta de trabalho por detrás de sua parte fixa *(fig. 36B)*. Continuando o trabalho, gire a corda várias vezes em torno de sua própria parte fixa *(fig. 36C)* e, terminadas as voltas, puxe firmemente a parte fixa para prender o nó.

É comum que um meio-nó seja acrescentado a uma certa distância, feito com a outra ponta da corda. Esse procedimento reforça a segurança do nó *(fig. 36D)*.

Figura 36

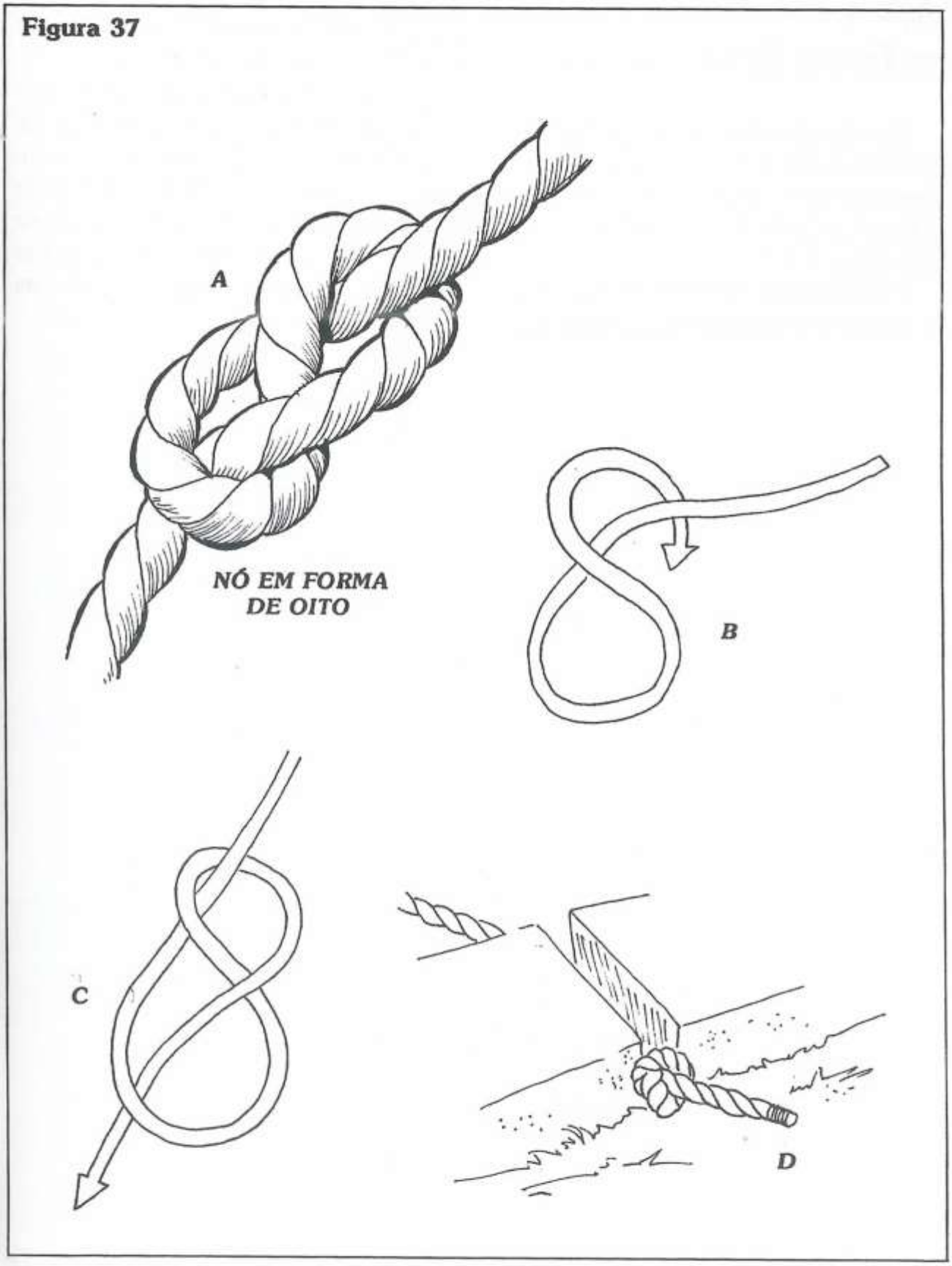


Nó em Forma de Oito *(fig. 37)*

O nó em forma de oito *(fig. 37-A)* é uma ligeira modificação do nó superior ou polegar, no qual a ponta de trabalho é tomada ao redor da ponta fixa *(fig. 37B)* e em seguida introduzida na laçada anteriormente formada *(fig. 37C)*.

Este nó é mais volumoso que o nó superior comum e muito mais fácil de ser desfeito quando não for apertado demasiadamente. É usado comumente sempre que se queira criar uma protuberância numa corda, servindo perfeitamente quando se fizer necessária a fixação de uma corda em um encaixe, semelhante ao da *figura 37D*. Neste caso, o nó poderá ser empregado se não houver uma estaca ou outro local onde amarrar a corda.

Figura 37



Laçada com Nó em Forma de Oito *(fig. 38)*

Uma laçada forte e segura, que pode ser usada com aplicação de tensão ou sustentar carga nas duas pontas e ser executada em material firme (cordas de fibras naturais) ou escorregadio (fibras sintéticas).

Para a execução dessa laçada, basta puxar o corpo da corda formando uma laçada e, usando a mesma laçada como ponta de trabalho, execute um nó em forma de oito, como o que foi explicado anteriormente *(fig. 39)*.

A desvantagem desta laçada é que ela consome uma considerável parte da corda e em conseqüência disso o nó se torna maciço e volumoso. Apertado sob grande pressão pode tornar-se difícil de ser desfeito. No entanto ele é de execução tão fácil e rápida que, se houver necessidade de montar-se uma laçada com certa urgência, não hesite em lançar mão dele.

Figura 38

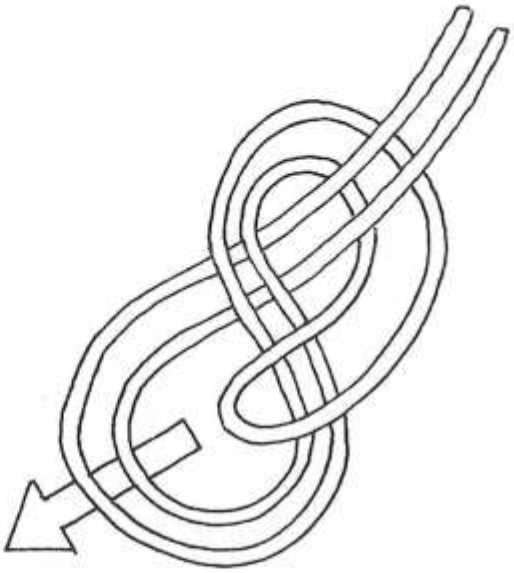


Figura 39

*
* *

Nós Sobre Cordões

Não é preciso ser um *expert* na arte de fazer nós para se empregar corretamente os nós adequados ao uso doméstico, que é o que usualmente acontece com barbantes, fios, linhas e cordões, pois dentro de nosso lar estamos sempre sob a contingência de fazer pacotes, amarrar fardos em ocasião de mudanças, algum conserto no jardim ou na horta, como a amarração de estacas para suportes de plantas, etc. O que acontece na maioria das vezes é que praticamente todas as pessoas conhecem apenas um tipo de nó — Nó Superior duplo ou Nó Cego — que normalmente não pode ser desfeito depois de fortemente pressionado, e torna-se necessário cortar o fio empregado, às vezes estragando-o, impedindo o seu reaproveitamento.

Apresentaremos aos leitores uma série de nós práticos e simples para o uso doméstico, aconselhados para serem executados sobre fios mais finos e flexíveis, em vez de cordas. Escolha aquele que se aplicar ao seu trabalho e não hesite em usá-lo sempre.

Nós Simples Sobre Cordões e Seu Emprego *(fig. 40)*

Fig. 40A — Nó Simples, Superior ou Polegar: é usado sempre como base para a construção de um outro nó. É indicado para ser feito sobre superfícies cilíndricas, onde se firmará pela pressão que o objeto exercerá sobre ele, enquanto se executa o nó posterior, que pode ser, por exemplo, uma laçada ou outro nó superior.

Fig. 40B — Nó de Laço, fixo, formado com um nó superior na linha dobrada na curva. É um nó rápido e simples, completamente seguro e sua laçada serve como uma funda, utilizado quando se quer içar um fardo.

Fig. 40C — Nó de Laço, corrediço, indicado para amarrar pacotes, podendo ser ajustado por meio de tração de sua parte fixa.

Fig. 40D — Embora possa parecer idêntico ao nó descrito na figura anterior, o leitor atento perceberá que o nó único foi elaborado na parte fixa do cordão e não na ponta de trabalho. Este nó de laço é a base para um variado número de outros nós de fardos e pacotes.

Fig. 40E — Como alternativa adicional para amarrar pacotes, o nó apresentado forma uma laçada, tendo sua ponta de trabalho — a menor — arrematada por um nó único para obstar a mesma laçada, evitando assim que ela se desfaça, depois que o nó for tensionado em torno do pacote.

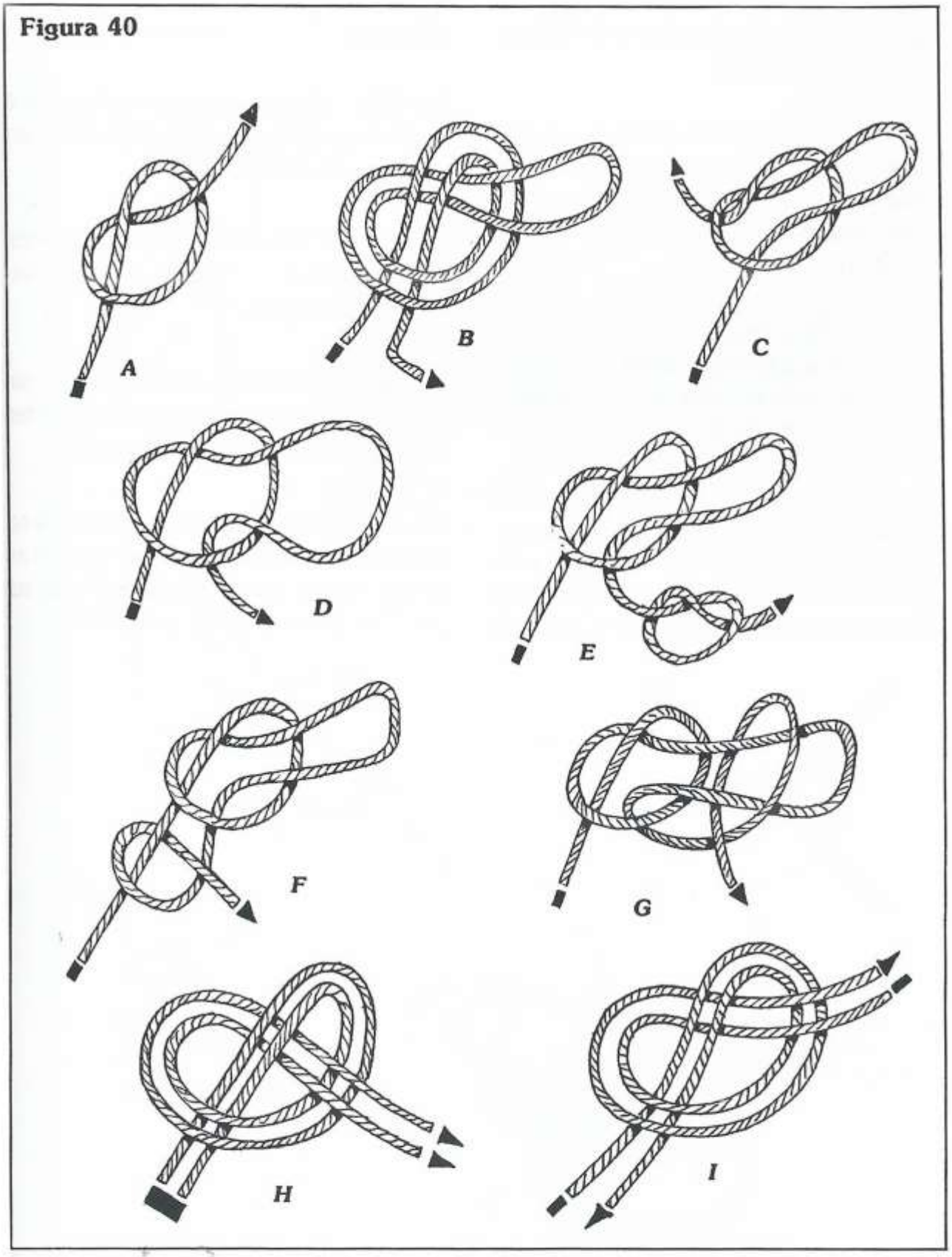
Fig. 40F — Temos nesta figura o mesmo nó anterior, com sua ponta de trabalho arrematada com um nó único em torno de sua própria parte fixa.

Fig. 40G — Esta figura mostra uma outra variação do nó de pacote.

Fig. 40H — O nó superior, empregado como nó de união, serve para unir dois pedaços de cordões ou barbantes de forma segura. No presente caso, basta unir as duas pontas paralelamente e realizar um nó superior ou nó simples. Este nó pode ser também usado somente para manter unidos em uma meada uma coleção de fios.

Fig. 40I — Para unir dois barbantes com um outro tipo de nó, junte as duas pontas, trespas-

Figura 40



sando-as e executando um nó simples. Notar que os comprimentos dos barbantes prolongam-se em direções opostas.

Fig. 40J — Um tanto mais volumoso que o nó superior, o nó em forma de oito é um nó de arremate, ou seja, um nó de encaixe, que pode servir como *âncora* para o trabalho que será executado.

Fig. 40K — O mesmo nó em forma de oito executado com o fio dobrado forma uma forte laçada. Pode ainda ser usado como um volumoso nó de encaixe ou arremate.

Fig. 40L — Ainda o mesmo nó em forma de oito, executado agora de modo a unir duas pontas de barbantes. Neste exercício ele tem o nome de Nó Flamengo — certamente originário da antiga região de Flandres — e é executado com as pontas dos barbantes trespassadas uma pela outra.

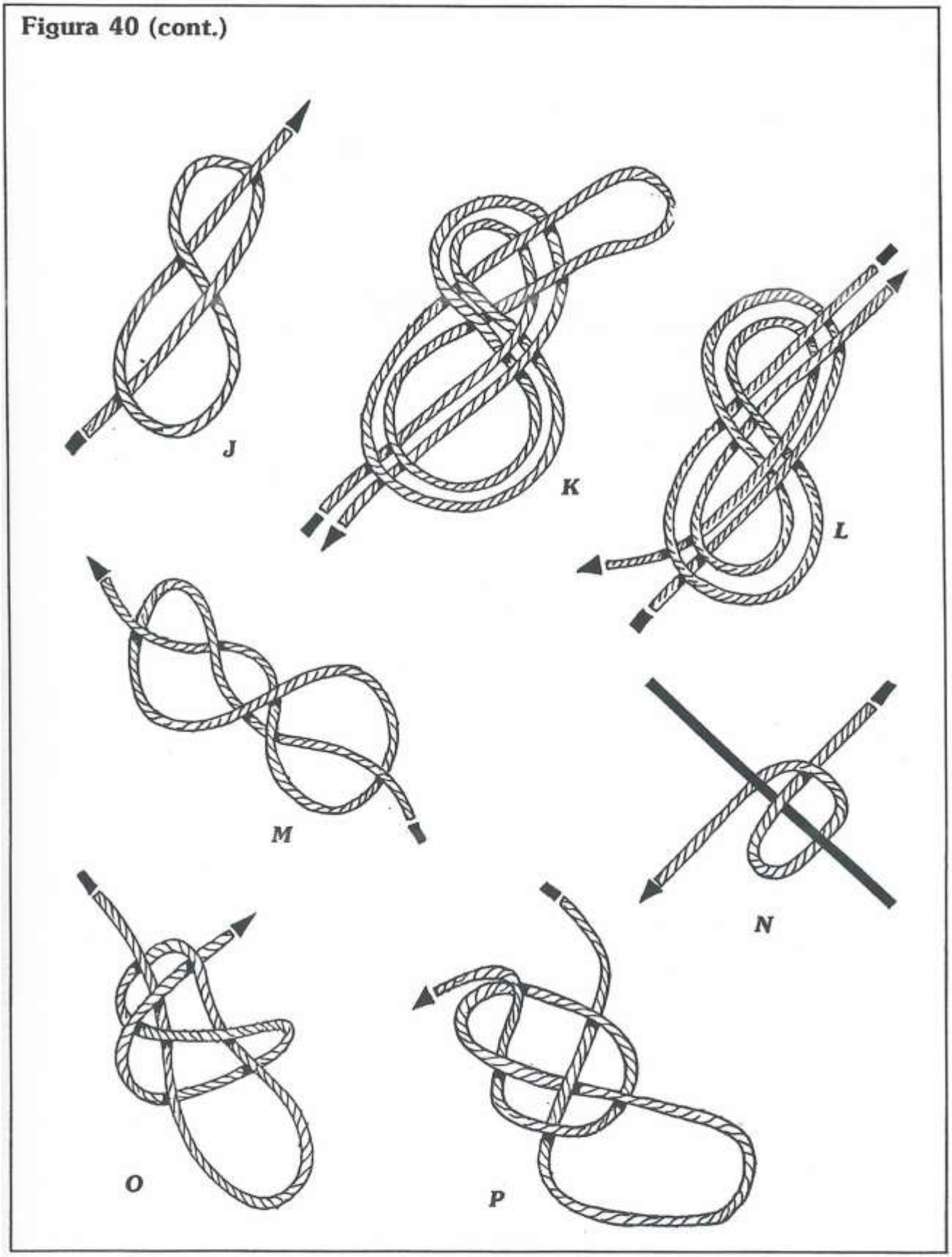
Fig. 40M — O nó que aparece na figura M é um Nó Superior Duplo. Serve como nó de arremate ou de encaixe.

Fig. 40N — O Nó Cruzado é empregado no cruzamento de linhas sobre pacotes regulares, dando firmeza à amarração.

Fig. 40O — Nó corrediço em forma de oito: outra alternativa segura para a amarração de fardos, com o emprego da laçada para içar.

Fig. 40P — O Nó de Laçada da figura pode ser ajustado ao tamanho desejado e em seguida assentado sobre o objeto, regulando-o pela sua parte fixa, antes de apertá-lo totalmente.

Figura 40 (cont.)



*
* *

Outros Nós

Nó de Trava *(fig. 41)*

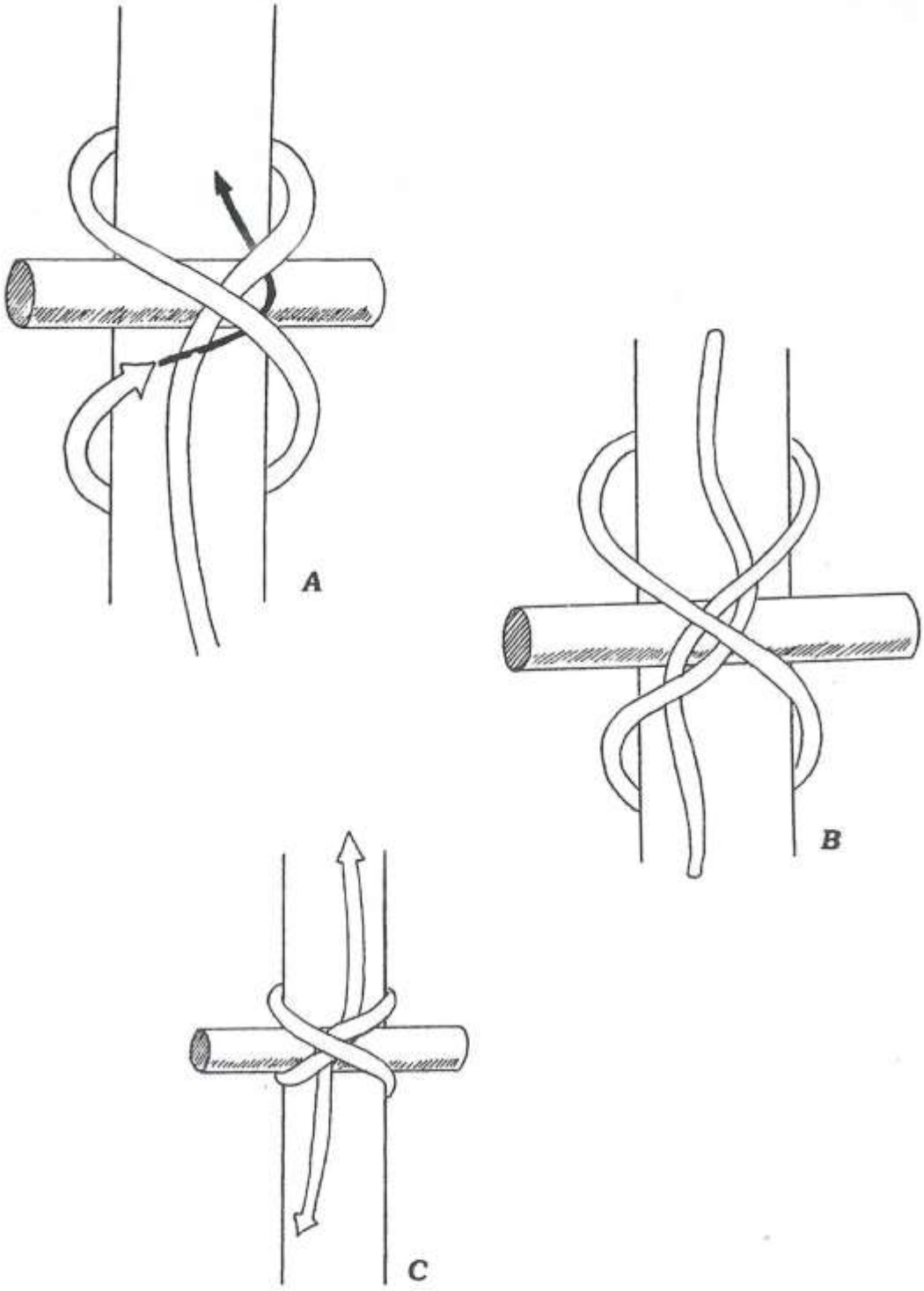
O nó de trava (travar = prender, encadear) é um excelente processo para fixar pedaços de madeira, bambu, etc., cruzados sobre uma base. Aparentado com o nó constritor, o nó de trava pode ter as pontas pequenas sem correr o risco de desfazer-se sozinho.

Segure as duas partes que se pretende unir uma sobre a outra e envolva-as com a corda, mantendo a parte fixa ao longo da base e fazendo um movimento em forma de oito *(fig. 41A)*. Em seguida, introduza a ponta de trabalho sob o nó único originado do cruzamento anterior *(fig. 41B)*.

Puxe firmemente as duas pontas da corda em direções opostas para firmar as laçadas *(fig. 41C)*.

Este nó torna-se difícil de se desmanchar após ter sido pressionado adequadamente, principalmente quando executado com fios maleáveis e finos, como barbantes ou cordões de algodão. Nesse caso, para desfazê-lo, a única forma será cortar o fio na diagonal superior do nó.

Figura 41



Nó Estrangulador *(fig. 42)*

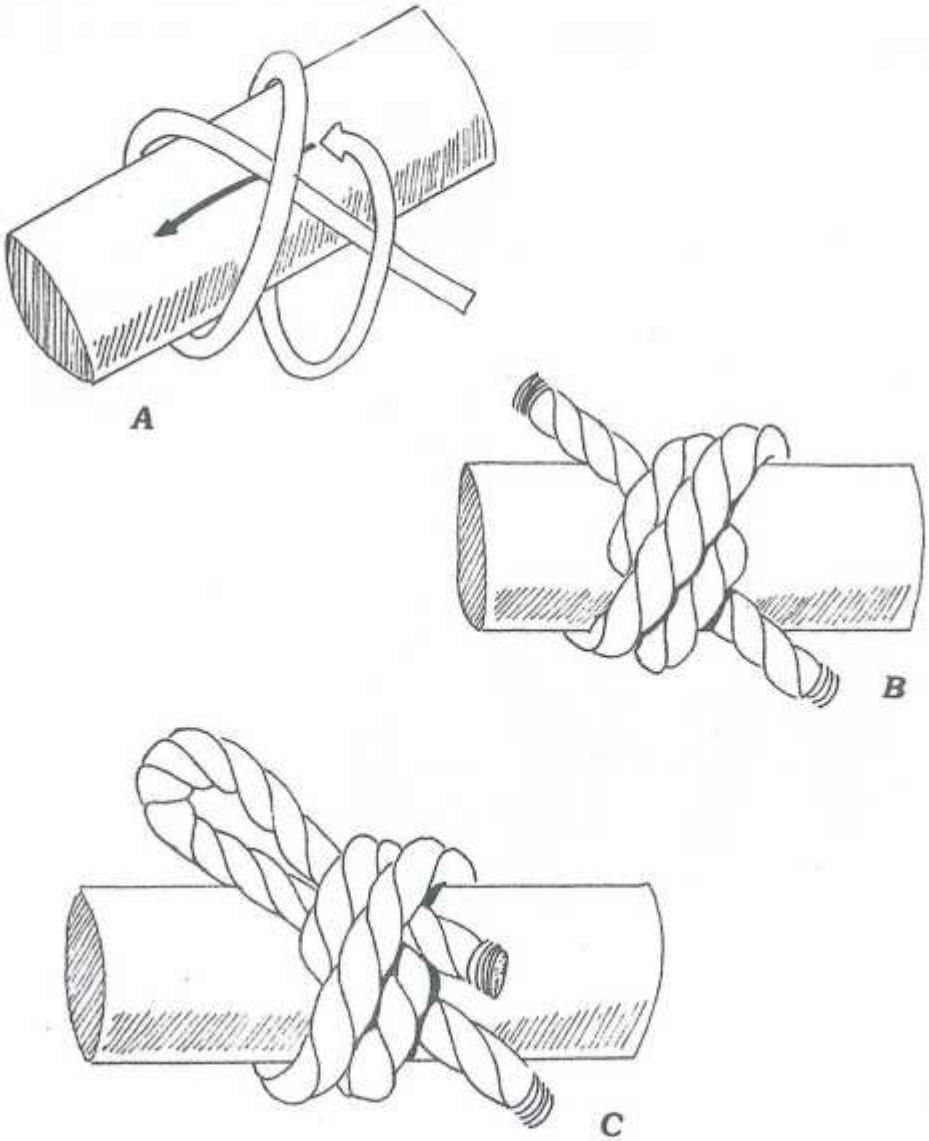
Quando usado sobre uma única base, o nó estrangulador é o mesmo nó de trava. A base pode ser uma trave, estaca ou outra corda mais grossa.

É um excelente expediente para se amarrar um rolo de papel de parede, a boca de um saco, tapetes, etc.

Faça uma volta completa ao redor da base, passando sobre a parte fixa da corda, e em seguida passando por cima da parte fixa, e logo depois introduzindo a ponta de trabaho sob o ponto de pressão da volta e da parte fixa *(fig. 42A)*. Puxe as pontas firmemente *(fig. 42B)*.

Uma útil laçada pode ser feita se introduzir a ponta de trabalho de volta sob o cruzamento antes de pressionar definitivamente o nó. *(fig. 42C)*.

Figura 42

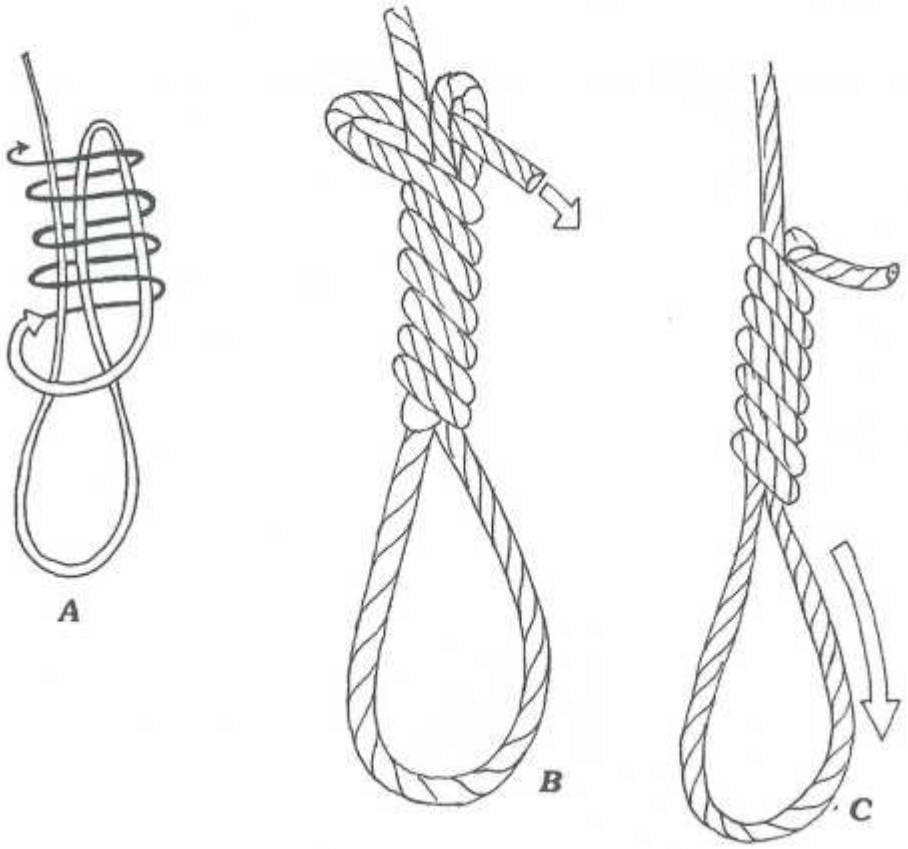


Nó de Carrasco *(fig. 43)*

Este é um nó de laço muito forte, destinado a resistir a pesados choques de cargas. Ele não desliza facilmente e é pré-ajustado ao tamanho necessário. Deve ser feito com um número básico de sete voltas da ponta de trabalho sobre sua parte fixa.

Para executá-lo, acompanhe o diagrama. Arme a laçada conforme o esquema da *figura 43A*, deixando a ponta de trabalho com tamanho suficiente para executar as voltas. Realize-as firmemente e, ao fazer a última volta, introduza a ponta de trabalho na laçada superior do nó *(fig. 43B)*. Em seguida puxe a laçada inferior pelo lado correspondente à ponta de trabalho para apertá-la e conservar as voltas seguras *(fig. 43C)*. O laço é regulado movimentando-se o lado da corda correspondente à sua parte fixa.

Figura 43

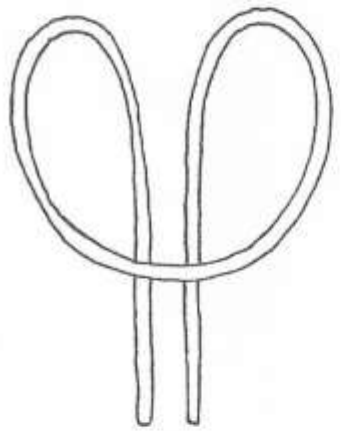


Nó Para Gargalo *(fig. 44)*

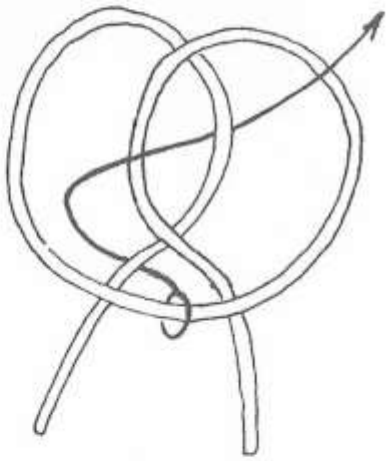
Um nó especial para amarrar nos gargalos de garrafas ou jarros, de grande utilidade. É seguro e resistente. Para executá-lo, acompanhe os diagramas com atenção, pois embora pareça um pouco complicado, na verdade é muito simples.

Faça uma laçada com dois meios-nós *(figura 44A)* e em seguida puxe as duas partes interiores, cruzando-as *(fig. 44B)*. Sem deixar que as posições se modifiquem, puxe a parte inferior da laçada, passando-a pela direção da seta da *figura 44C*. Ao se executar o movimento anterior, duas outras laçadas se formarão na frente e atrás da laçada central. Nas *figuras 44 C e 44 D*, vire estas duas laçadas para baixo, ficando com um nó idêntico ao da *figura 44 E*. Introduza o gargalo do jarro ou garrafa no interior do nó e puxe as duas pontas e a laçada, ajustando-o corretamente *(fig. 44F)*.

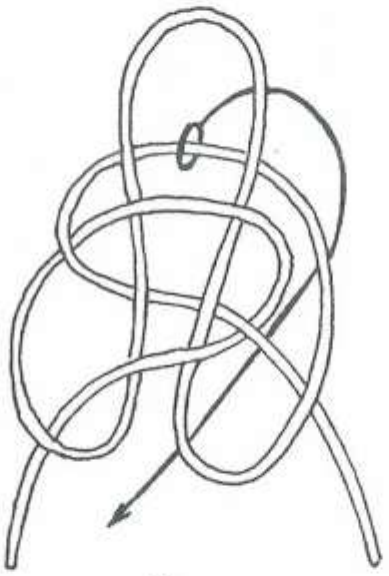
Figura 44



A

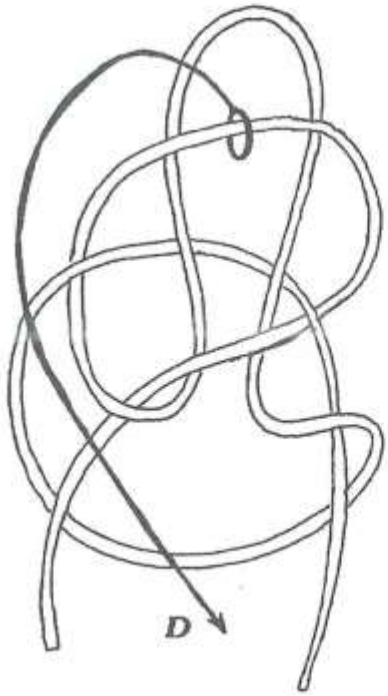


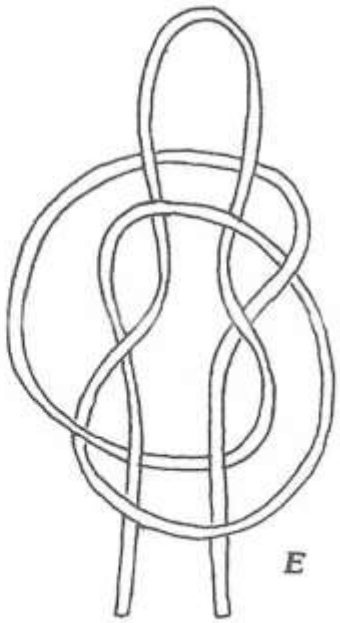
B

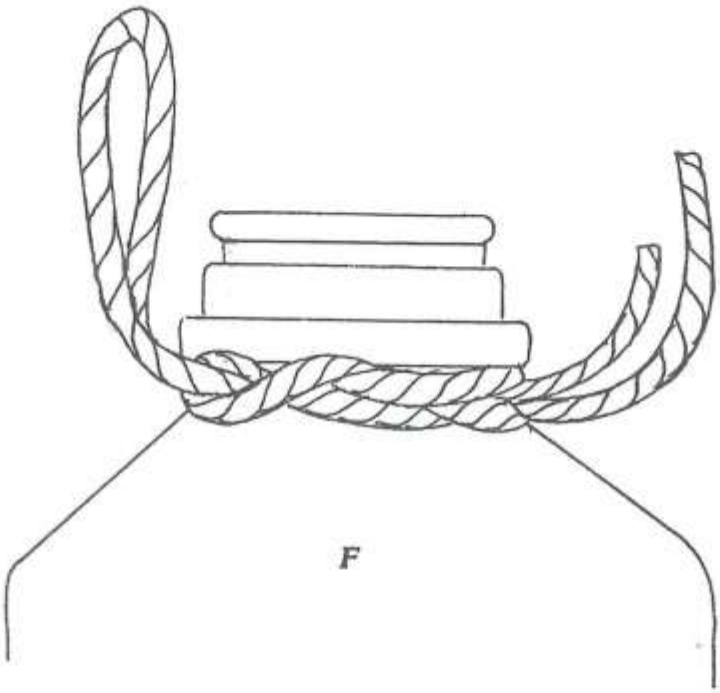


C

Figura 44 (cont.)





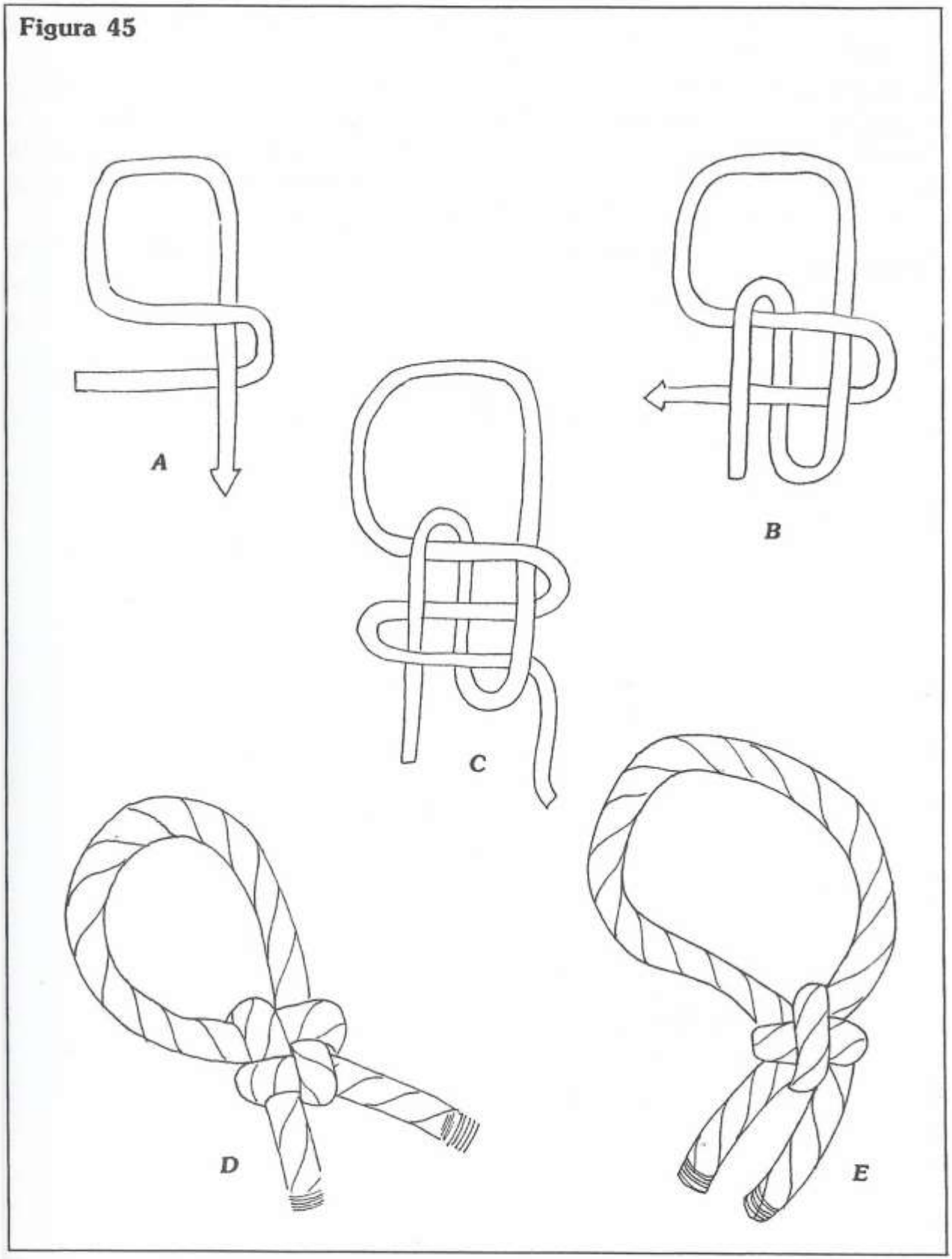


Nó Quadrado *(fig. 45)*

O nó quadrado, belo e simétrico, é um nó essencialmente decorativo. Faz um belo efeito quando usado em um lenço de seda com uma gravata ou ainda se executado sobre um cinto de corda, cujas pontas caem formando um ângulo reto.

O esquema apresentado na *seqüência A, B e C* da *figura 45* dá a visão total de sua montagem. Após executados os movimentos indicados pelo diagrama, ajuste a laçada ao tamanho desejado e trabalhe as dobras convenientemente, para obter-se o efeito anterior e posterior mostrado nas *figuras D e E*.

Figura 45



Nó de Cirurgião *(fig. 46)*

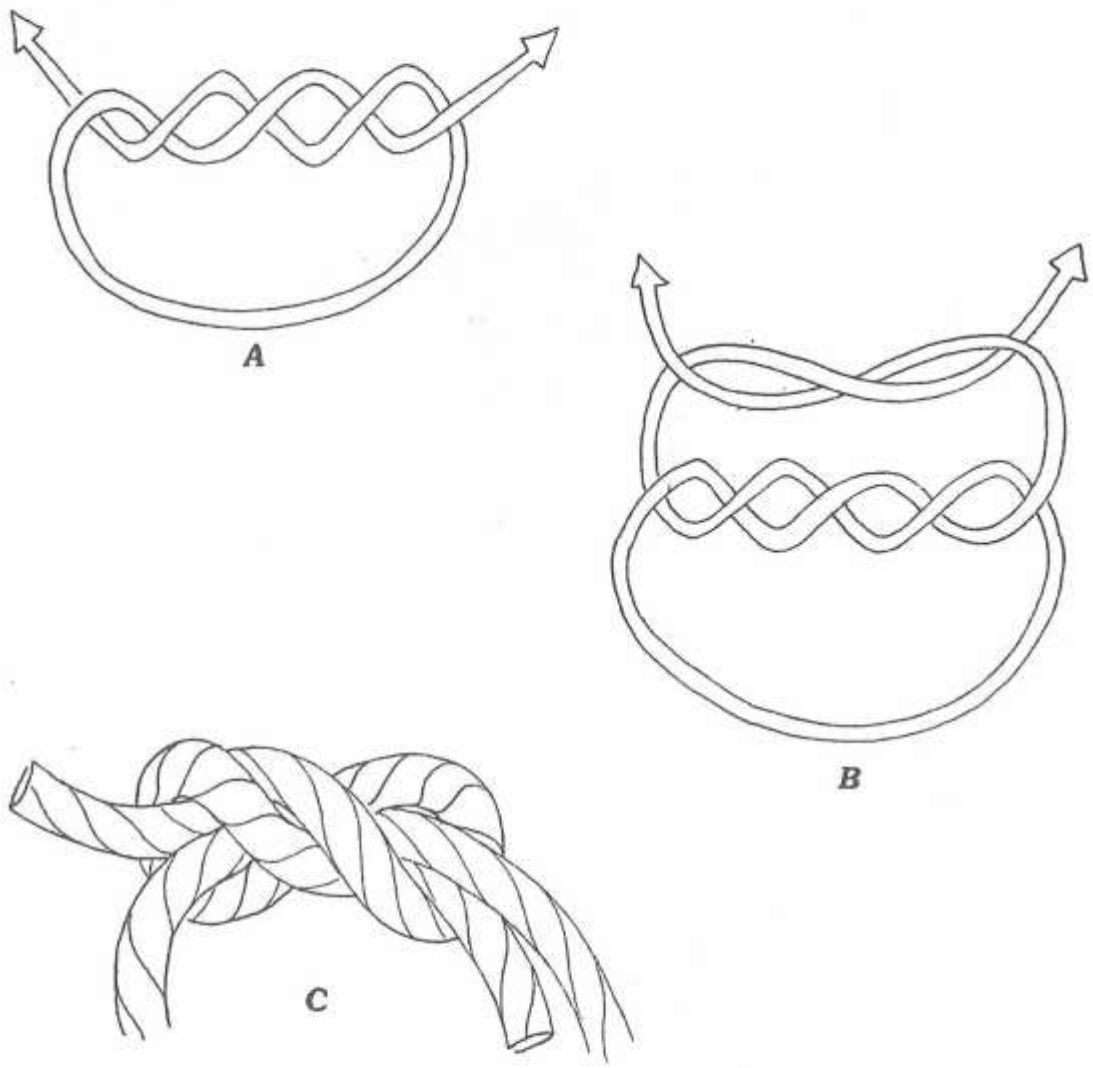
Usado nos trabalhos cirúrgicos, este nó tem também sua aplicação fora da profissão médica. O nó de cirurgião é torcido e puxado apertadamente, formando uma diagonal no topo de si mesmo.

Execute um nó superior duplo *(fig. 46A)* com as duas pontas de trabalho e, antes de fechá-lo, realize outro nó superior simples *(fig. 46B)*.

Puxando as pontas de trabalho, o nó adquirirá a forma definitiva *(figura C)*.

Pode ser empregado para formar laçadas fixas ou unir com segurança as pontas de duas cordas.

Figura 46



Nó Inglês *(fig. 47)*

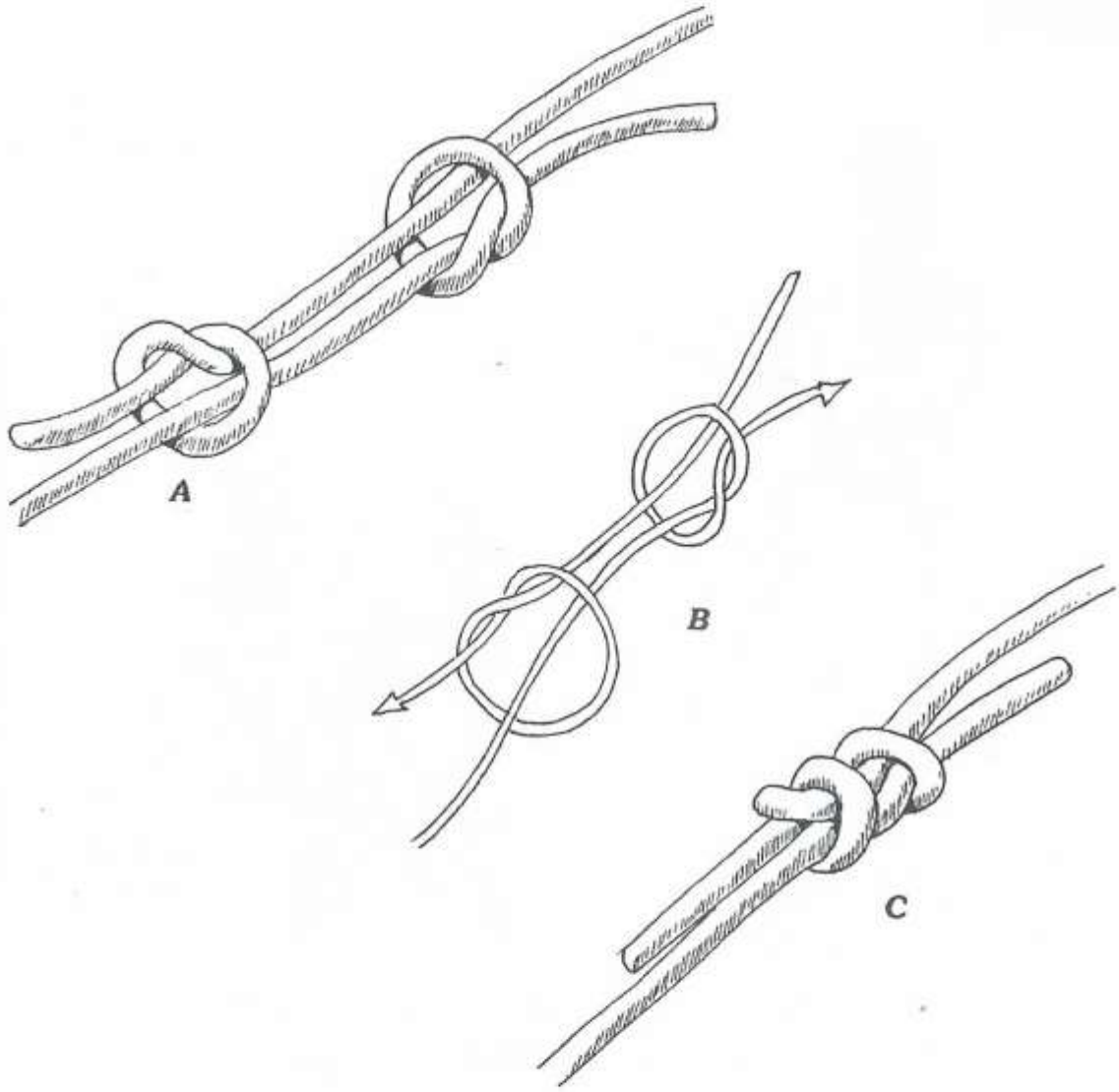
O nó inglês é um dos mais seguros e simples nós de união das pontas de duas cordas quando bem apertados e unidos um ao outro, ou seja, os nós simples de cada corda *(Fig. 47-A)*.

O nó inglês é executado pelo entrelaçamento de um meio-nó na ponta de cada corda ao redor da parte fixa da outra. *(Fig. 47-B)*. Os meios-nós podem ser feitos com a ponta de trabalho, uns a uma certa distância do outro e, antes de serem apertados, são ajustados um próximo do outro *(fig. 47C)*.

À parte de seu volume, que é uma desvantagem inerente a todos os nós de união de duas cordas, este nó pode tornar-se difícil de se desfazer depois de fortemente pressionado.

Para pessoas que fazem pouco uso de nós em sua vida diuturna este nó provavelmente não encontrará aplicação.

Figura 47



Nó de Giro *(fig. 48)*

A proposta do nó de giro é amarrar uma corda a uma outra corda *(fig. 48-A)* ou mastro *(fig. 48-B)*, de tal forma que o nó resista a puxões longitudinais sem escorregar. O nó de giro é freqüentemente usado para amarrar uma corda mais fina a uma outra mais grossa. É um nó seguro e sempre fácil de ser desfeito. Há duas versões, dependendo se ele é executado sobre uma corda ou sobre um mastro.

Supondo que a direção da tensão exercida sobre o nó seja para baixo, faça em torno da corda um nó único *(fig. 48C)* com a ponta de trabalho passando sob a parte fixa da corda. Execute uma volta ao redor da base e passando sobre o nó único, mas sempre passando por baixo da parte fixa *(fig. 48D)*. Termine com um segundo nó único no alto *(fig. 48E)*.

Quando o nó for executado em torno de um mastro a meia-volta é feita abaixo do nó único. *(fig. 48F)*.

Figura 48

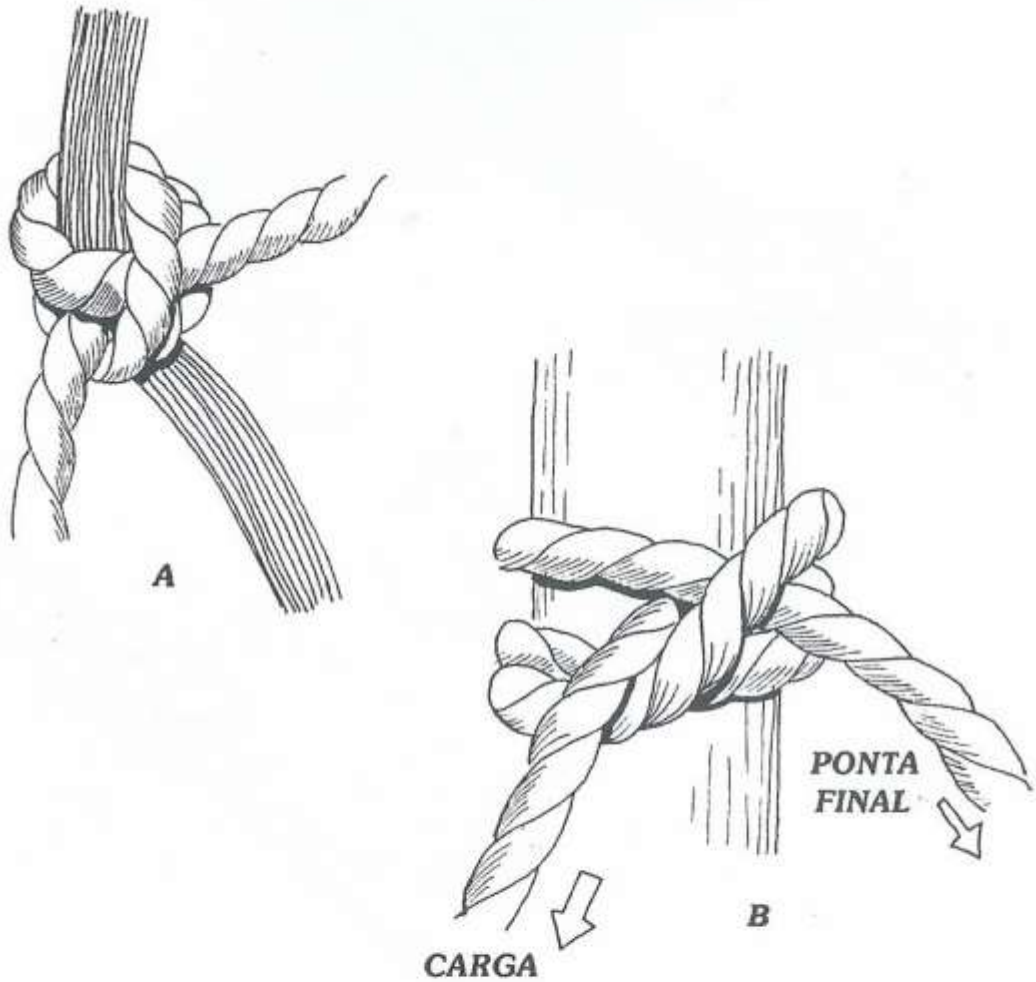
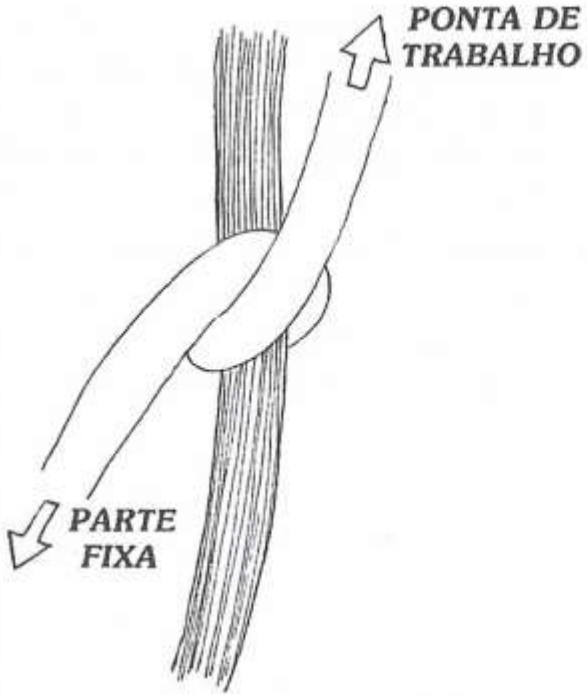
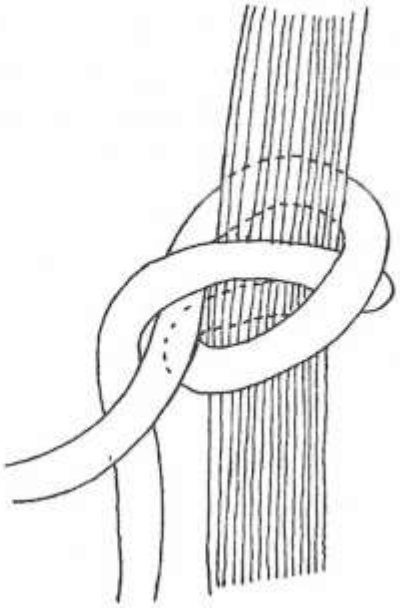


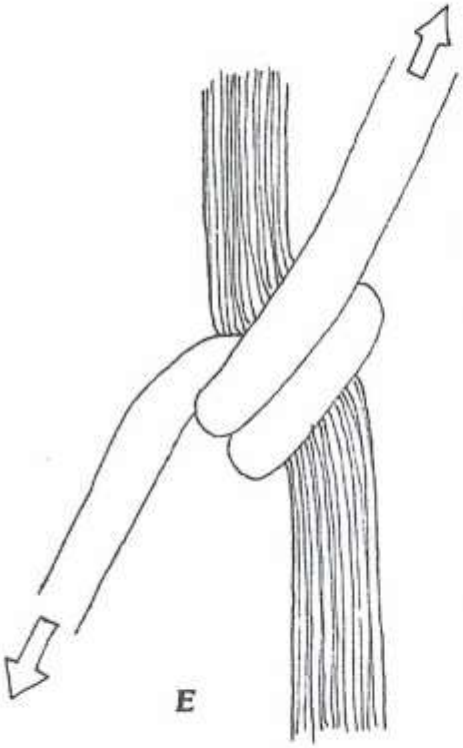
Figura 48 (cont.)



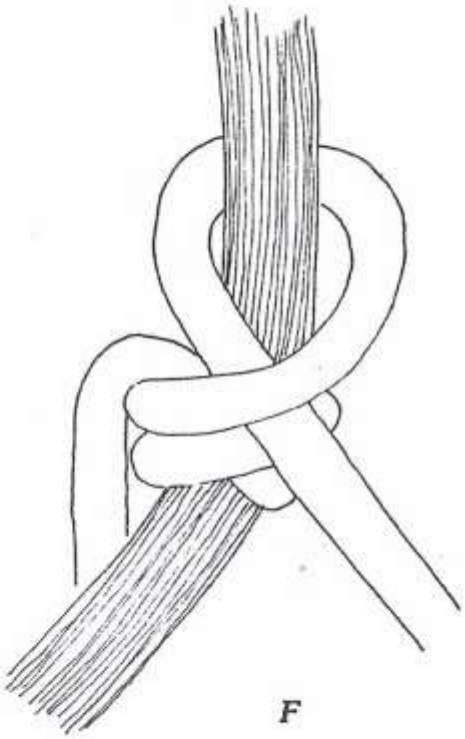
C



D



E



F

Dois Meios-Nós *(fig. 49)*

Um meio-nó por si mesmo não é um nó propriamente, pois ele será facilmente desfeito, mas um segundo meio-nó aplicado sobre o primeiro servirá como uma trava, tornando difícil que qualquer pressão vinda do objeto que receba o nó possa desfazê-lo. Os meios-nós deverão ser feitos sempre na mesma direção *(veja a figura 49)* e dois deles são suficientes para qualquer trabalho ou utilização. Aplicar mais de dois meios-nós numa amarração é absolutamente desnecessário e inútil.

Os dois meios-nós, não sendo muito seguros e tendendo a correr e apertarem-se mutuamente, são normalmente usados em conjunto com outras formações em uma série de importantes nós.

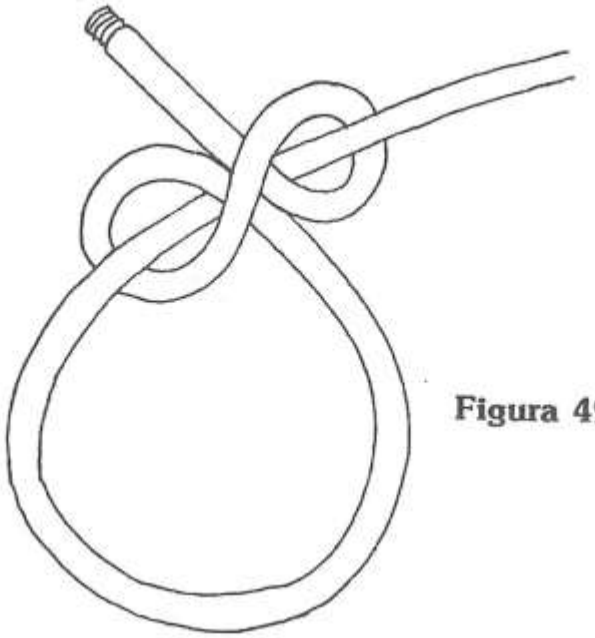


Figura 49

Nó de Gravata *(fig. 50)*

À primeira vista este nó parece exatamente o mesmo que chamamos de Dois Meios-Nós *(ver fig. 49)*, mas neste caso presente os meios-nós são colocados de modo invertido, tanto que o segundo meio-nó é executado dentro da laçada formada pelo primeiro meio-nó. Isto faz dele um nó muito seguro e resistente a puxões e safanões. É menos propenso a apertar-se sozinho, e para que isso aconteça será necessário submetê-lo a uma grande pressão. Se isso ocorre, pode tornar-se difícil de ser desmanchado.

Diferente de quase todos os outros nós, sua ponta pode ser deixada muito pequena, pois é um nó econômico e leve. Sua leveza e resistência faz dele um nó ideal para amarrações variadas, que não imponham grande pressão. É o melhor nó para atar-se a alças de baldes, indicado para atar-se animais e, se feito de forma corrediça, pode ser um seguro cabresto para um cavalo.

Para se executar o nó de forma que ele possa correr e ser ajustado conforme se desejar, basta que se o execute como se estivesse realmente dando nó em uma gravata *(fig. 51)*.

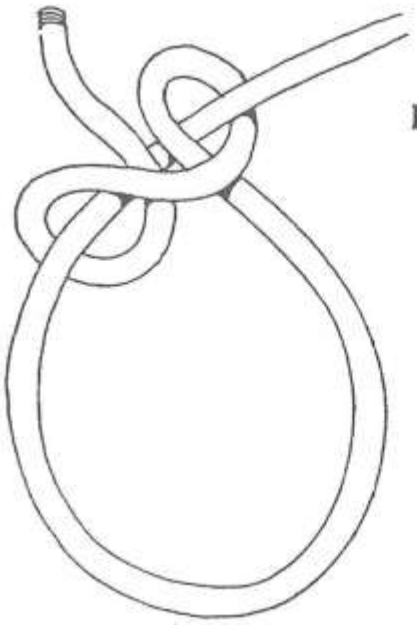


Figura 50

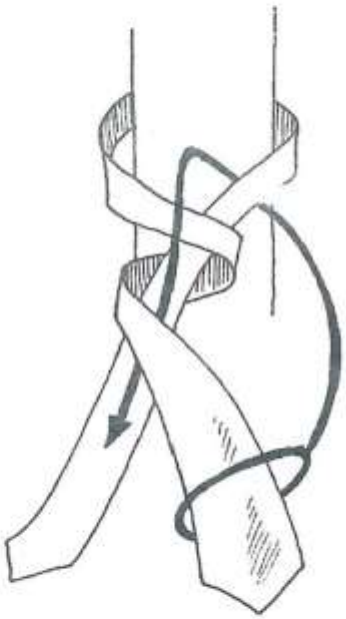


Figura 51

Dois Meios-Nós Invertidos *(fig. 52)*

Dispensando maiores esclarecimentos, esta é uma terceira forma de se arranjar dois meios-nós em um nó seguro e prático. Possui as mesmas características já citadas para os nós formados com esse arranjo, como o Nó de Gravata e de Ajuste.

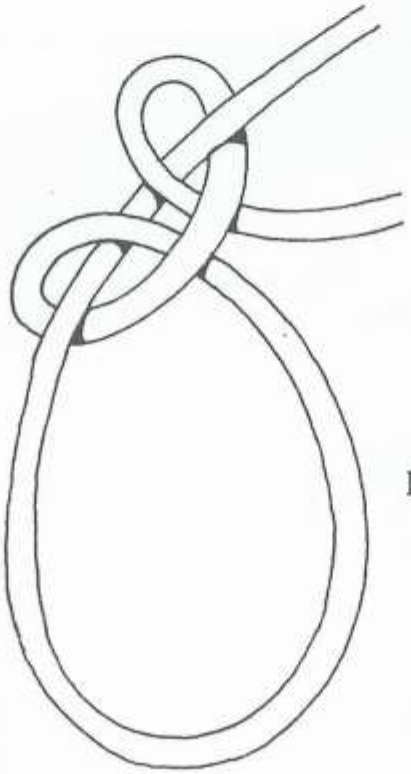


Figura 52

Nó Inferior *(fig. 53)*

Um nó rápido e que dispensa maiores explicações, é ideal para amarrar animais a estacas, como as rédeas de um cavalo. Sua vantagem é que o nó não se aperta automaticamente e o movimento ou tensão aplicados sobre a sua parte fixa prenderá a ponta de trabalho, impedindo que o nó se desfaça sozinho. Por outro lado, pode ser desfeito com facilidade pelo cavaleiro.

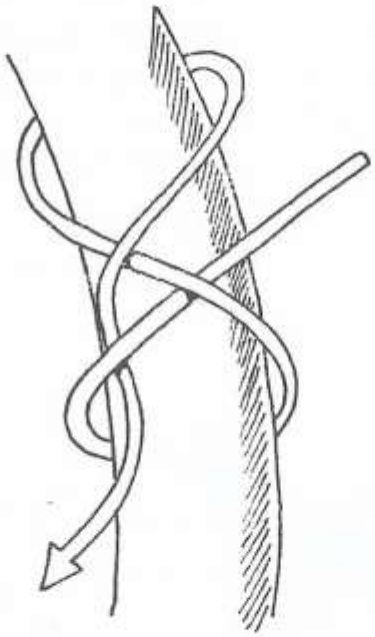


Figura 53

Nó-Cabeça-de-Pássaro ou Cabeça-de-Vaca *(fig. 54)*

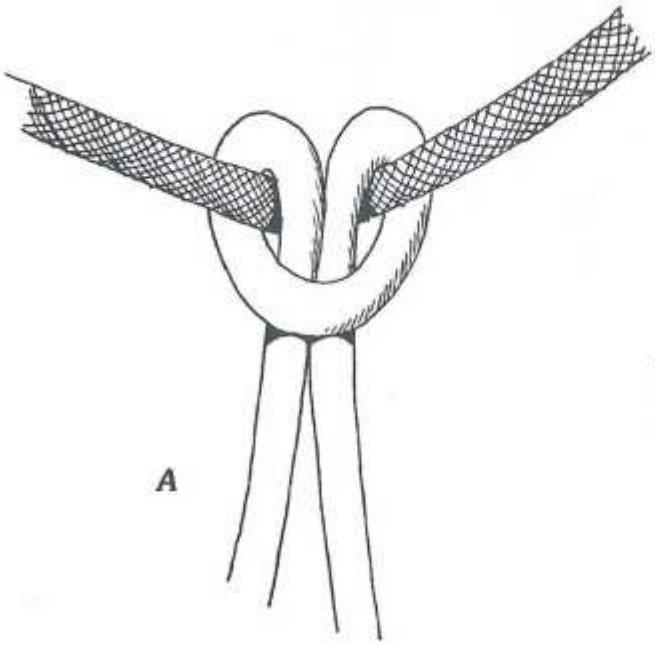
Este nó acha-se no mesmo grau de parentesco encontrado entre os nós formados de meios-nós invertidos, como acontece com o nó de gravata ou o nó de ajuste, já anteriormente referidos. Ele é muito usado quando se vai exercer pressão sobre as duas pontas da corda e sempre na mesma direção *(fig. 54-A)*.

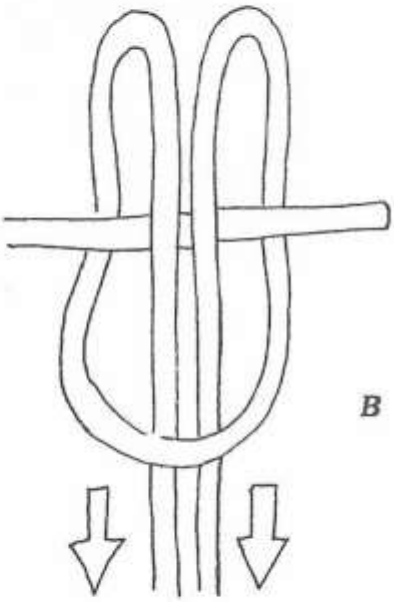
O Nó-Cabeça-de-Pássaro é o mais fácil de todos os nós para se fazer e desfazer, e ambas as operações podem ser executadas com uma só mão. Uma de suas utilidades é guardar pequenos pedaços de cordas, fios, barbantes e cadarços, de forma a poderem ser rapidamente recuperáveis e sobretudo por tornar fácil recordar-se de onde eles foram guardados. Também é usado, na técnica do macramê, como amarração básica para uma infinidade de trabalhos.

Para montá-lo, basta dobrar a linha, formando uma laçada e, passando a laçada em torno de um objeto (outra corda, um cabo, etc.), introduz-se as pontas da corda através da laçada *(fig. 54-B)*. Se acaso o objeto tem uma das extremidades livres, ele poderá ser montado no ar e em seguida encaixado sobre o dito objeto que servirá como suporte.

Como já se disse, é fácil desmanchá-lo. Para isso, basta tomar a laçada central e puxá-la. Este nó não prende nem aperta, como um nó de ajuste.

Figura 54





Nó de Rede *(fig. 55)*

O nó de rede é outra espécie de nó de pescador, mas este tem a vantagem de possuir uma volta extra ao redor do mastro ou corda — caso seja a base — o que o torna seguro contra puxões longitudinais em qualquer direção. O esquema é bastante elucidativo, dispensando maiores explicações.

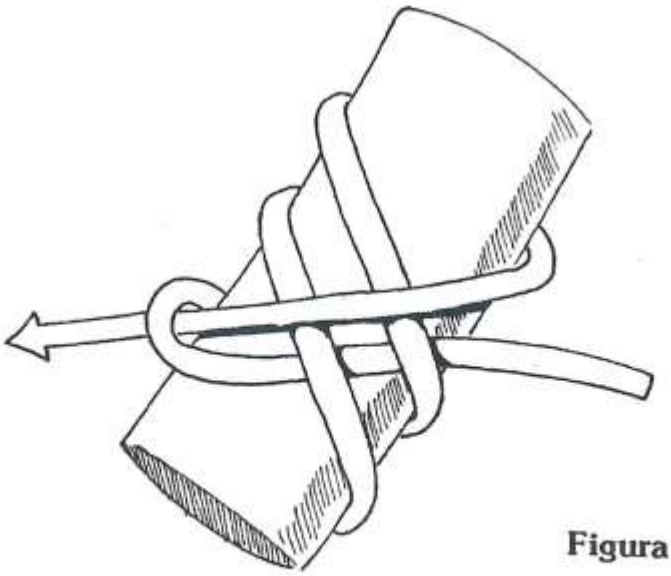


Figura 55

Nó de Ajuste *(fig. 56)*

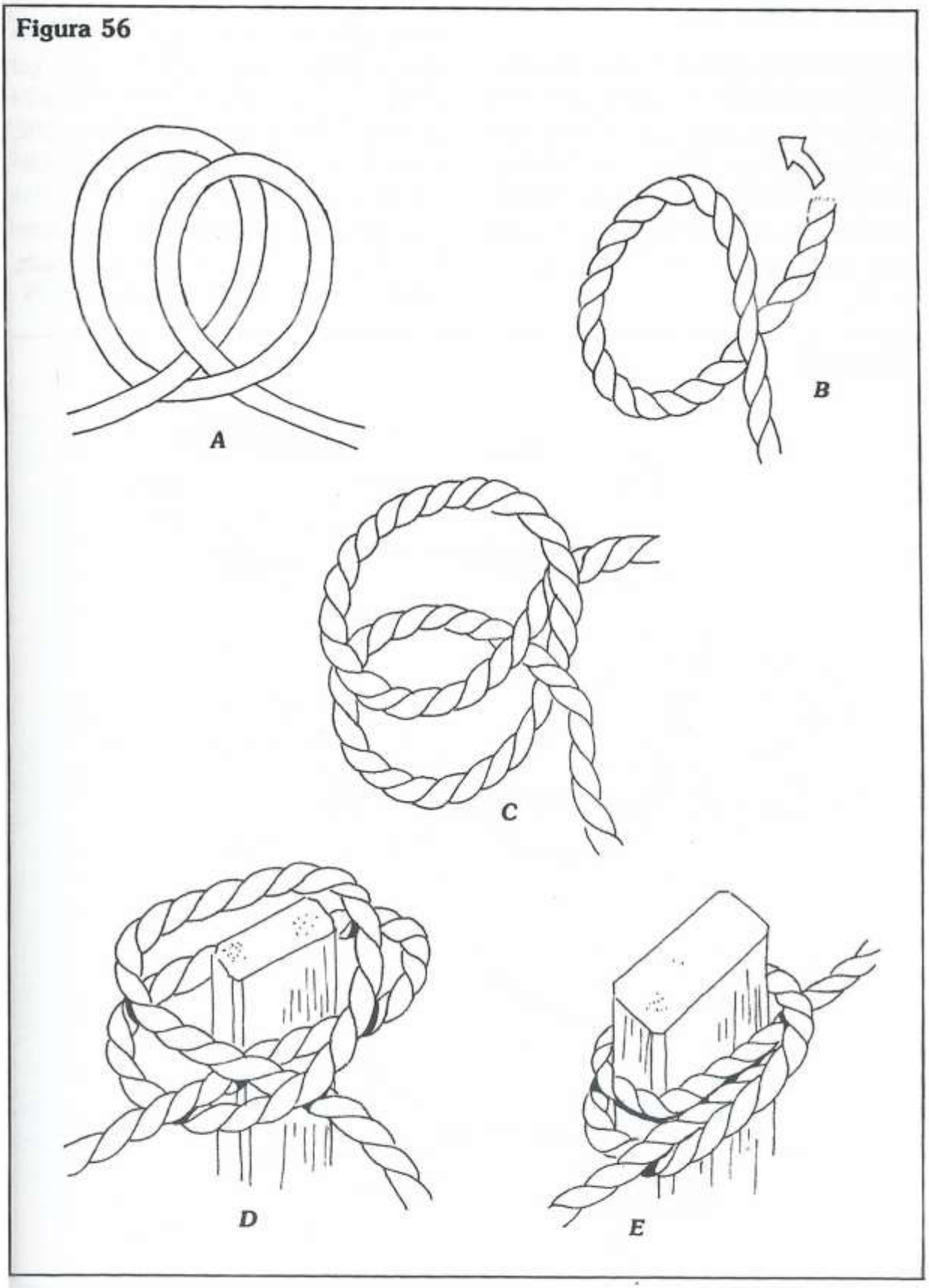
Este nó tem a mesma formação dos nós Dois Meios-Nós e Nó de Gravata, mas é executado em torno de outro objeto em lugar de girar em torno de sua parte fixa.

É difícil imaginar a profusão de nós que existem cuja finalidade é somente amarrar barcos ao ancoradouro quando atracados. Este nó de ajuste é um deles e, por isso mesmo, de emprego limitado. Ele deve receber pressão sobre ambas as pontas e em direção oposta, para que possa ajustar-se em torno do objeto sobre o qual ele é amarrado. Na ausência dessa condição, é melhor o emprego de outro nó.

Quando apenas uma das pontas receber pressão, o nó e inseguro, a menos que se faça um meio-nó na outra ponta em torno da parte fixa. O nó desmanchar-se-á completamente se acaso o objeto sobre o qual for executado puder rodar ou se acaso um animal amarrado com este nó girar em torno da estaca continuamente em direção oposta ao do sentido da amarração.

O nó de ajuste pode ser apertado muito fortemente e tornar-se difícil de ser desmanchado quando feito sobre um objeto que não permita que se possa retirá-lo, puxando-o para cima. A sua montagem sobre uma estaca pode ser feita como mostra a seqüência de *figuras A a E*, montando-o primeiro no ar, ou seja, fora da estaca e encaixando-o a seguir *(fig. D)* e pressionando-o depois de devidamente encaixado *(fig. E)*.

Figura 56



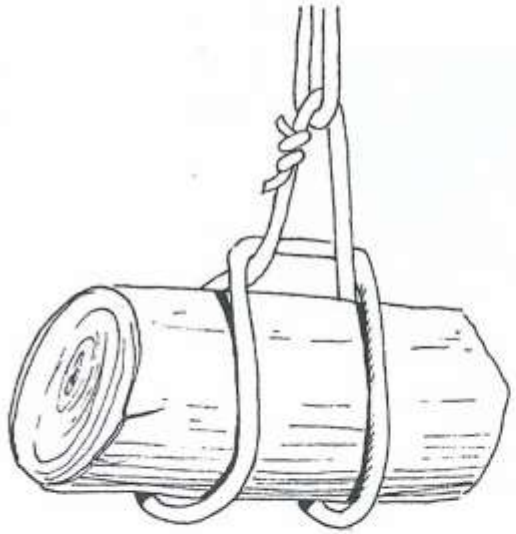
Nó de Fardo *(fig. 57)*

O nó de fardo, que pode ser usado como uma espécie de funda, é montado como uma laçada que envolve o fardo ou outro objeto qualquer, desde que este ofereça as devidas condições de aprisionamento. A laçada é arrematada firmemente com nós já estudados — nó superior duplo ou triplo, nó em forma de oito, etc. *(fig. 57A)*.

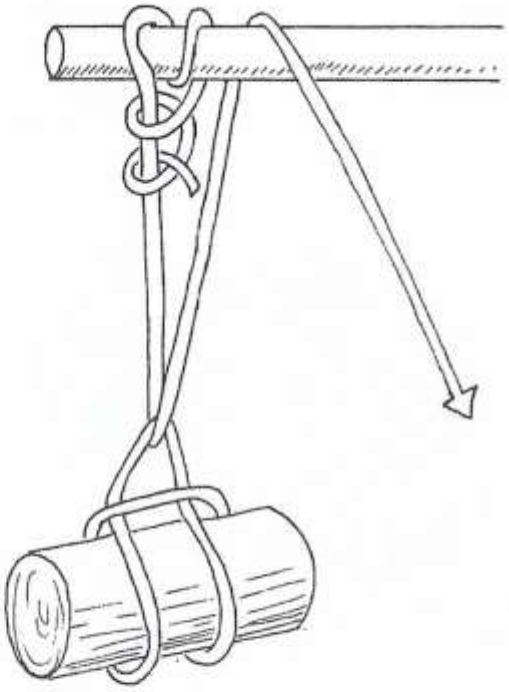
Depois que o fardo estiver envolvido pela laçada, uma outra corda é montada criando o efeito de um guindaste. A corda usada para içar o fardo deve ter seu fim amarrado sobre uma trave, um galho de árvore ou outro suporte, usando, para esse fim, um nó de volta completa e dois meios-nós *(fig. 57B)*.

Aplicando uma força sobre a ponta de trabalho da corda, ela agirá como um guindaste, içando o fardo ou pacote em questão.

Figura 57



A



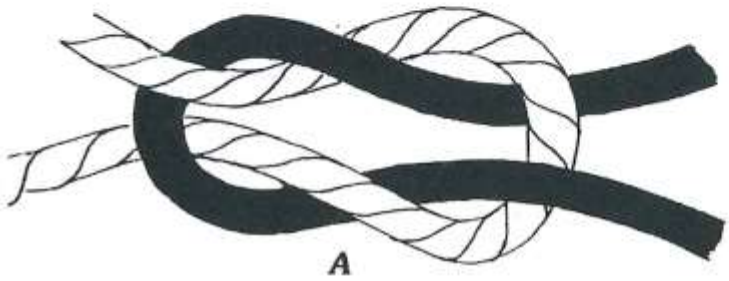
B

Nó Cego *(fig. 58)*

O nó cego é muito usado por todas as pessoas, de uma forma geral e indiscriminada. Ele é o resultado de uma execução incorreta do nó de esquadro *(fig. 58A)*. Sob pressão, o nó cego tende a deslizar e por esta razão nunca deve ser empregado quando se necessita de um nó digno de confiança.

O nó cego é composto pela sobreposição de dois nós superiores, sendo que o primeiro deve ser um nó superior esquerdo *(fig. 58B)*, e o segundo um nó superior direito *(fig. 58C)*, ou vice-versa. Para ajustá-lo, puxam-se as quatro pontas ao mesmo tempo.

Figura 58



A

B

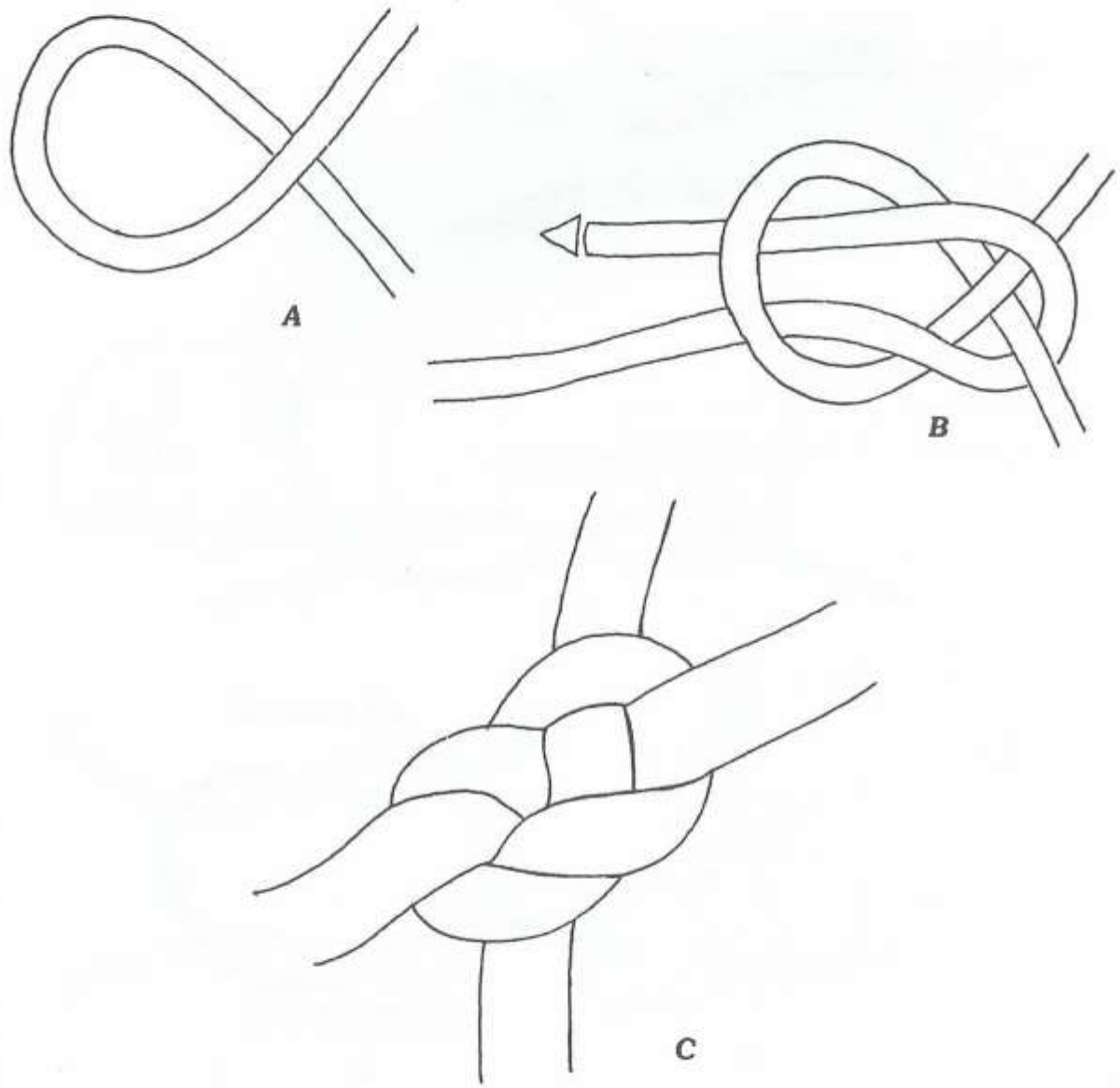
C

Nó de Tecelão *(fig. 59)*

O nó de tecelão, algumas vezes chamado de nó de envolvimento, tem seu nome derivado da prática dos tecelões em empregá-lo para emendar fios arrebentados. Os pescadores também o empregam para consertar redes. Por ser um nó forte e seguro, podendo ser executado facilmente e com rapidez, ele deve ser empregado sempre que surgir uma emergência.

Para executá-lo, monte uma laçada ou meio-nó *(fig. 59A)* com uma das pontas da corda e com a outra ponta execute os movimentos de laçada, como é visto na *figura 59B*. Para ajustá-lo, puxam-se as quatro pontas ao mesmo tempo *(fig. 59C)*.

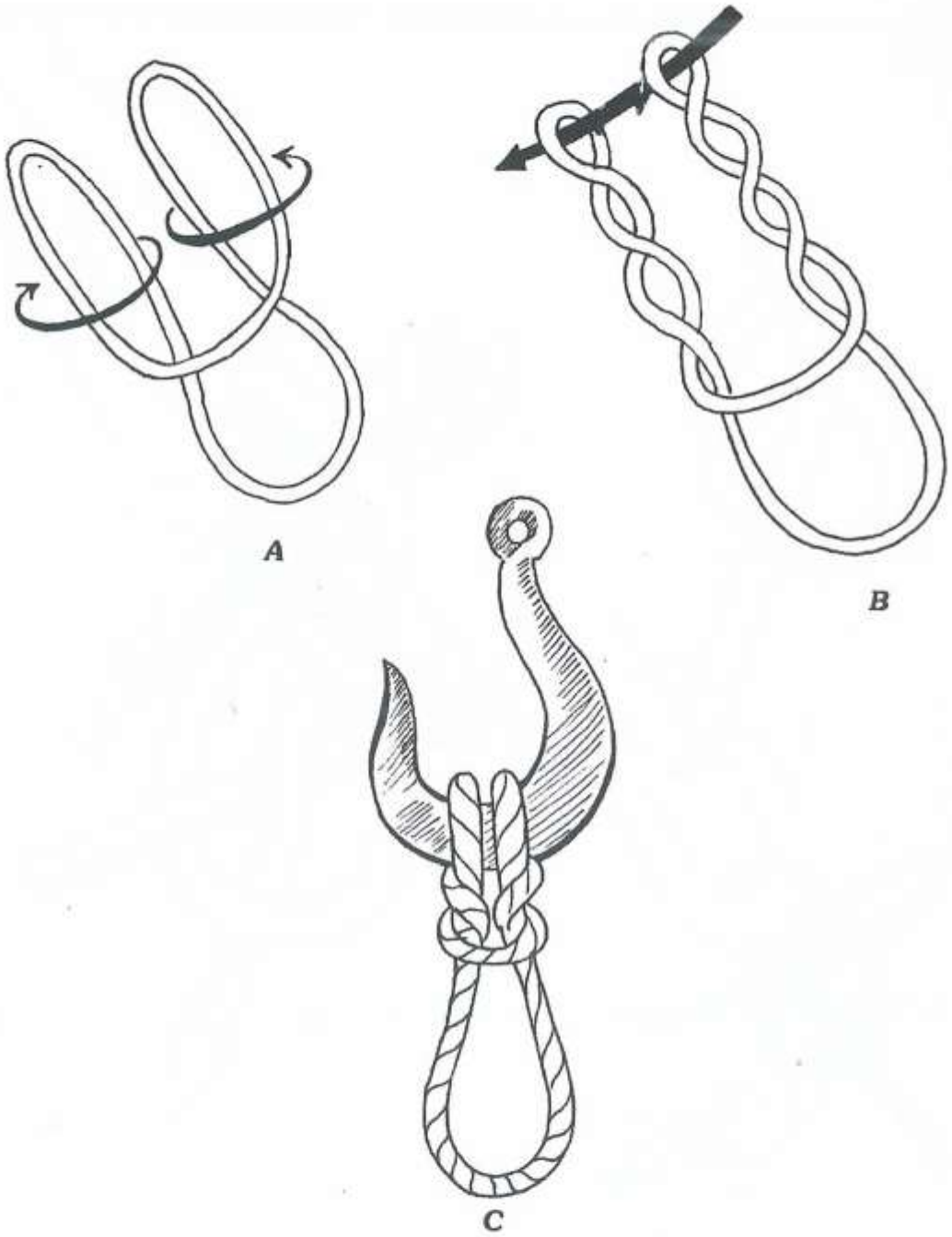
Figura 59



Nó Garra de Gato *(fig. 60)*

Tendo montado um cinto com um pedaço de corda, gire as laçadas em direções opostas, como é visto na *figura 60A*. As laçadas superiores das partes enroscadas *(fig. 60B)* serão introduzidas no suporte, caso seja um gancho, uma garra ou mesmo uma barra comum. Depois disso, a laçada inferior é puxada firmemente para ajustar-se o nó *(fig. 60C)*.

Figura 60

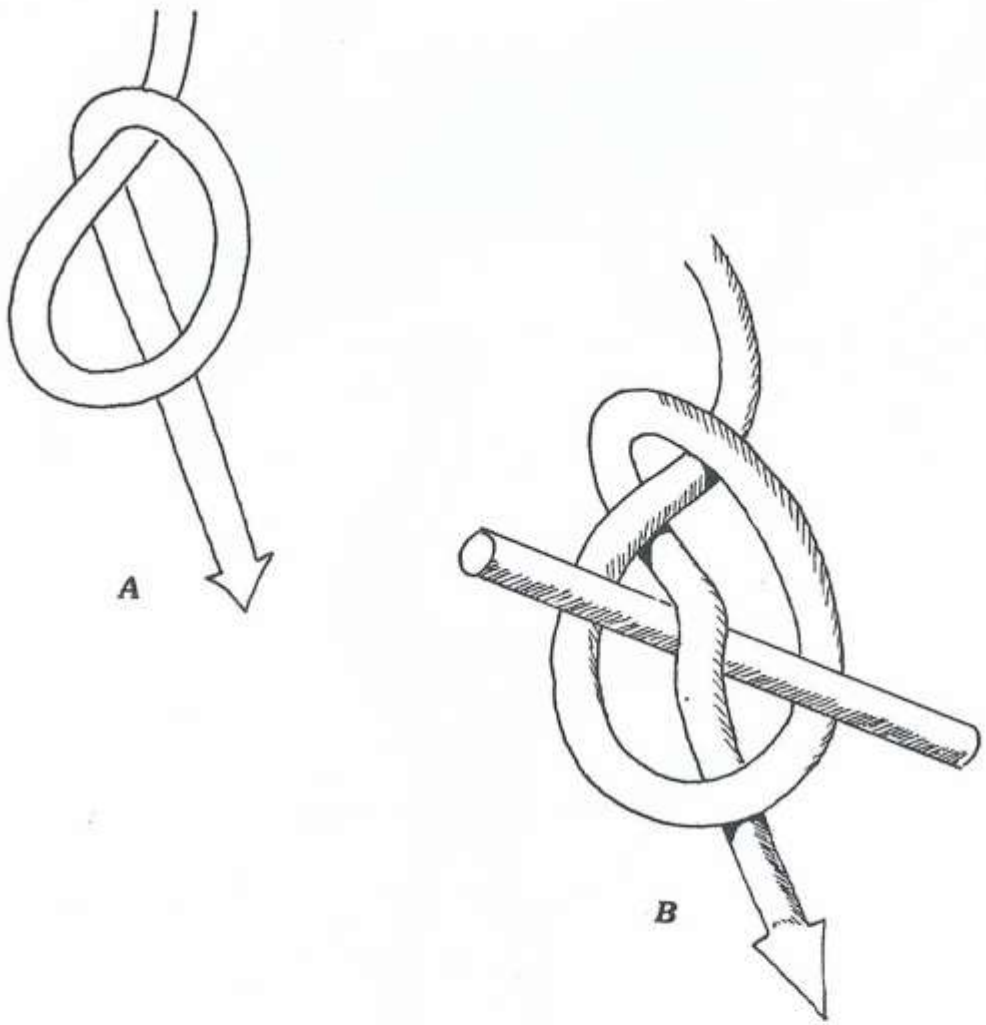


Nó de Rede Travado *(fig. 61)*

Este nó é sempre executado com a corda em torno de algum objeto, de preferência cilíndrico. O ato de torcer a trave atravessada à laçada superior que o compõe tem o poder de aumentar a tensão sobre o objeto amarrado.

Para executá-lo, dê uma volta com a corda em torno do objeto em questão e execute a laçada da *figura 61A*, com a ponta de trabalho passando sob a parte fixa do nó. Ao puxar firmemente a ponta de trabalho, passada sobre a trava, a tensão aumentará e prenderá melhor o nó *(Fig. 61-B)*. Para desfazê-lo, basta retirar a trave e a laçada se afrouxará, permitindo que o nó seja desfeito facilmente.

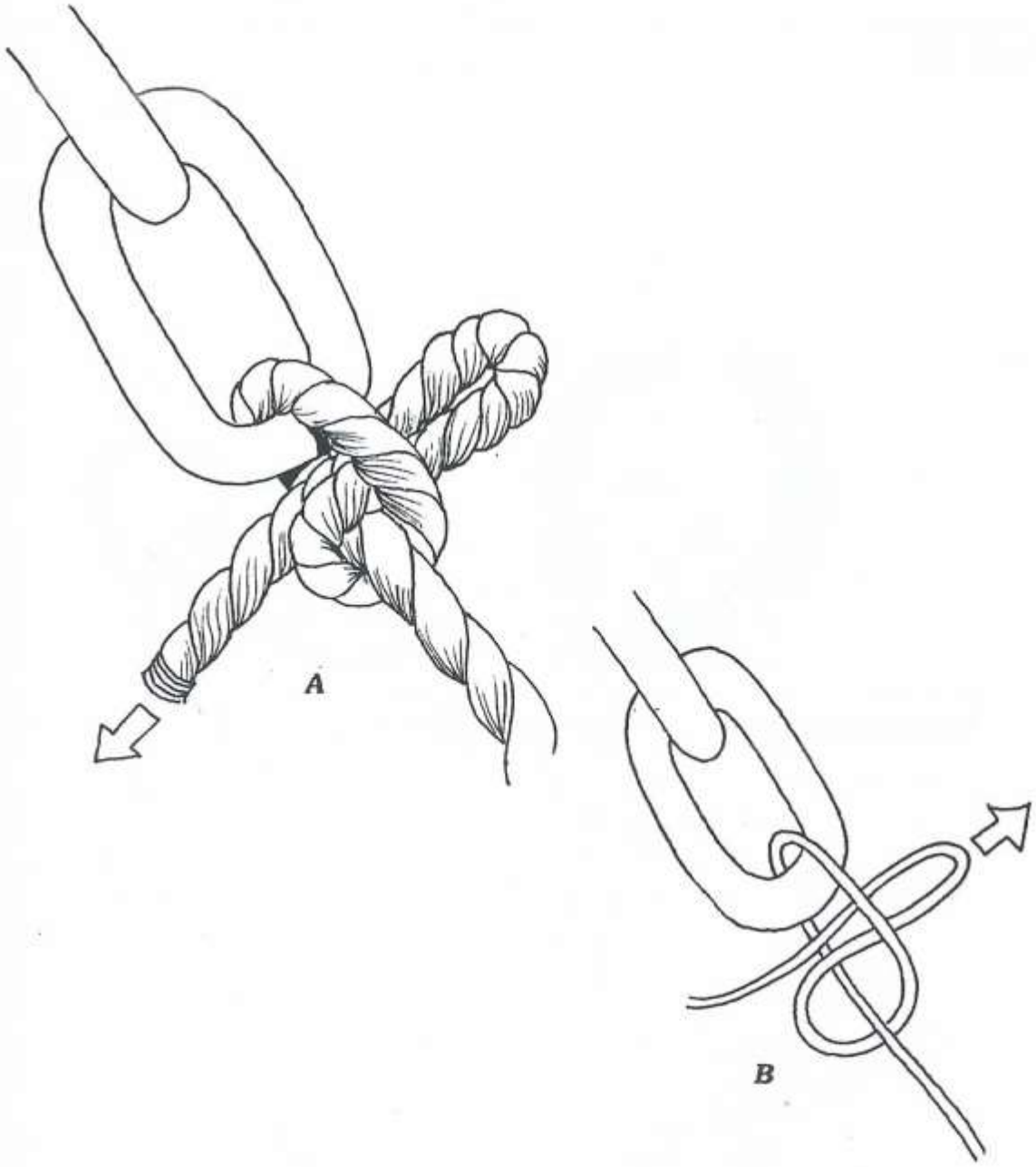
Figura 61



Meio-Laço *(fig. 62)*

O meio-laço pode ser executado no último elo de uma corrente, ao redor de uma estaca, etc., mas sempre como um nó temporário *(fig. 62-A)*.Ele é formado de um meio-nó com a ponta de trabalho dobrada *(fig.62B)*. É rápido e fácil de ser executado, mas não é indicado para trabalhos onde a confiança no nó seja essencial.

Figura 62

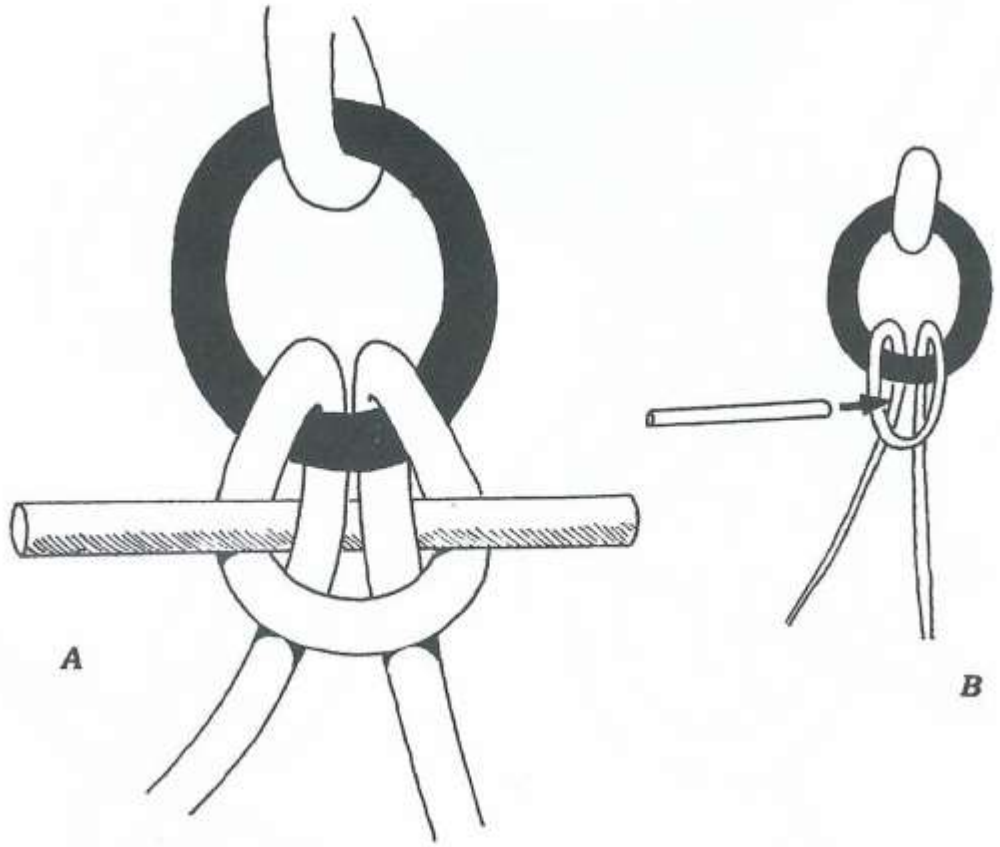


Laçada Encavilhada *(fig. 63)*

Semelhante ao nó-cabeça-de-pássaro *(fig. 63-A)*, a laçada é introduzida em um anel (aro, elo de corrente, etc.), ou ao redor de uma estaca, apoiada sobre a parte fixa da corda e presa com uma cavilha, como se vê na *figura 63B*. Entretanto, ao contrário do nó-cabeça-de-pássaro, que exige tensão sobre as duas pontas da corda, a laçada encavilhada aceita a pressão sobre uma única ponta, que fará, indubitavelmente, que a laçada adjacente se ajuste ainda mais.

Como este nó é muito forte e se aperta muito firmemente, para desmanchá-lo deve-se retirar, primeiramente, a cavilha.

Figura 63



Nó de Artilheiro *(fig. 64)*

Seu nome deriva-se do fato de que este nó era usado pelos artilheiros em terras montanhosas ou pantanosas, onde o emprego de cavalos era impossível. É ideal para qualquer ocasião em que se necessitar tracionar cargas muito pesadas.

Para unir dois anéis — que geralmente arrematam pontas de cordas usadas nas fazendas — passa-se uma laçada pelos dois e nas pontas executa-se um nó de carga, que é mostrado aberto para melhor compreensão do leitor *(fig. 64)*.

O nó de carga é também empregado na técnica do macramê com o nome de nó Josefina. Veja informações detalhadas de sua execução no capítulo sobre macramê, e nas figuras.

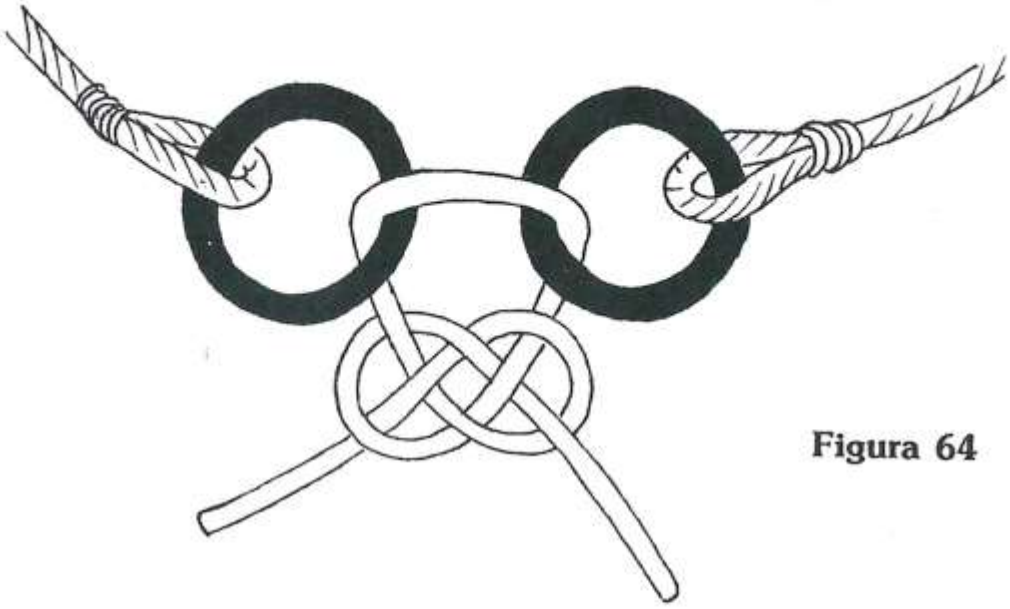


Figura 64

Nó de Caçador *(fig. 65)*

Trabalharemos este nó no diagrama com linhas em cores diferentes para uma melhor visualização do seu movimento. Na *figura 65A* mostramos o nó aberto, ou seja, com todas as folgas, para que se tenha uma visão total das suas características, antes de ser pressionado. Naturalmente o esquema para sua execução não será tão complicado quanto parece na ilustração.

Este nó consiste, portanto, de dois meios-nós que se entrelaçam duas vezes com seu vizinho. Siga o diagrama, acompanhando com os olhos as diferentes linhas e verá que realmente é isso mesmo o que ocorre.

Para executar o nó, comece por unir as duas pontas das cordas no sentido de seu comprimento *(fig. 65B)* e em seguida gire-as em uma volta *(fig. 65C)*. Observe a *figura 65C* e introduza cada ponta através da volta formada no lado oposto ao ponto de cruzamento *(figs. 65D e 65E)*. Aperte as partes, puxando as pontas de trabalho e fixas, dando ao nó a aparência apresentada nas *figuras 65F e 65G* quando visto de lados opostos.

Uma das vantagens deste nó é que pode ser executado com cordas de diferentes composições e grossuras, pois ele não escorregará nem apertará automaticamente e é sempre fácil de ser desfeito.

Figura 65

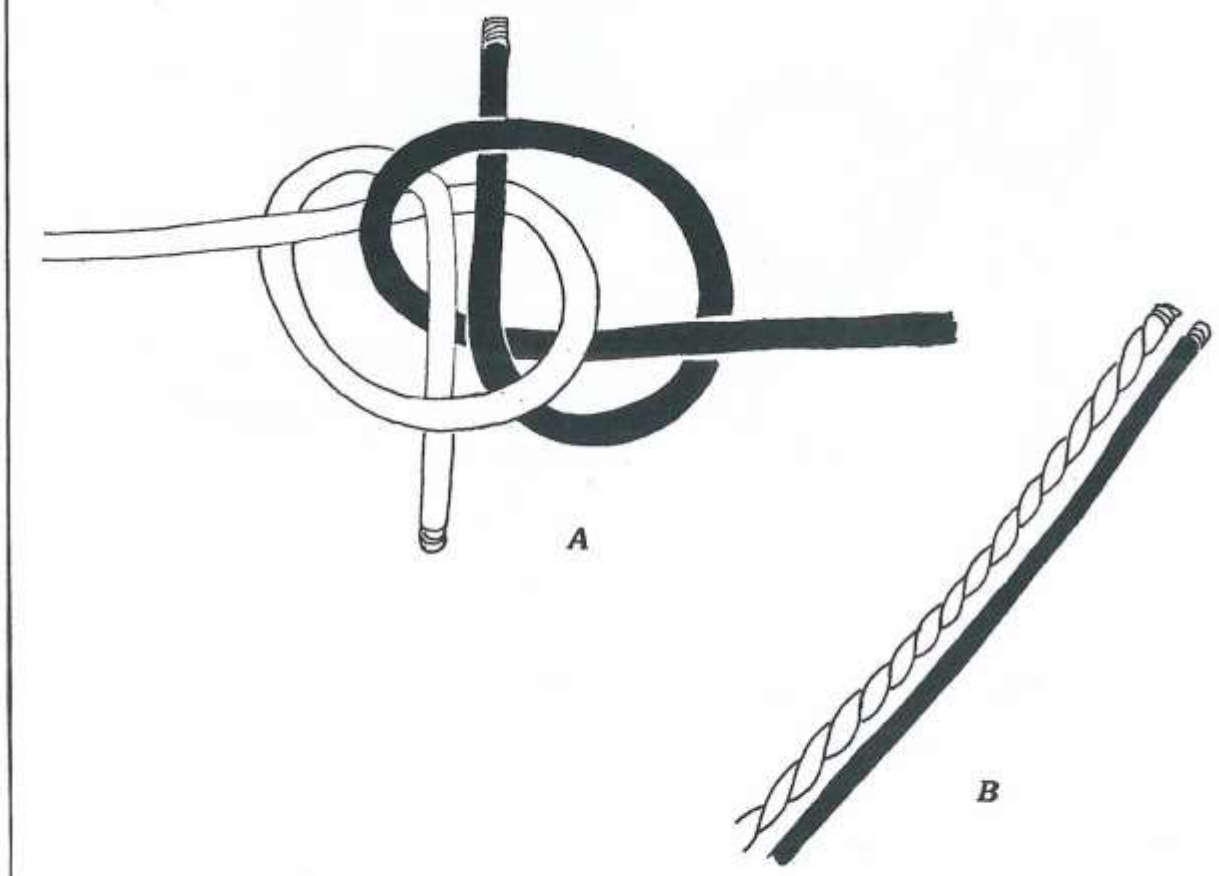
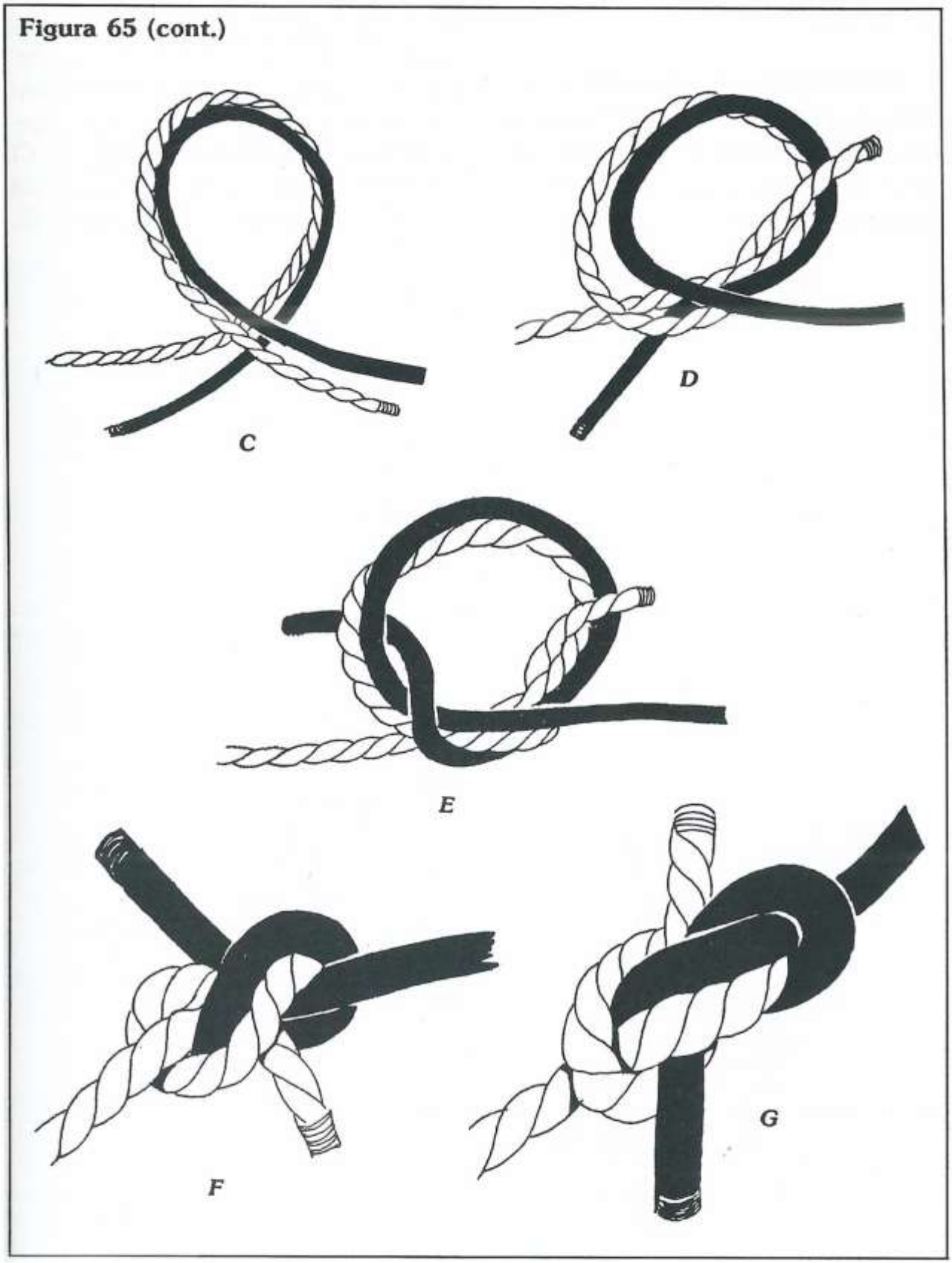


Figura 65 (cont.)

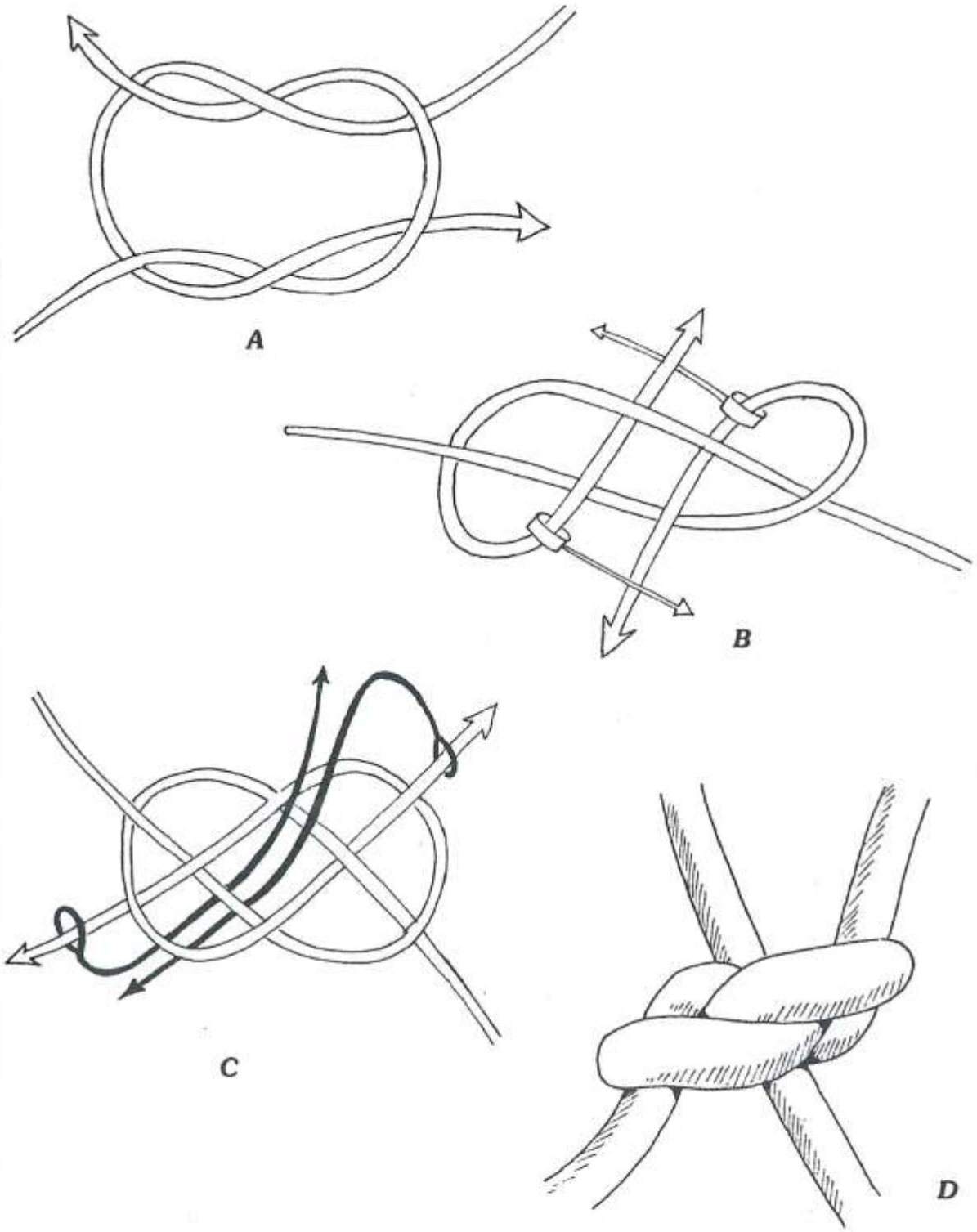


Nó-Ladrão Retorcido *(fig. 66)*

O nó-ladrão é o nó *reef* trançado com as pontas menores situadas em lados opostos *(fig.66A)*. Assim como o nó *reef*, ele não é seguro, mas podemos transformá-lo em um nó confiável a partir do seguinte processo:

Execute um nó-ladrão comum e transforme-o, trocando suas pontas menores, mudando-lhes as posições no interior do nó *(fig. 66B)*. Em seguida, introduza suas pontas menores, dobrando-as para trás, nas próprias laçadas formadas por suas partes fixas *(fig. 66 C)* e puxe firmemente as quatro pontas para que o nó adquira a aparência definitiva *(fig. 66 D)*.

Figura 66



*
* *

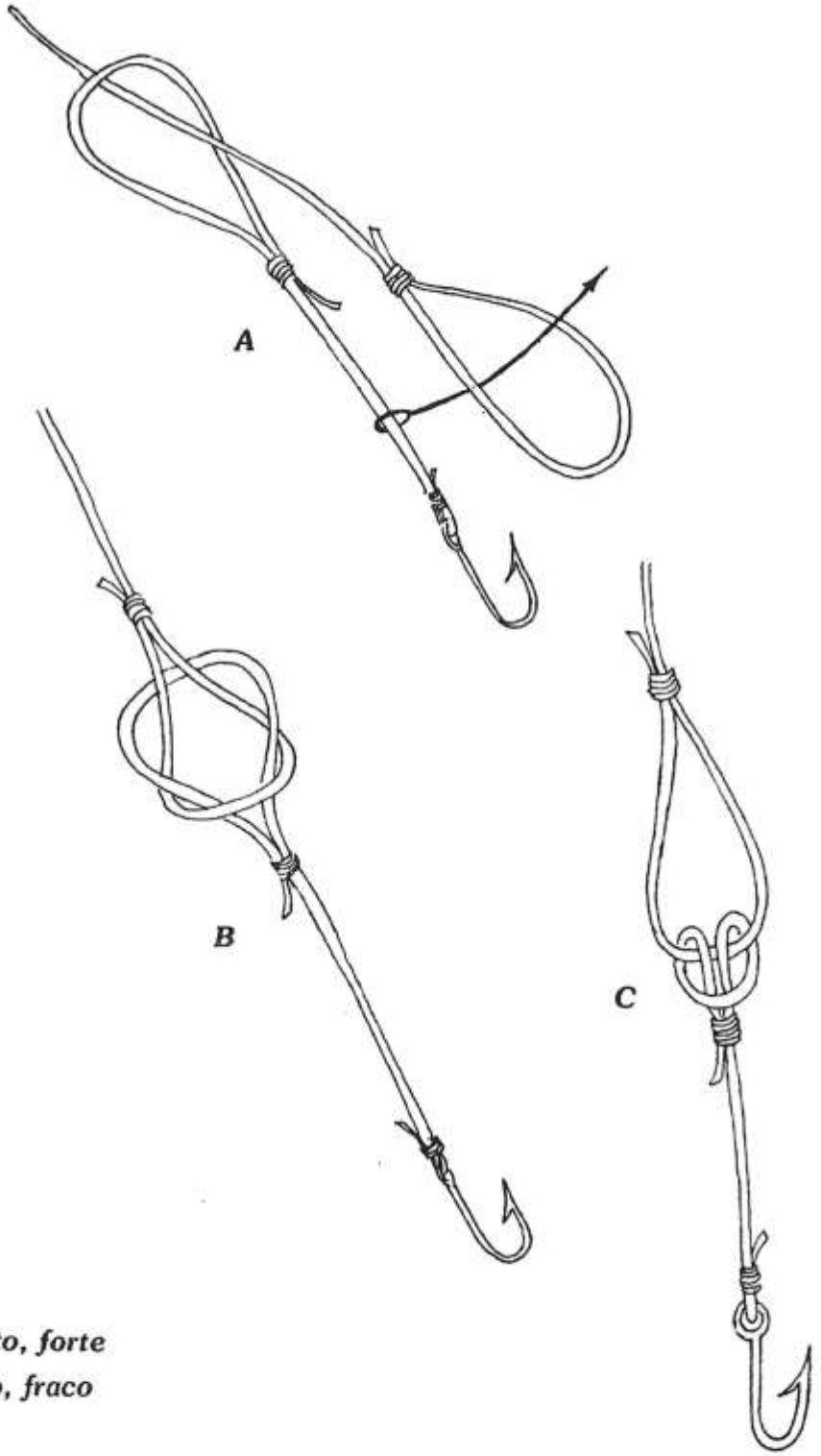
Nós de Pescadores de Linha

Os nós de pescadores preocupam-se principalmente em preservar a força das linhas e seu uso adequado. Sempre, ou quase sempre, os nós de pescadores são volumosos, pelo elevado número de voltas, mas são também aerodinâmicos. O número de voltas adequado a cada nó será descoberto através da experiência, pois há quem faça o mesmo nó com 5 voltas, enquanto outros empregam 10. Para conseguir-se fazer os nós sobre linhas de náilon, com sucesso, será necessária uma certa prática, dedos hábeis, alicates para puxar a linha através de nós apertados, um cortador de unhas para cortar a linha rente ao nó, e também o emprego de saliva (para lubrificar as voltas dos nós). Veremos alguns dos nós mais comumente usados pelos pescadores, como sendo os mais seguros e funcionais.

Laçadas Intercruzadas *(fig. 67)*

Este é um nó forte, ainda que simples e indicado para unir uma linha de arremesso à linha do carretel. Depois de pronto ele deverá parecer com o nó cego *(ver fig. 67A)*. Não deixe que ele se transforme em um nó-de-cabeça-de pásaro *(ver fig. 67C)*.

Figura 67

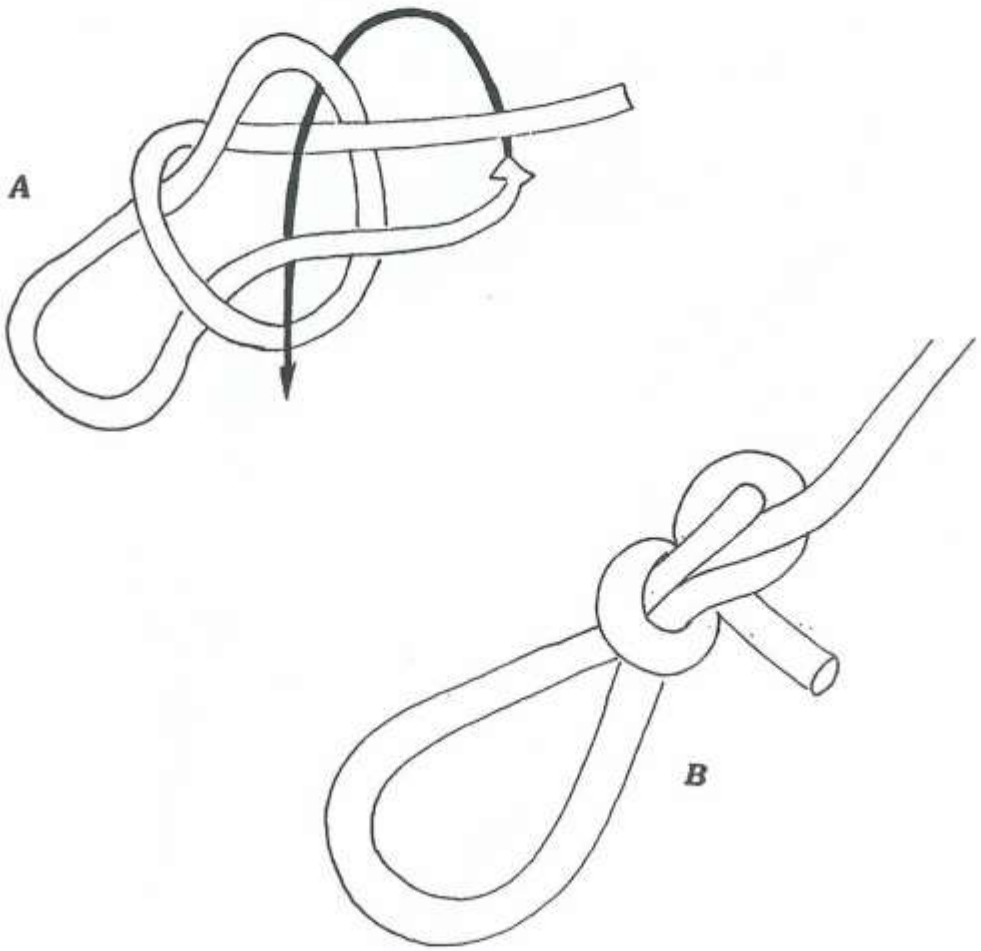


A-B- certo, forte
C- errado, fraco

Laçada Perfeita *(fig. 68)*

A laçada perfeita é muito antiga e popular entre os pescadores, e é também muito eficaz quando aplicada em fio de náilon. Com a prática, pode ser feita rapidamente e com facilidade *(fig. 68A)*. Entretanto, é inadequada para cordas porque ela se aperta automaticamente. Para executá-la corretamente, basta seguir o esquema apresentado na ilustração *(fig. 68-B)*.

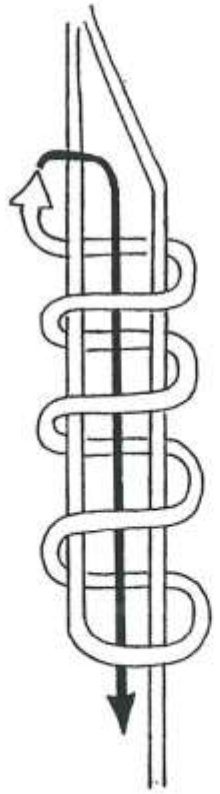
Figura 68



Nó Quádruplo *(fig. 69)*

Antes de tentar executar este nó, é aconselhável que se pratique um pouco com os nós de pescador simples e duplo *(ver. figs. 69-A e B)*. Este nó é seguro e muito resistente, podendo suas pontas serem aparadas bem rentes.

Figura 69



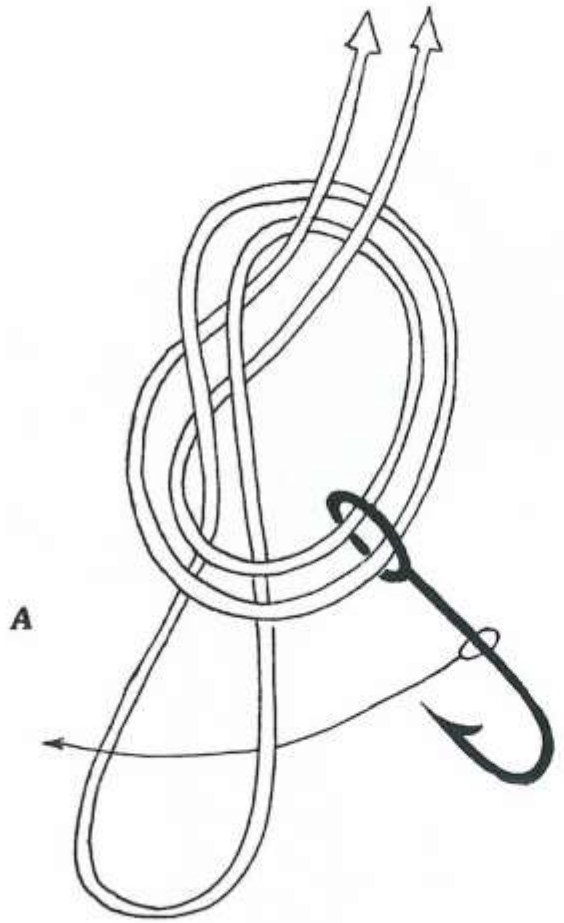
A

B

Laçada Superior *(fig. 70)*

Um método simples para se amarrar anzóis, chumbadas, etc., que tem sido largamente adotado em detrimento de vários nós tradicionais *(figs. 70A e B)*.

Figura 70



Meio-Nó Superior de Três Voltas e Meia *(fig. 71)*

Este é um nó antigo que ainda é usado para amarrar anzóis através de seus olhos, com emprego de linhas finas. O nó aperfeiçoado da figura seguinte é o mais usado, entretanto, pelo seu maior número de voltas, e pode às vezes ter que ser substituído por este agora apresentado.

Figura 71

Meio-Nó Superior Aperfeiçoado *(fig. 72)*

Quando se empregar linhas muito finas, faça cinco voltas ao executar este nó.

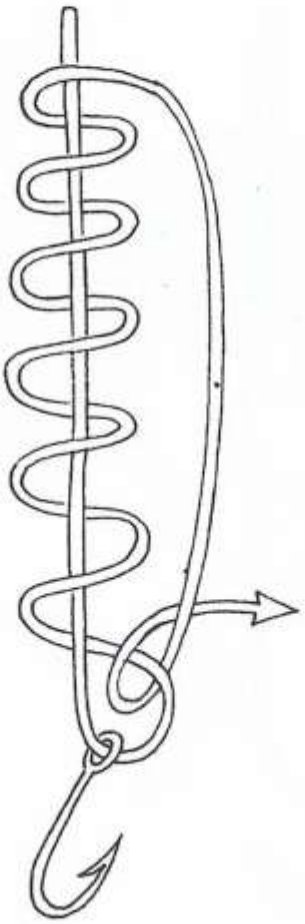


Figura 72

Nó de Envolvimento *(fig. 73)*

Outro processo para se atar anzóis através de seus olhos. Para executá-lo, basta seguir o esquema.

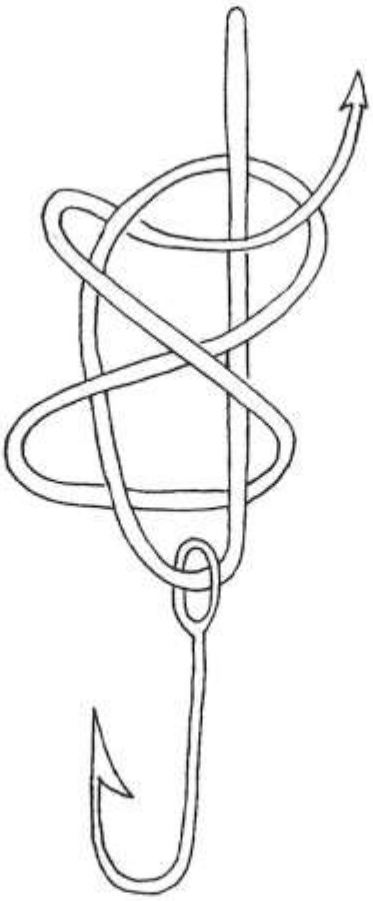


Figura 73

Nó Turle *(fig. 74)*

Este nó ganhou seu nome de um oficial da marinha inglesa, que o criou em 1884. Para realizá-lo, passe a linha através do olho do anzol, forme o nó conforme o esquema da *figura 74*, e em seguida puxe o anzol para cima, através da laçada. O nó é puxado em direção ao pescoço do anzol, tomando cuidado para que a laçada passe livremente sobre a linha de arremesso.

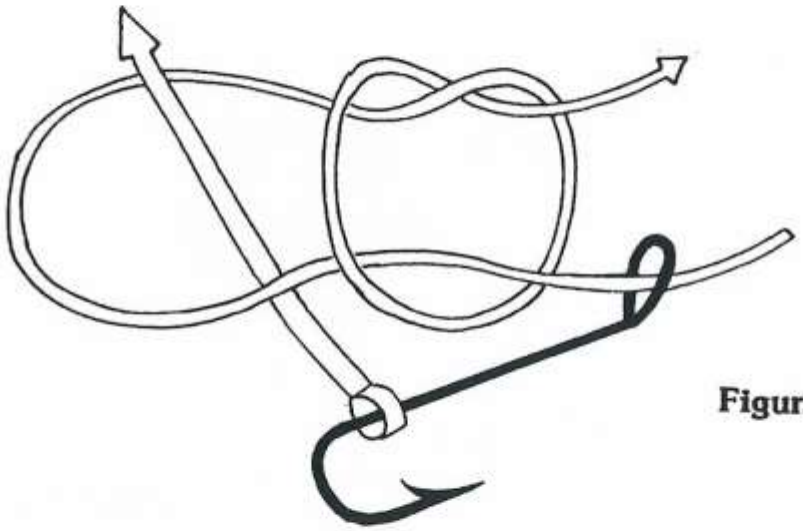


Figura 74

Nó Turle Duplo *(fig. 75)*

Esta é uma simples versão do nó anterior, apenas reforçado com mais uma volta.

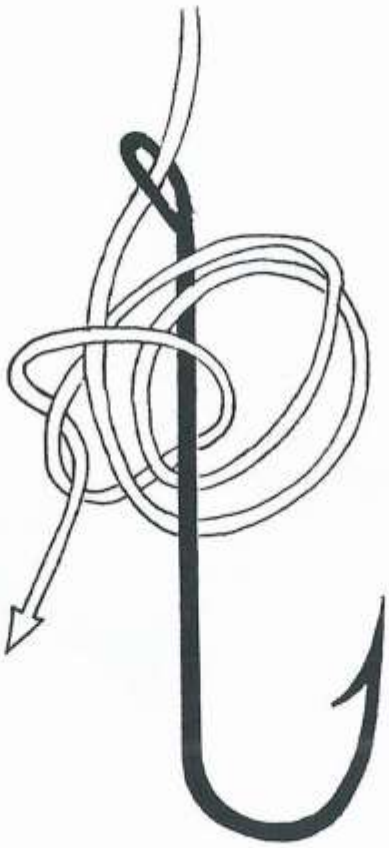


Figura 75

Nó em "X" *(fig. 76)*

Ligeiramente semelhante ao nó inglês *(ver fig. 47)*, o nó em X é prontamente ajustável e tem a finalidade de diminuir ou aumentar a tensão sobre uma corda que envolve um objeto. Para executá-lo, basta seguir o diagrama e ajustá-lo devidamente ao tamanho desejado *(fig. 76)*.

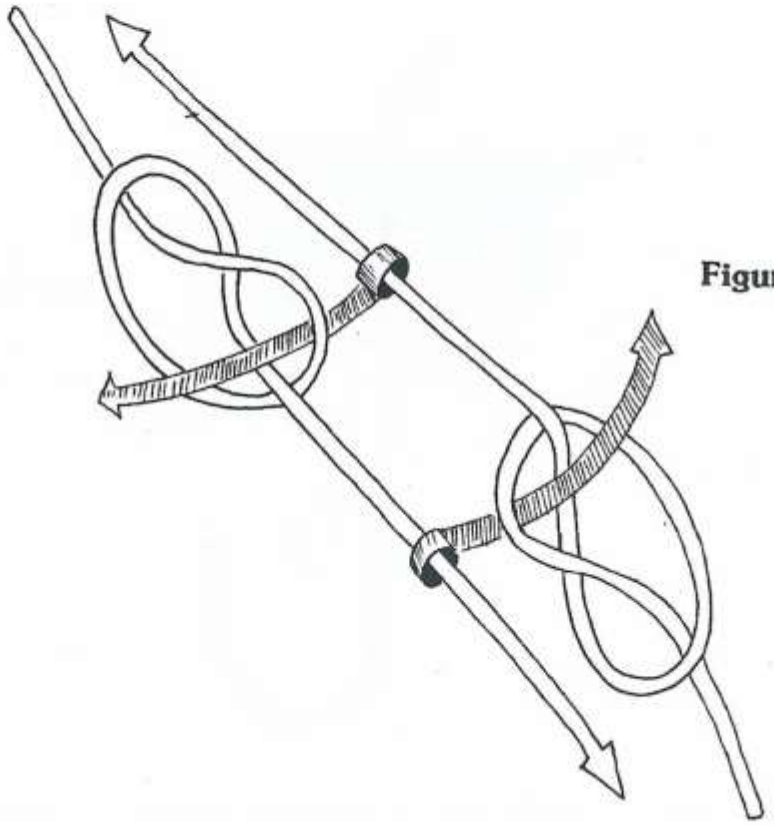


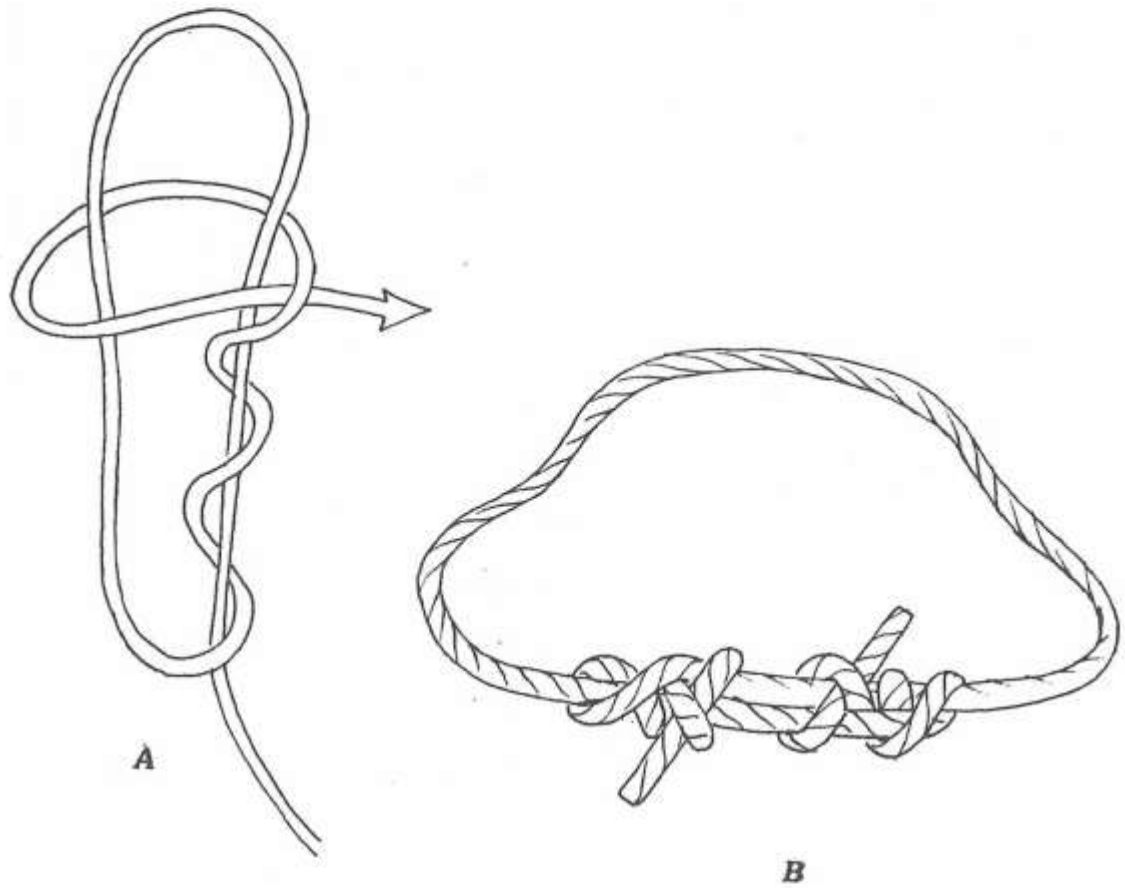
Figura 76

Nó Ajustável – Laçada Ajustável – *(fig. 77)*

A laçada ajustável correrá livremente em qualquer direção *(fig. 77A)*, mas suportará firmemente e com segurança qualquer carga ou tensão. Quando livre da carga, a laçada pode correr novamente ao longo da corda.

Para criar-se uma correia ajustável *(fig. 77B)*, basta que se executem dois dos nós ajustáveis como demonstramos na figura.

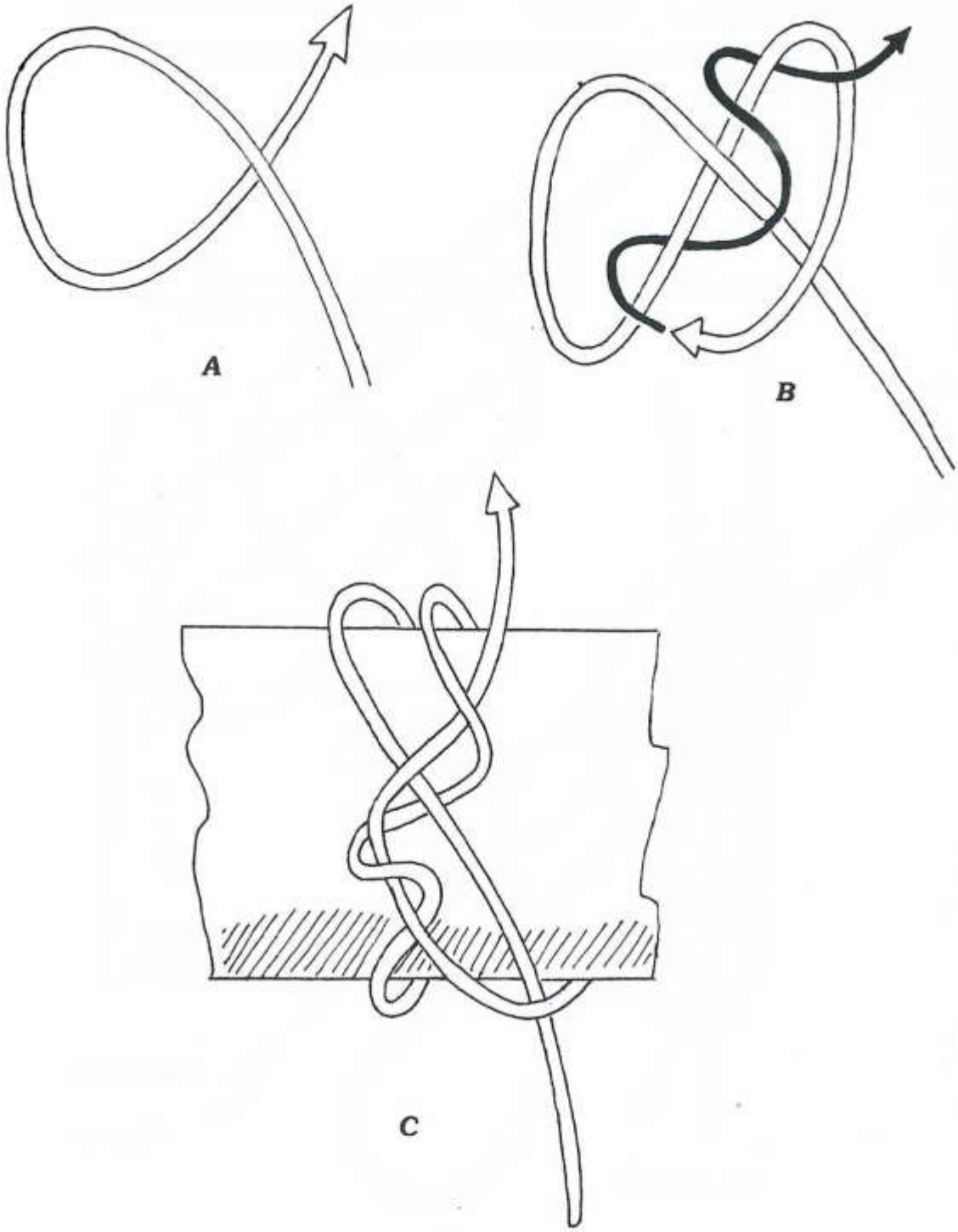
Figura 77



Nó à Prova de Vibrações – *(fig. 78)*

Este nó somente absorverá as vibrações da carga sob a qual for submetido se a barra sobre a qual for executado tiver grossura razoavelmente superior ao diâmetro da corda empregada. A vibração transmitida por qualquer coisa atada na parte fixa do nó somente o apertará se exercer uma dupla ação de catraca entre as pontas do nó. Para executá-lo, siga o esquema das *figuras 78 A, B, C.*

Figura 78



Variações da Laçada com Nó em Forma de Oito *(figs. 79 e 80)*

Estas duas variações da laçada em forma de oito *(fig. 79, 80)*, atualmente muito populares entre alpinistas, têm a vantagem de que as duas pontas podem ser tensionadas em direções opostas — uma situação freqüentemente necessária — sem no entanto retorcer os nós.

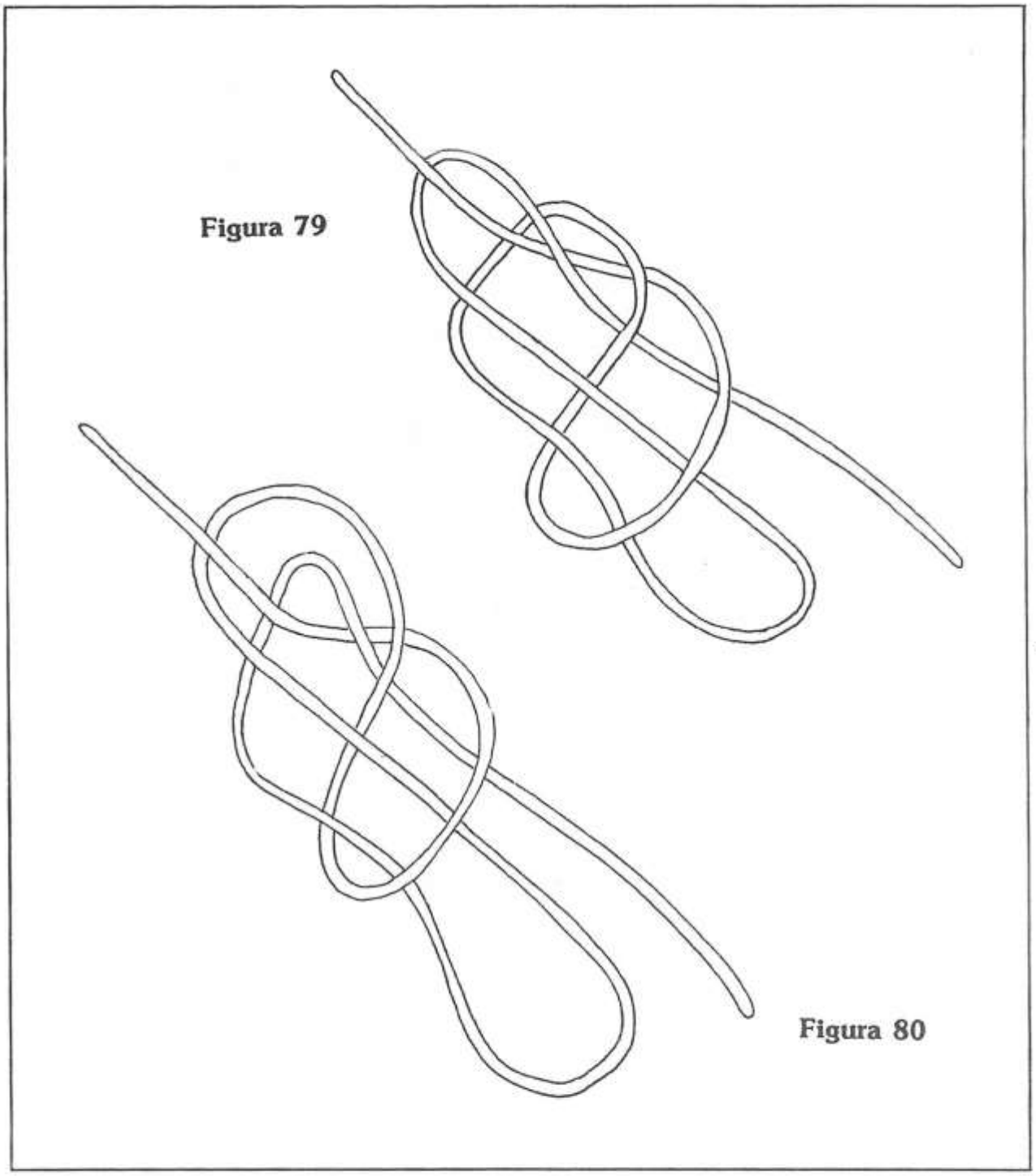


Figura 79

Figura 80

Laçadas na Linha *(fig. 81)*

Um nó de envolvimento modificado pode ser usado para atar uma linha de arremesso à linha que sustenta a chumbada, em caso de quebra. Este nó não forma ângulos retos na linha, evitando assim vibrações na água.

Para linhas de diâmetros muito diferentes, pode-se empregar um método alternativo, como é visto na *figura 82.*

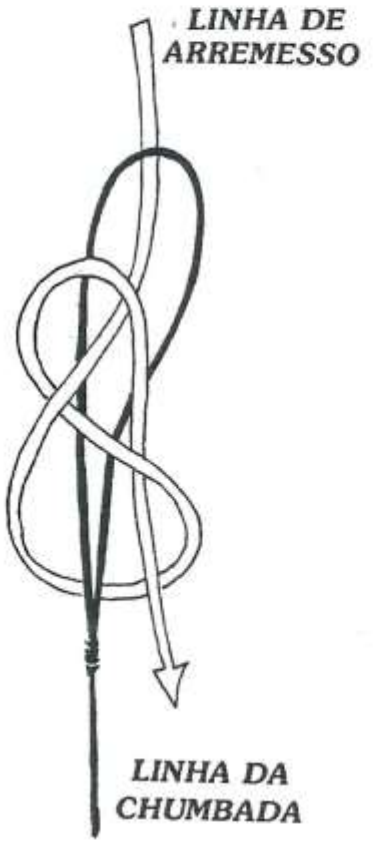


Figura 81

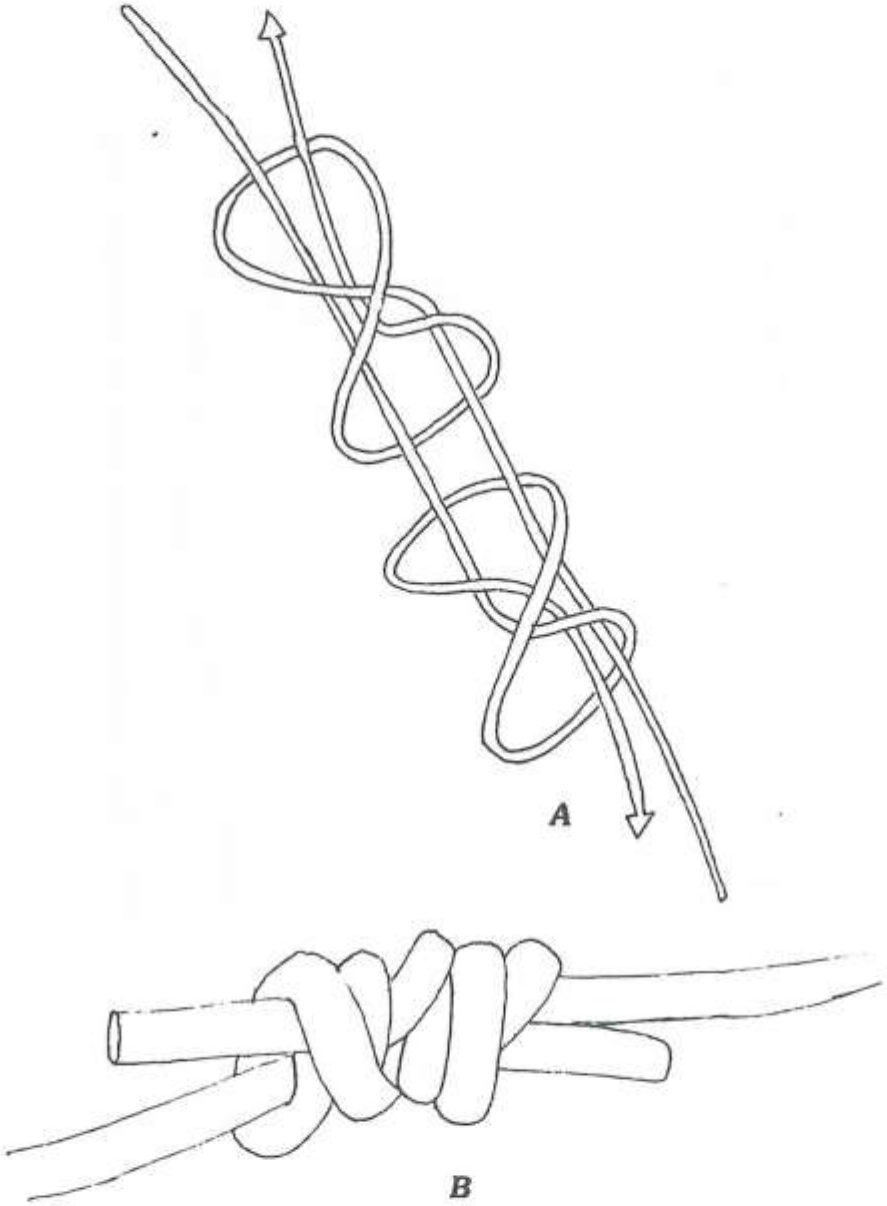
Figura 82

Nó de Pescador Duplo *(fig. 83)*

O nó de pescador simples pode ser executado conforme o nó inglês, que já foi visto na figura 47. No entanto, podemos empregar um nó mais seguro, de uma formação compacta, como o Nó de Pescador Duplo, aqui apresentado.

Com as linhas paralelas, execute um nó duplo, seguindo as orientações do esquema *(fig. 83 A)*, usando a ponta de trabalho. Execute o mesmo movimento com ambas as pontas de trabalho. Em seguida, puxe firmemente as duas pontas até atingir a pressão adequada. É um nó muito seguro e resistente, ideal para linhas de material sintético, pois não tende a deslizar *(fig. 83 B)*.

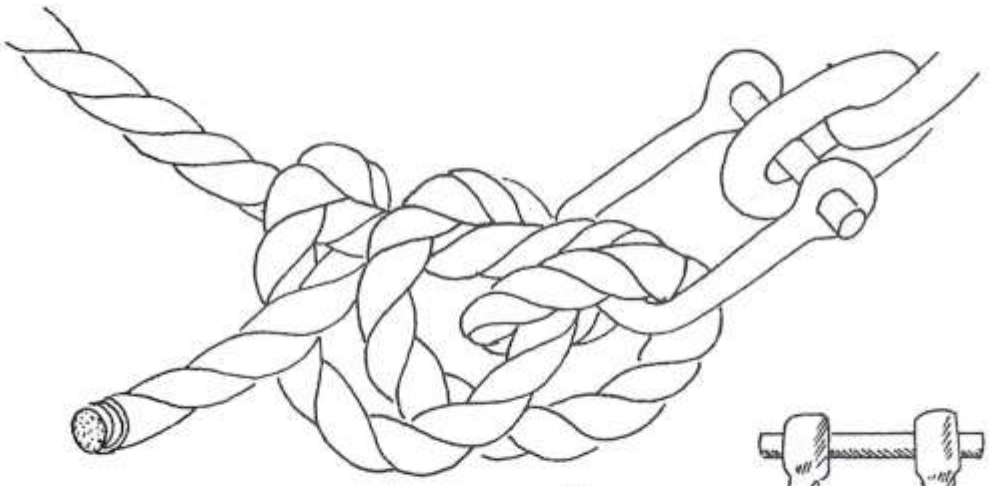
Figura 83



Nó de Pescador *(fig. 84)*

Outro nó também conhecido como nó de pescador, mostrado na *figura 84A*, não deve ser confundido com o nó de pescador explicado na figura anterior. Como o leitor pode observar, o nó anterior é um nó de união de duas linhas. No caso presente, o nó é indicado para a amarração de um barco ao atracadouro, usando uma estaca, um elo de uma corrente, etc. É um nó simples, composto de uma volta completa ao redor da base e arrematado por dois meios-nós, um abaixo do outro, sendo que o primeiro meio-nó passa por dentro da volta executada em torno da base. Veja o esquema da *figura 84B*.

Figura 84



A

B

*
* *

O que É Macramê

A arte de fazer nós é tão antiga quanto a própria Humanidade. Nossos antepassados da Idade da Pedra foram os primeiros a aprender a empregar diversos materiais para fabricar, com nós, utensílios para uso pessoal e para suas habitações. Sabe-se ainda que as antigas civilizações que viveram às margens do mar Egeu e do rio Nilo conheciam a arte de fazer nós.

A palavra *macramé* é de origem árabe e significa *amarrado*. Com a expansão da civilização árabe pelo norte da África e pela Europa, o macramê espalhou-se como uma das mais curiosas formas de artesanato, que teve seu ponto máximo na Idade Média e no Renascimento.

Na Grécia, Espanha e Itália o macramê expandiu-se intensamente, e principalmente em Gênova, na Itália, atingiu seu auge e, mais tarde, foi introduzido na Inglaterra através de transações comerciais. Muitos dos objetos importados eram de fabricação artesanal, sendo que vários deles realizados em macramê.

A arte de fazer nós, entretanto, não se restringe somente aos tecidos elaborados e artísticos. Também os marinheiros, em seu contínuo trabalho de soltar e fixar amarras e velas, atar e desatar cabos, espontaneamente, começaram a empregar esses nós e suas variações nos objetos que confeccionavam em seus momentos de folga; pequenos ou grandes objetos que decoravam seus camarotes ou que empregavam como artigos de câmbio nos portos em que atracavam.

Os nobres ingleses usavam finos trabalhos como adornos de seus ricos trajes, trabalhos esses elaborados com delicados fios e que resultavam em verdadeiras obras de arte do macramê.

Agora ele está novamente na moda. Tendo aprendido os nós principais — que estão contidos neste capítulo — pode-se realizar curiosos e belos trabalhos, de grande valor prático e decorativo. Os cordões de diferentes grossuras, diferentes fibras e materiais tão diversos, como contas de vidro, madeira, canas de bambu, etc., converterão seus trabalhos em artigos pessoais e de grande efeito junto às pessoas que desconhecem esta deliciosa e sadia forma de arte.

Montagem dos Cordões

Em geral, quase todo trabalho feito com nós — o macramê — precisa ter seu início ancorado em um apoio qualquer, para dar firmeza aos movimentos do artesão, assim como regular corretamente a distribuição dos nós, separando os fios de forma ordenada. Para isso, pode-se usar uma tábua de madeira macia, com uma dimensão aproximada de 30 x 30 cm, com 3 ou 4 cm de espessura.

No começo do trabalho os cordões são amarrados a outro cordão chamado porta-nós *(fig. 85)*, que é preso firmemente numa das extremidades da tábua, através do emprego de pregos longos ou alfinetes resistentes. Sobre o cordão porta-nós, os demais cordões que participarão do trançado a ser executado serão presos com uma laçada, como é visto na *fig. 86*.

As laçadas são montadas conforme a *figura 87* e em seguida ajustada umas às outras, aproximando-as de acordo com a característica do trabalho.

Várias são as formas de montar as laçadas. Muitos trabalhos, como os tapetes para parede, são montados definitivamente sobre canas, madeira torneada ou outro suporte desejado. Veja nas *figuras 88A,B,C,D* algumas formas de montar-se os cordões para iniciar um trabalho. A partir dessa montagem, inicia-se o trabalho propriamente dito.

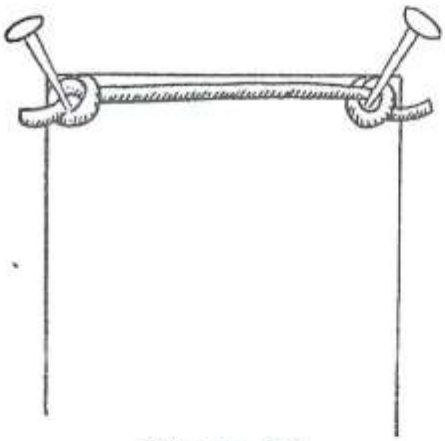


Figura 85

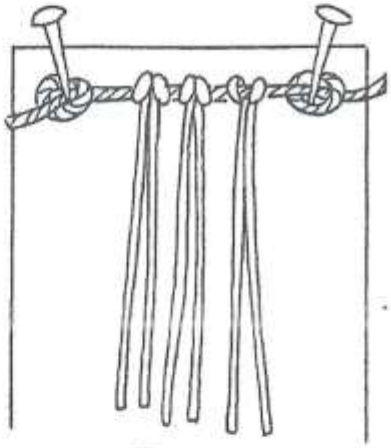


Figura 86

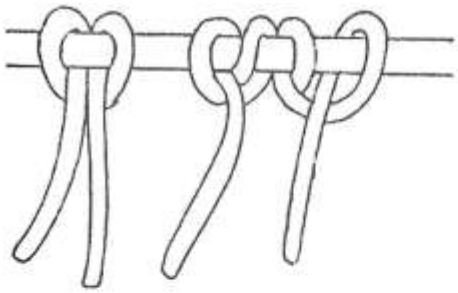


Figura 87

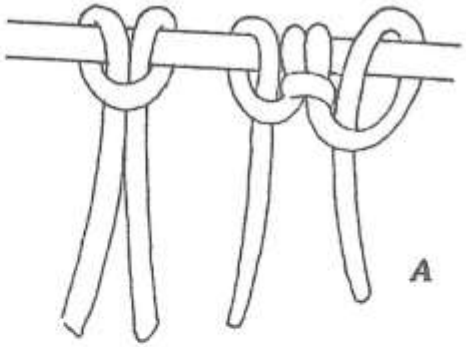
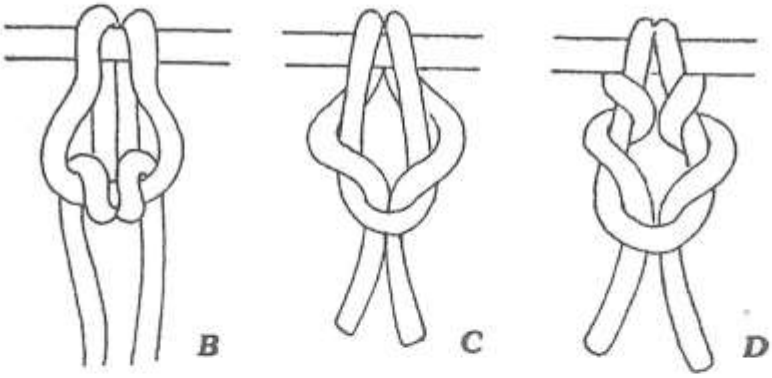


Figura 88



Como Iniciar o Trabalho

Corte os fios na quantidade desejada para o trabalho que desejar executar e monte-os sobre uma base, que pode ser uma cana, bambu fino ou um pedaço do mesmo fio, que servirá como porta-nós. Execute um nó-cabeça-de-pássaro com a laçada passando por detrás das pernas dos fios *(fig. 89)*. Depois de amarrados todos os fios no porta-nós, ajunte-os para que possa começar a executar os nós escolhidos entre aqueles aqui apresentados *(fig. 90)*.

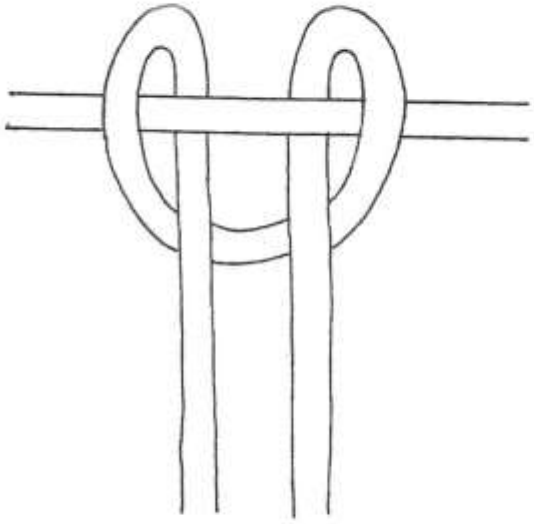


Figura 89

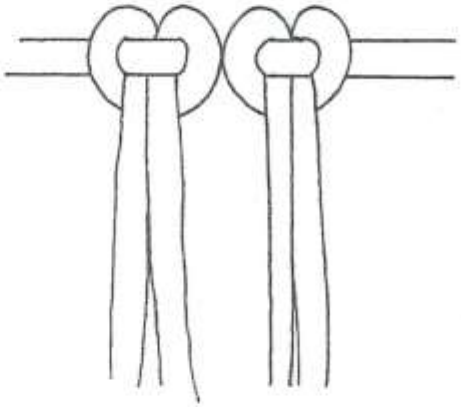


Figura 90

Iniciaremos agora uma explanação sobre os mais conhecidos nós usados na técnica do macramê. Um trabalho completo é, normalmente, a combinação de dois, três ou mais desses nós.

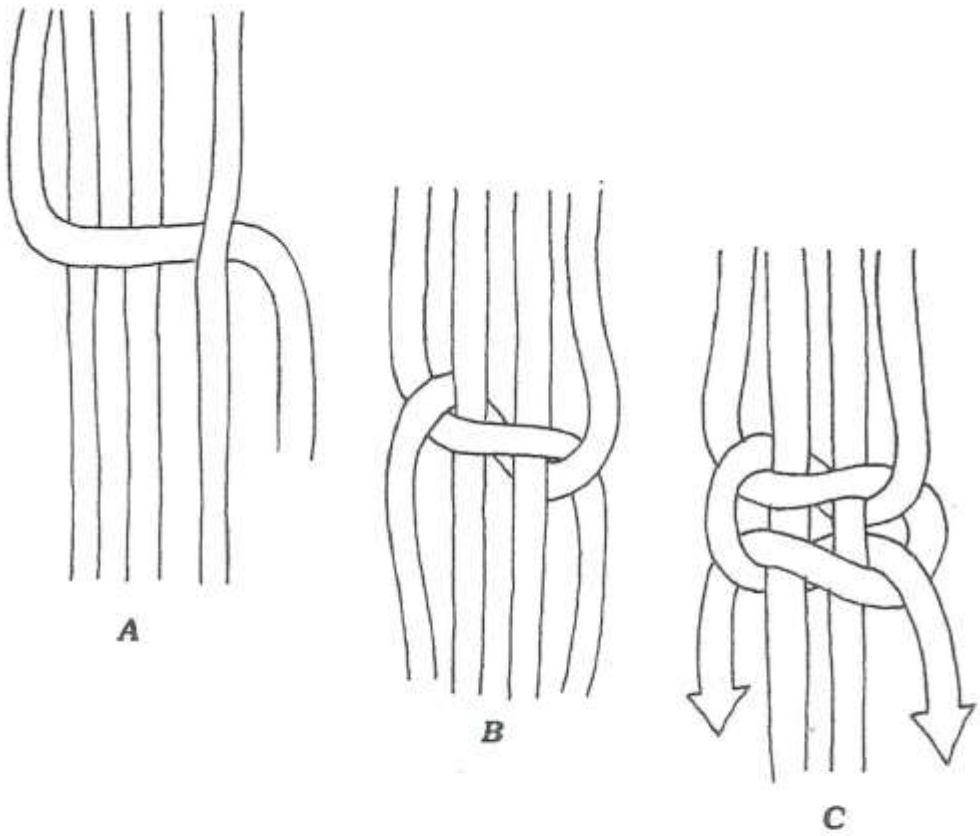
Nó Plano ou de Surrão *(fig. 91)*

Para a execução do nó plano ou de surrão serão necessários quatro fios, dois laterais que executam os movimentos do trabalho, e dois interiores, que serão os porta-nós. Para compreender bem o processo, acompanhe com os olhos cada movimento da *figura 91*, fazendo com os cordões à mão o mesmo que se vê.

Passe o fio da esquerda sobre os dois fios porta-nós e embaixo do fio da direita *(fig. 91A)*. Passar o fio da direita por baixo dos fios porta-nós e dentro da laçada formada pelo primeiro fio da esquerda *(fig. 89B)*. Trabalha-se agora fazendo o movimento inverso, ou seja, passar o fio da direita sobre os dois fios porta-nós e por debaixo do fio da esquerda que, por sua vez, é passado sob os dois porta-nós e dentro da laçada formada anteriormente pelo fio da direita *(fig. 91C)*. Assim é conseguido o nó plano ou de surrão.

Para a execução de vários nós consecutivos, basta que se repita os movimentos com as pontas de trabalhos.

Figura 91



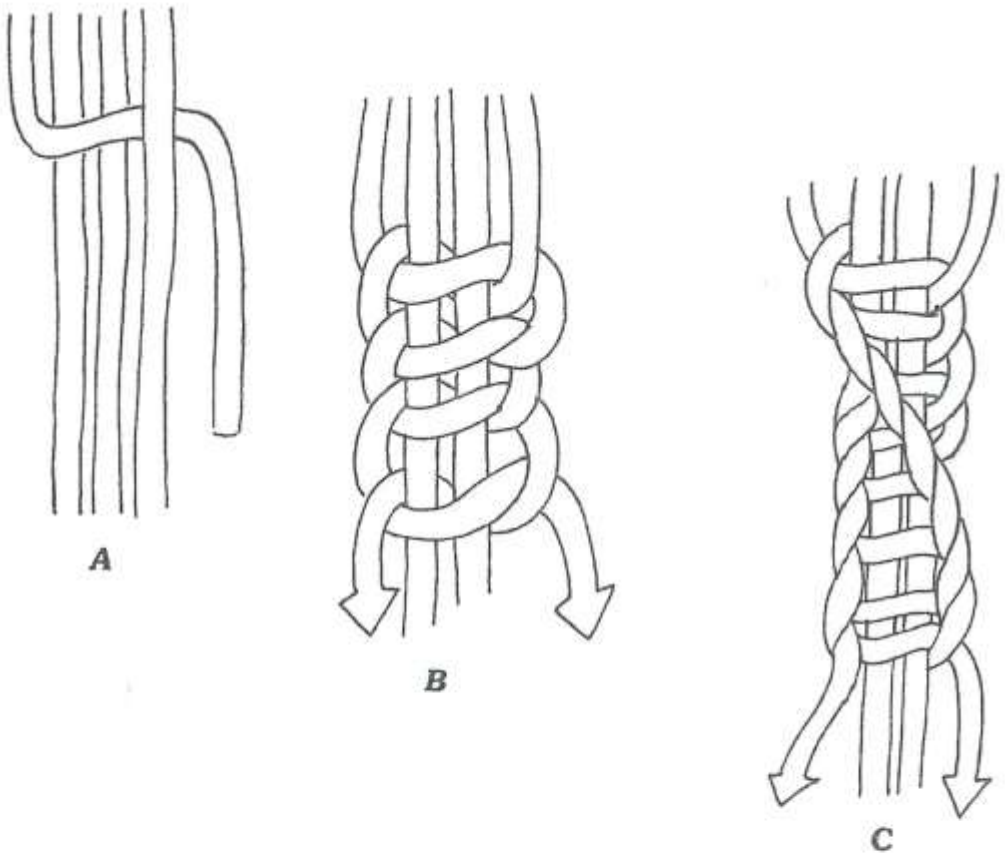
Nó de Espiral *(fig. 92)*

O nó de espiral consiste numa seqüência de meios-nós duplos. Depois de montada a seqüência, os nós se retorcerão automaticamente, fazendo o movimento espiralado que os caracteriza.

Para montar o nó espiralado, precisaremos de quatro fios, sendo os laterais fios de trabalho e os dois fios centrais servindo como porta-nós.

Passe o fio da esquerda sobre os dois porta-nós e debaixo do fio da direita *(fig. 92A)*. Em seguida, passe o fio da direita debaixo dos dois porta-nós de dentro da laçada formada anteriormente pelo fio da esquerda, de trás para a frente *(fig. 92B)*. Entrelaçar novamente os fios, repetindo sempre a mesma ordem e com isso obter-se-á uma coluna que se torcerá naturalmente. De acordo com o fio que se começa o trabalho — da esquerda ou direita — a coluna girará naturalmente para a esquerda ou para a direita. É bom ter esse detalhe em mente, quando realizar um trabalho que exija alguma simetria *(fig. 92C)*.

Figura 92



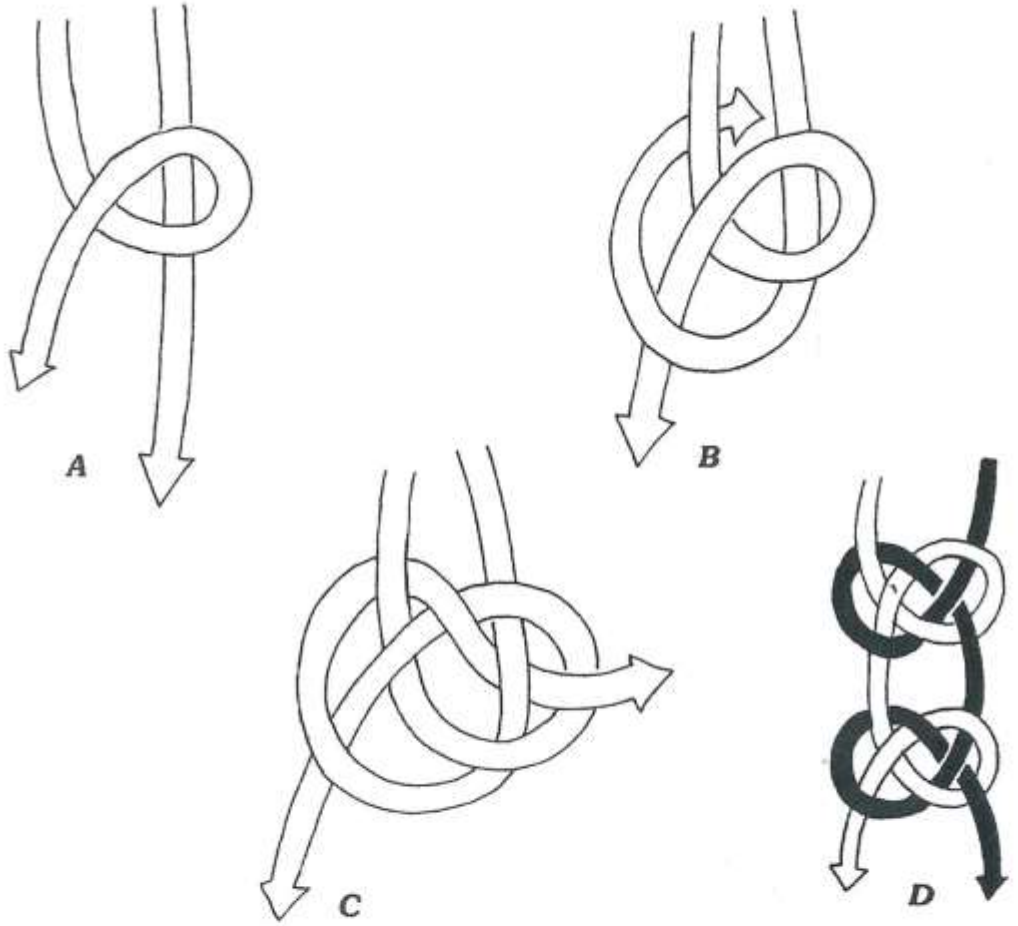
Nó Josefina *(fig. 93)*

De grande beleza e muito decorativo, o nó Josefina é também empregado como nó de trabalho, devido à sua resistência à pressão, quando bem ajustado e apertado. Como nó decorativo, tanto pode ser usado sozinho como em combinação com outros nós.

Este nó é executado com dois fios de mesma cor ou de cores diferentes, conforme seja o gosto. Para montar o nó, faça uma laçada com o fio da esquerda e sobreponha-a ao fio da direita, na altura em que o nó será fixado *(fig. 93A)*. Tomando a ponta de trabalho do fio da direita, faça agora uma laçada, passando sobre a ponta de trabalho do fio da esquerda, passando sob a parte fixa do fio da esquerda *(fig. 93B)*. Para completar o nó, introduza a ponta de trabalho na laçada formada pelo fio da esquerda, passando por baixo da parte fixa do fio da direita *(fig. 93C)*. Siga a explicação do texto, orientando-se pelas ilustrações.

Os nós podem ser montados em seqüência, seguindo sempre a mesma direção indicada pelas setas nas pontas de trabalho dos fios. Note que este nó é composto de dois meios-nós entrelaçados no seu interior *(fig. 93D)*.

Figura 93



Nó Vitória *(fig. 94)*

Muito decorativo e ideal para iniciar trabalhos de tapeçaria sobre uma cana ou outro suporte, o nó Vitória é executado na curva do fio ou cordão.

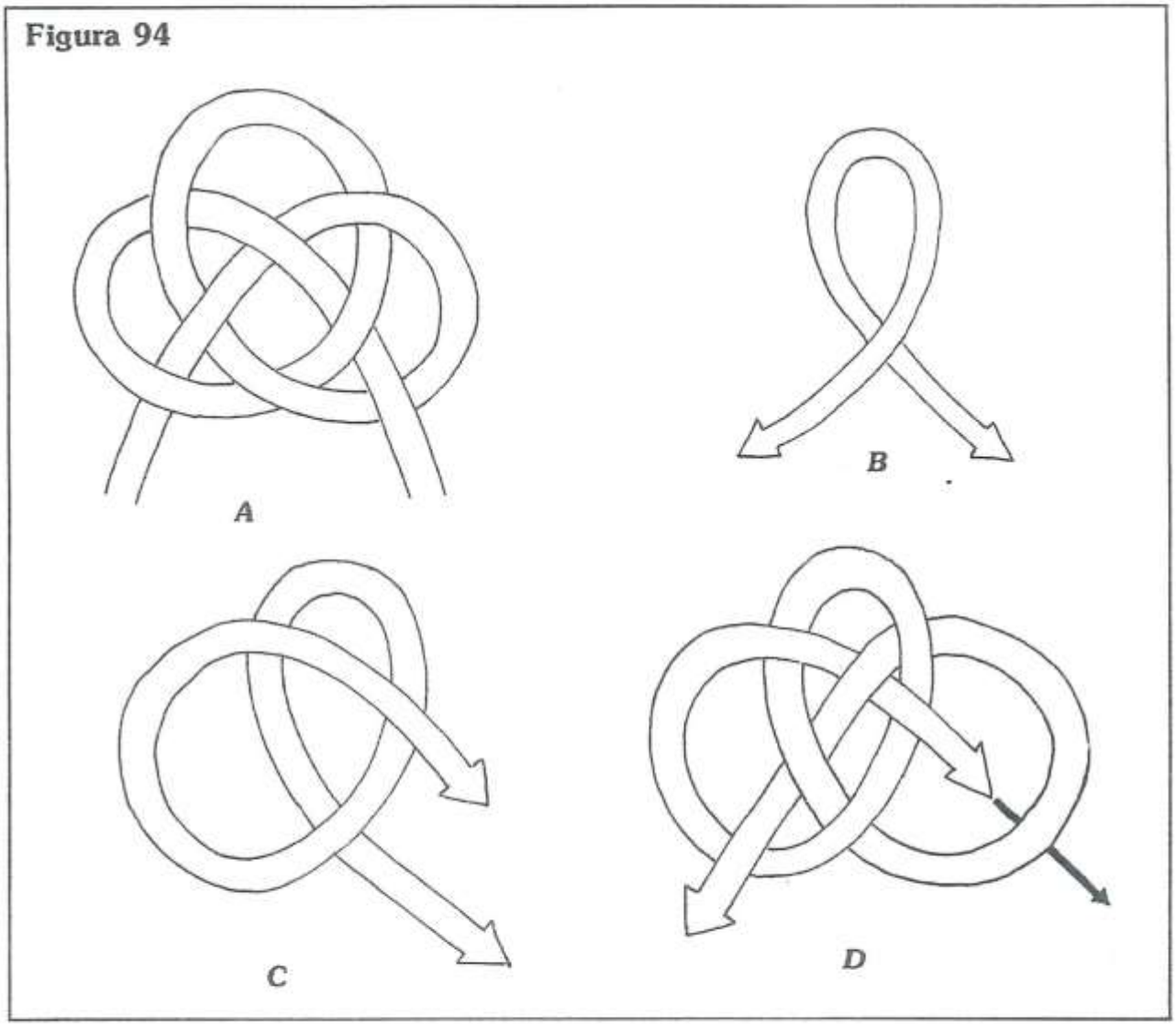
Como o leitor poderá observar no esquema da *figura 94A*, o nó em questão nada mais é que o nó Josefina, trançado na curva, ou seja, empregando as pontas de uma laçada.

As explicações são idênticas às dadas para a execução do nó Josefina, usando uma laçada para iniciar o processo *(fig. 94B)*. Depois de feita a laçada com a perna direita do fio sobreposta à perna esquerda, faça outra laçada sobre a anterior, com os cruzamentos todos sobrepostos *(fig. 94C)*. A seguir, empregando a ponta do fio da direita, vá entrelaçando como é visto na *figura 94D*, de forma a prender os cruzamentos soltos da primeira e segunda laçadas.

O leitor atento poderá observar que este nó é uma combinação de três meios-nós entrelaçados simultaneamente.

Para conseguir um efeito decorativo, deve-se apertar as laçadas de forma a obter uma simetria correta entre elas.

Figura 94

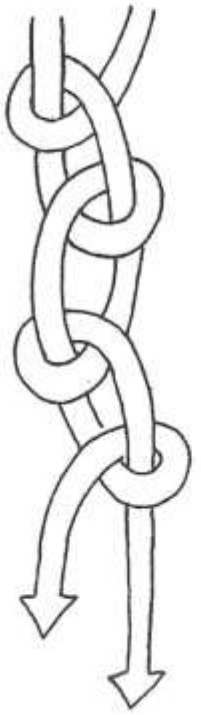


Nó de Trança *(fig. 95)*

O nó de trança é composto de laçadas montadas duas a duas em forma espiralada. Como se pode ver claramente pelos desenhos, o nó de trança é trabalhado com dois fios. Enquanto se prende um deles, faz-se uma laçada com o outro e assim alternadamente, seguindo sempre a mesma ordem. *(fig. 95A)*.

Como o leitor pode observar, o nó de trança pode ser espelhado, no caso do trabalho a ser executado exigir uma simetria *(fig. 95B)*.

Figura 95



A

B

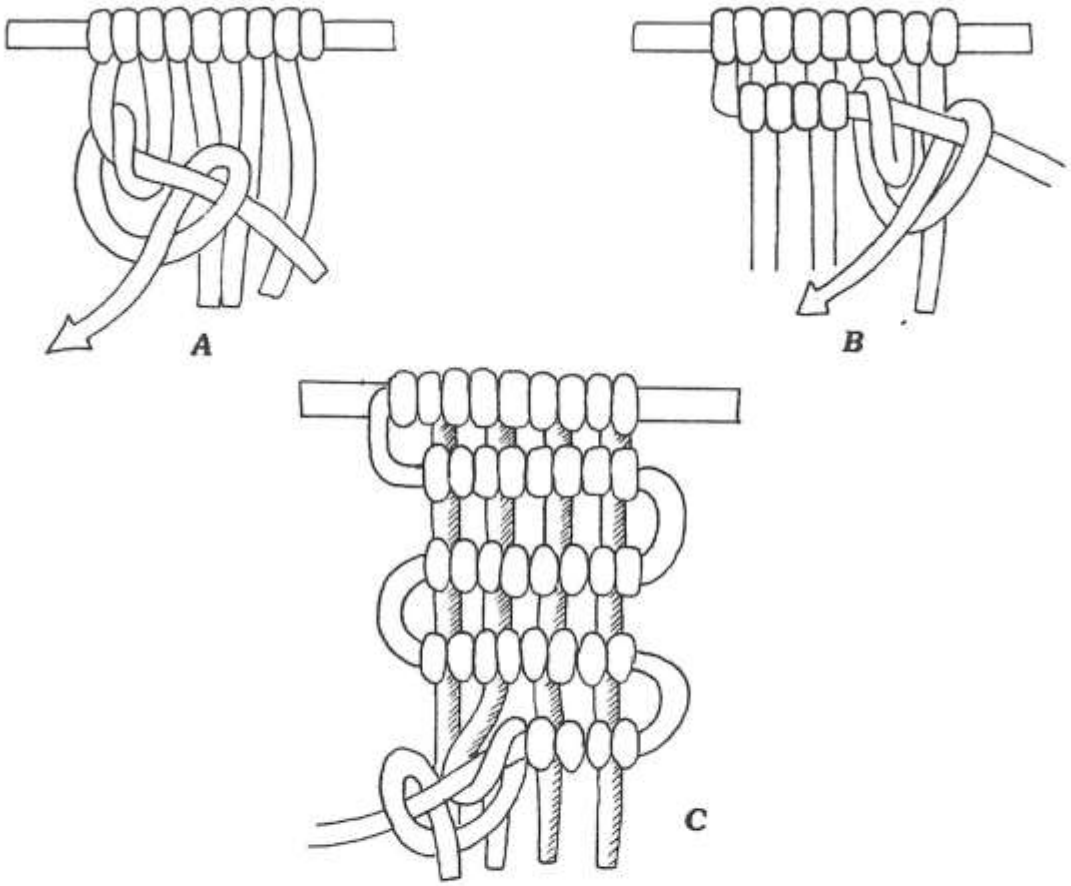
Nó de Cordão *(fig. 96)*

O nó de cordão é específico para cobrir totalmente áreas de um trabalho de tapeçaria ou outro qualquer, onde não se deseja um efeito de transparência entre os nós. Para ser executado, o nó de cordão empregará sempre uma seqüência de vários fios adaptados a um suporte.

Inicie o trabalho usando os dois primeiros fios da esquerda, sendo que o primeiro servirá como guia, enquanto o segundo será o fio de trabalho *(figura 96A)*. Execute os movimentos indicados na figura 96B, empregando o segundo fio, envolvendo-o sobre o fio de trabalho. Execute dois meios-nós, seguindo a seta na parte do fio de trabalho. Aperte o nó, ajustando-o devidamente e abandone o fio de trabalho (o segundo fio), substituindo pelo terceiro fio. Execute o mesmo trabalho sobre o fio guia, ajustando o nó. Abandone o terceiro fio e passe para o quarto, quinto... e assim sucessivamente, até chegar ao último fio do suporte *(fig. 96B)*.

Para retornar, giramos o fio guia para a esquerda e fazemos então o mesmo trabalho anterior, com o primeiro fio da esquerda, montando o nó agora invertido, como é mostrado da *figura 96C*. E o processo se repetirá na mesma seqüência até cobrir a área desejada.

Figura 96



Montagem de Fios com Nó Duplo *(fig. 97)*

Montar os fios de forma simples, como já é conhecida. Em seguida, fazer passar o fio da esquerda por cima do porta-nós e passar a ponta do fio por dentro da laçada. Repetir o mesmo com o fio da direita e puxar os dois fios para ajustá-los adequadamente *(fig. 97)*.

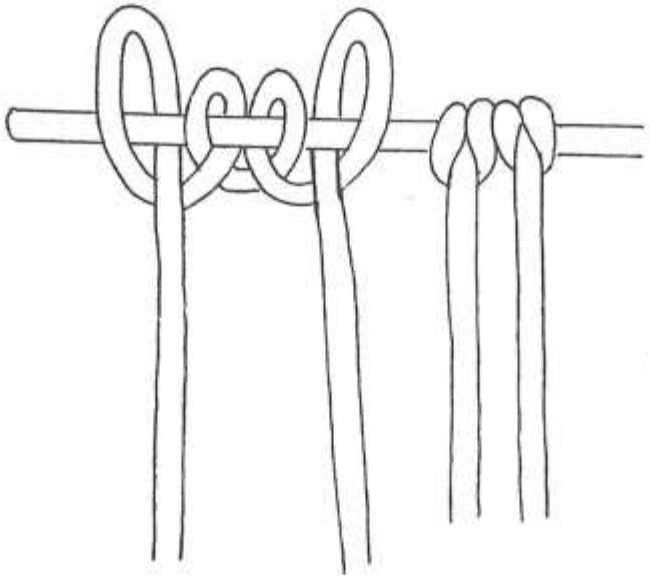


Figura 97

Montagem de Fios com Nó Duplo e no Alto *(fig. 98)*

Dobre o fio ao meio e faça um meio-nó, ajustando-o levemente. Segurar os fios pelo nó, empregando um alfinete preso sobre a tábua — se for o caso — e executar exatamente as instruções já fornecidas para a montagem dos fios com nó duplo *(fig. 98)*.

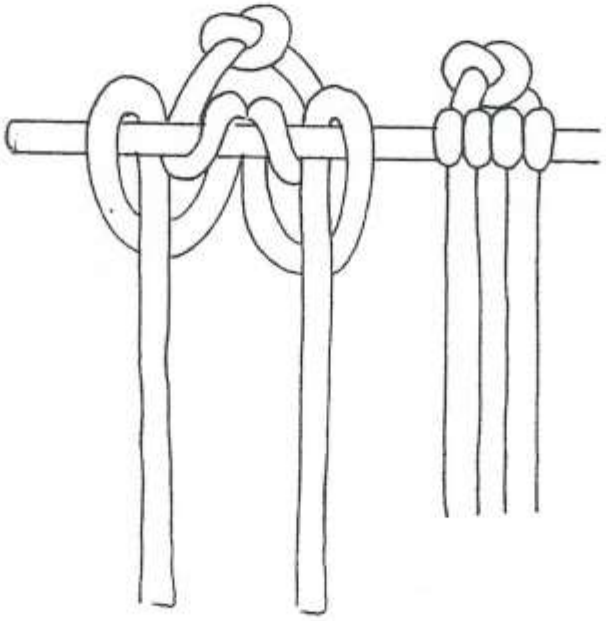


Figura 98

Nó Simples *(fig. 99)*

Este nó pode ser realizado com um, dois ou mais fios de uma só vez. Não se trata de um nó decorativo, mas de trabalho. Serve para evitar que os cordões de trabalhos diferentes se enlacem, atrapalhando o trabalho. Também podem ser — e são — usados para arrematar trabalhos que terminem em franjas.

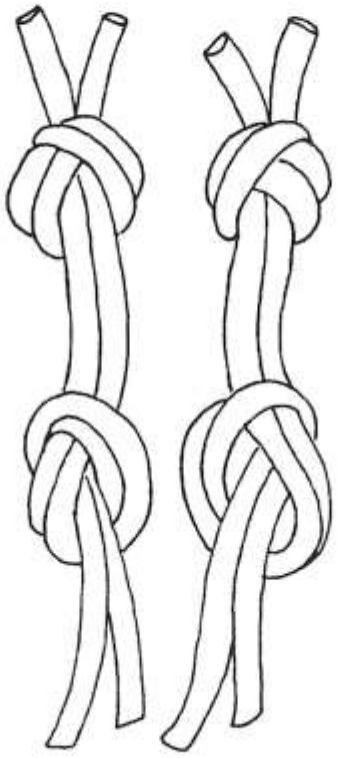


Figura 99

Nó de Festão *(fig. 100)*

O nó de festão é executado com dois fios, sendo um de trabalho e o outro como porta-nós. Pode ser executado de forma espelhada, no caso de se empregar uma simetria no trabalho que se executa.

Segure o fio porta-nós firmemente e trance o fio de trabalho sobre ele, fazendo um meio-nó, da direita para a esquerda ou vice-versa, conforme for a necessidade *(fig. 100)*.

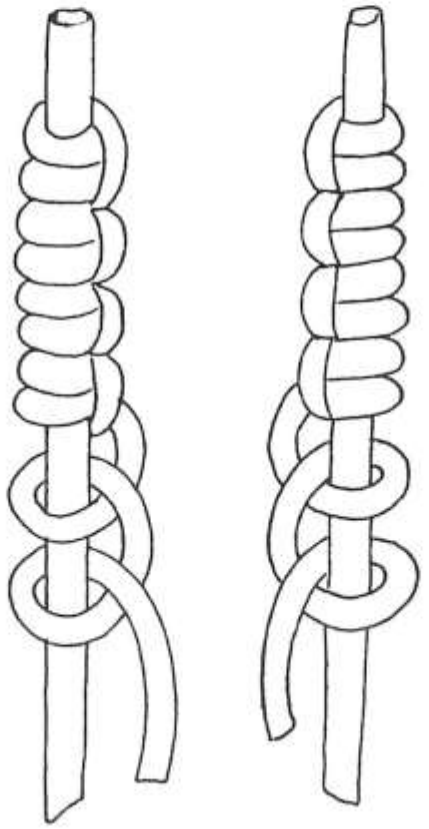


Figura 100

Nó de Surrão ou Plano com Gotas *(fig. 101)*

Verifique novamente as instruções fornecidas para a montagem do nó plano ou de surrão *(ver fig. 91)*.

Faça um nó plano ou de surrão e em seguida deixe um espaço sobre os fios porta-nós, executando outro nó plano. Pressione o nó levemente e ajuste-o ao nó anterior, formando assim as laçadas em forma de gotas *(fig. 101)*. As gotas serão maiores ou menores de acordo com o espaço deixado na armação do nó.

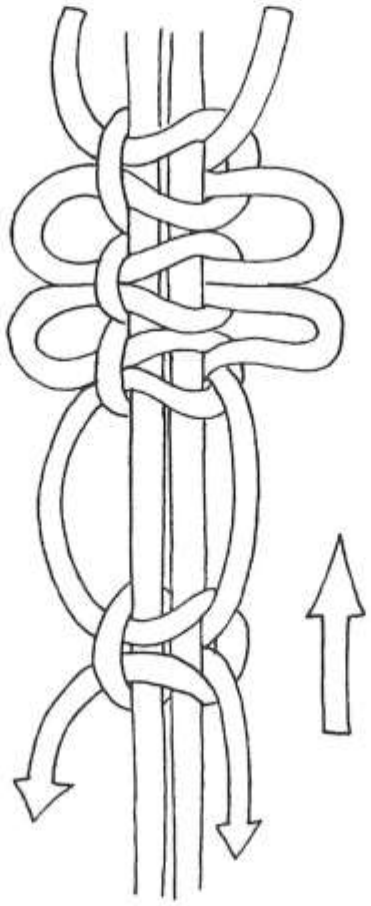


Figura 101

Nó de Frade Simples de Dois Fios *(fig. 102)*

Também chamado de ponto de rede, o nó de frade dispensa explicações, uma vez que, pela simples observação do desenho, pode-se compreender integralmente a sua execução. Consta de um simples meio-nó aplicado sobre um fio porta-nós *(fig. 102)*.

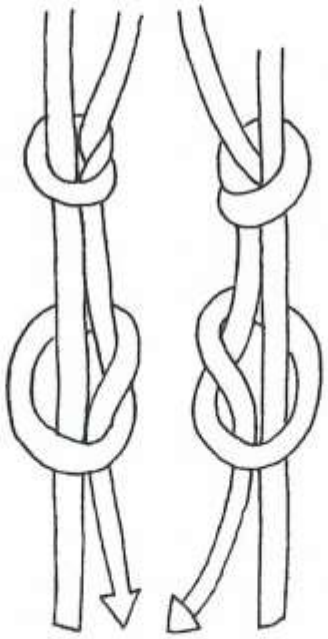


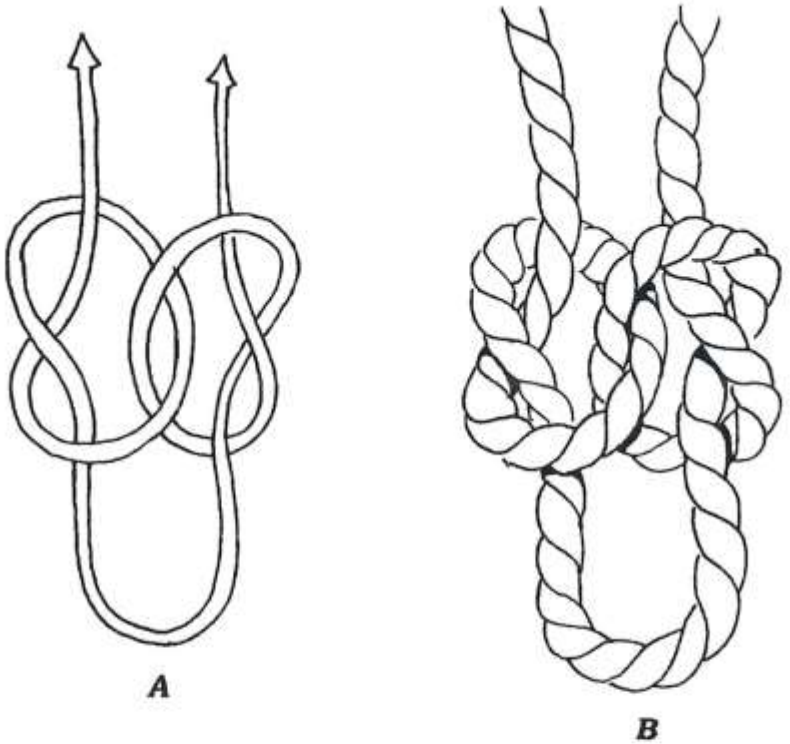
Figura 102

Nó Amor-Perfeito *(fig. 103)*

O nó amor-perfeito consta de dois meios-nós invertidos entrelaçados entre si, partindo de uma laçada prévia. É ideal para iniciar trabalhos e pode ser executado em torno de um fio ou cana porta-nós.

Dobre o fio ao meio e faça um meio-nó na ponta de trabalho do fio da esquerda. Agindo da mesma forma, entretanto de modo inverso, faça um meio-nó com a ponta de trabalho do fio da direita, entrelaçando-o ao meio-nó produzido anteriormente no fio da esquerda *(fig. 103A)*. Seguindo o diagrama com os olhos, pode-se facilmente compreender a seqüência dos movimentos. Em cordas relativamente grossas, o efeito final destaca-se com maior propriedade.

Figura 103

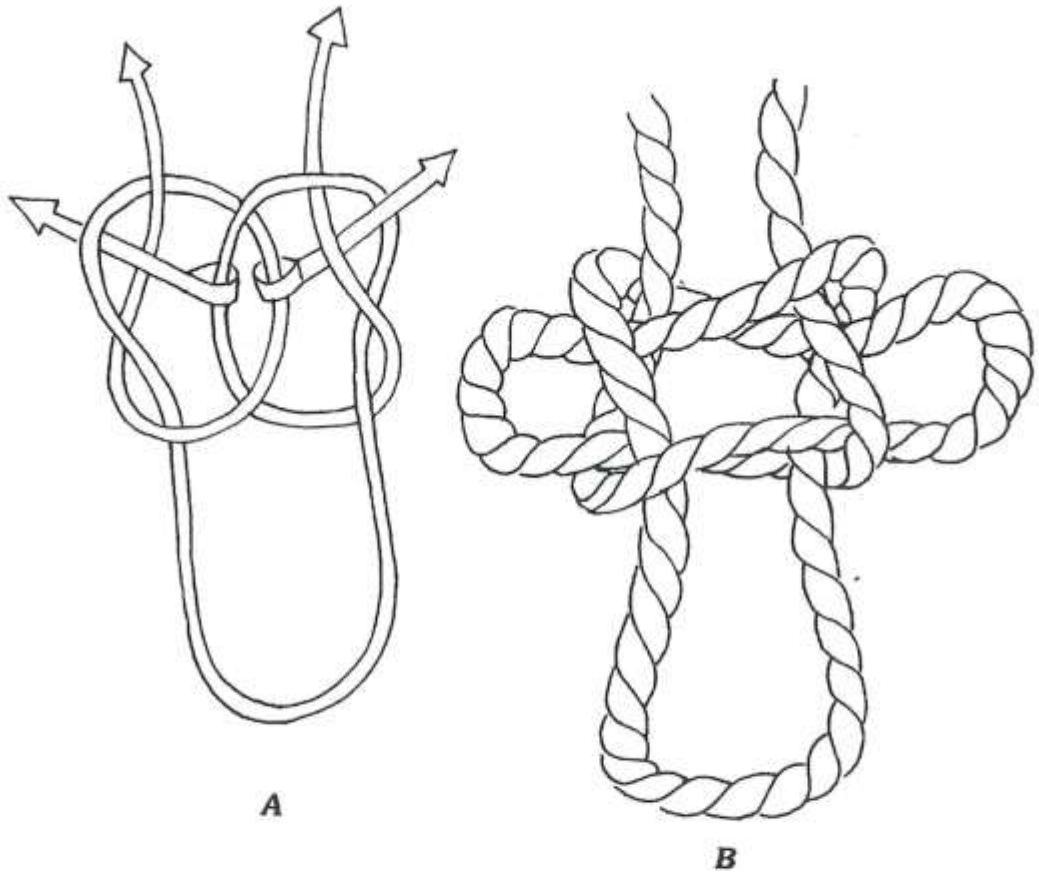


Nó Trevo *(fig. 104)*

Também muito decorativo, o nó trevo é uma simples variação do nó amor-perfeito, visto na *figura 103*. Para a sua formação, execute o mesmo movimento indicado no diagrama do nó amor-perfeito *(fig. 104A)* e, em seguida, puxe para fora as laçadas formadas no interior pelo entrelaçamento dos meios-nós *(fig. 104A)*, nas direções indicadas pelas setas. Puxe as pontas de trabalho e a laçada para ajustar o nó e prender as alças formadas pelas partes anteriormente pertencentes aos meios-nós, agora inexistentes. Dê a forma de um trevo, armando conforme queira as três laçadas *(fig. 104-B)*.

Este não é um nó seguro, e sua finalidade é apenas decorar. Não suporta nenhuma tensão e pode desmanchar-se com facilidade, voltando a ser um nó amor-perfeito. Seu emprego é comum como aplicação colada ou costurada sobre outra peça ou ainda como motivação para peças de joalheria.

Figura 104



*
* *

*
* *

A Ediouro tem em seu catálogo mais de 3.000 títulos sobre inúmeros assuntos:

- *Agricultura*
- *Agropecuária*
- *Animais de estimação*
- *Antropologia*
- *Arte*
- *Artes plásticas*
- *Artesanato*
- *Biografia*
- *Casa e jardim*
- *Ciências*
- *Ciências ocultas/Parapsicologia*
- *Cinema*
- *Comunicação*
- *Construções e instalações*
- *Corte e costura*
- *Culinária*
- *Dança*
- *Desenho e pintura*
- *Dicionário*
- *Didático*
- *Direito*
- *Ecologia*
- *Economia e negócios*
- *Educação*
- *Educação física*
- *Esoterismo*
- *Esporte*
- *Ficção científica*
- *Filosofia*
- *Folclore e mitologia*
- *História*
- *História em quadrinhos*
- *Humor*
- *Informática*
- *Inspiração*
- *Jogos e recreações*
- *Línguas estrangeiras*
- *Literatura brasileira*
- *Literatura estrangeira*
- *Literatura infantil*
- *Literatura infanto-juvenil*
- *Literatura juvenil*
- *Literatura portuguesa*
- *Livro de referência*
- *Livro-jogo*
- *Medicina*
- *Medicina popular*
- *Música*
- *Pais e filhos*
- *Policial*
- *Psicologia e psicanálise*
- *Psicologia popular*
- *Religião*
- *Saúde e beleza*
- *Sexo*
- *Sociologia e política*
- *Teatro*
- *Veículos*
- *Viagem*

*
* *

*
* *

*
* *

O LIVRO DOS NÓS DE TRABALHAR E DECORATIVOS

Autor: ARNALDO BELMIRO

EDITORA DIGITAL

"**ÁGUA PRECIOSA**"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO

Todos nós, seja qual for a nossa profissão ou atividade, nos vemos às vezes forçados a dar um nó em alguma corda, cordão ou barbante. Pode ser numa mudança, ou fazendo um pacote, amarrando um anzol, dando um nó na gravata... É nessas horas que reparamos que não sabemos fazer qualquer outro tipo de nó além do conhecidíssimo nó cego, que depois de tensionado só se desfaz quando cortado.

Mas a utilidade dos nós não está só aí. Podemos, inclusive, afirmar que muitas vidas dependem de um nó bem dado. Vejamos alguns exemplos: o nó dado na corda dos alpinistas, na corda de salvamento do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil, na corda de sustentação de profissionais como pintores, eletricistas... Para esses últimos, saber fazer um nó é ponto fundamental em suas ações cotidianas. Isso tudo sem contar a utilidade dos nós em atividades como a caça, a pesca, o camping, o escotismo...

Este livro é para todas essas pessoas que, de uma forma ou de outra, precisam fazer nós e laçadas. Todos os nós são acompanhados de esquemas em que a execução dos mesmos é mostrada etapa após etapa, por meio de figuras, o que facilita em muito a sua compreensão e a sua execução. São mais de cem tipos de nós, aplicáveis a todas as necessidades; até mesmo à confecção de trabalhos em macramê, ao qual o autor dedicou um capítulo completo.

ISBN 85-00-01640-X

9 788500 016400

Ediouro